

**Programa de Pós-Graduação
Comunicação, Cultura e Amazônia**

Elson Silva dos Santos

Eu encontrei ele no *Grindr*

**processos comunicacionais e sociais
entre jovens gays em Belém**

**Belém - PA
2020**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO COMUNICAÇÃO, CULTURA E
AMAZÔNIA
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

ELSON SILVA DOS SANTOS

EU ENCONTREI ELE NO *GRINDR*: processos comunicacionais e sociais
entre jovens *gays* em Belém

BELÉM - PA
2020

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

S237e Santos, Elson Silva dos
EU ENCONTREI ELE NO GRINDR: : processos
comunicacionais e sociais entre jovens gays em Belém / Elson
Silva dos Santos. — 2020.
140 f. : il. color.

Orientador(a): Prof^a. Dra. Manuela do Corral Vieira
Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em
Comunicação, Instituto de Letras e Comunicação, Universidade
Federal do Pará, Belém, 2020.

1. Comunicação. 2. Grindr. 3. Aplicativos de
Relacionamentos. 4. Sociabilidade. 5. Gênero. I. Título.

CDD 303.4833

ELSON SILVA DOS SANTOS

**EU ENCONTREI ELE NO *GRINDR*: processos comunicacionais e sociais
entre jovens *gays* em Belém**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia, do Instituto de Letras e Comunicação, da Universidade Federal do Pará, como requisito necessário para a obtenção do título de Mestre em Ciências da Comunicação.

Linha de Pesquisa: Processos Comunicacionais e Mídiação na Amazônia

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Manuela do Corral Vieira

BELÉM - PA
2020

ELSON SILVA DOS SANTOS

**EU ENCONTREI ELE NO *GRINDR*: processos comunicacionais e sociais
entre jovens *gays* em Belém**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia, do Instituto de Letras e Comunicação, da Universidade Federal do Pará, como requisito necessário para a obtenção do título de Mestre em Ciências da Comunicação.

Linha de Pesquisa: Processos Comunicacionais e Mídiação na Amazônia

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Manuela do Corral Vieira

RESULTADO: () APROVADO () REPROVADO

Data: 30 de junho de 2020

Prof.^a Dr.^a Manuela do Corral Vieira – Orientadora – (PPGCom/UFPA)

Prof.^a Dr.^a Elaide Martins da Cunha (PPGCom/UFPA)

Prof.^a Dr.^a Rosaly de Seixas Brito (PPGCom/UFPA)

Prof.^a Dr.^a Telma Amaral Gonçalves (PPGSA/UFPA)

*Dedico este trabalho para todos/as/es que são vistos
como abjetos diante da sociedade.*

AGRADECIMENTOS

Em meio a cenário político caótico, escrever esta dissertação não foi uma tarefa fácil. Minha proposta de estudo me trouxe tantas descobertas, tantos questionamentos, e enfrentar as ideologias de um governo conservador fez com que forças fossem unidas entre os mais fragilizados e abjetos, que são julgados – até hoje – por conta de um sistema patriarcal, machista e opressor. Eu espero que um dia essa tempestade fique mais leve. Ainda há esperança. Espero que as pessoas aprendam, não julguem as diferenças e as escolhas dos outros. Apesar dos pesares, o mais importante deste trabalho foi a rede de apoio construída do início ao fim.

Em primeiro lugar, agradeço por toda a força divina. Independentemente de forma, sei que alguém olha por mim e sou muito grato por tudo que tive e continuo tendo. Posso ter falhado inúmeras vezes, mas o principal é não deixar de seguir um caminho em que acredito, apesar de toda as divergências que me fazem pensar e refletir. Afinal, estamos aqui para questionar e sei que podemos contornar isso colocando o nosso posicionamento e sendo quem somos, sem perder a nossa essência.

Estendo meus agradecimentos aos meus pais que, apesar das divergências, *também* me acolheram desde o primeiro sopro, fazendo com que as coisas mais básicas e necessárias da vida fossem realizadas, mesmo com todas as dificuldades. Ao meu irmão Elton, um pouco silencioso, e nesse mesmo silêncio a gente se entende e troca algumas palavras, que formam frases que fazem sentido, permeiam no espaço e no companheirismo que a gente se permite.

Aos meus familiares, estendo meu carinho e gratidão aos meus avós, que batalharam e lutaram para construir este seio familiar. Muita batalha e luta em uma família que ganha seu primeiro mestre e agradeço imensamente porque, sem vocês, eu não seria tão privilegiado e não poderia construir os meus sonhos e alcançar os meus objetivos de forma leve e sem preocupações. Horácio, Joana, Edgar – *in memoriam* – e Tereza, apesar da partida cedo ou do pouco contato, eu sei a importância que vocês têm na minha vida e na construção dela, de forma direta e indireta.

Aos amigos, inicio, primeiramente, aos que se foram. Neusa, tu és tão importante nesse processo... Vai ser a primeira da lista, por todo o apoio. A graduação foi apenas um encontro dessa rede. Tua partida foi rápida, mas temos sempre conosco as boas lembranças da tua elegância e da tua humildade. És um ser iluminado e que emana energia desde sempre e por todos os lugares (tudo no tempo presente). Os pensamentos de boas lembranças ficarão guardados sempre na minha memória. O grupo *Friends* sente muito a tua falta, eu tenho certeza. Nosso grupo se reduziu, mas ainda temos os mesmos ícones e o mesmo amor um pelo outro: a

Doutora Ivana é a cabeça desse grupo, com tantas figurinhas e memes, lidera esse time e, claro, ainda é a Famosinha do *Twitter*; Danuta é quase Doutora, no mundo cor de rosa e trazendo as notícias do Remo e do Carnaval; Ju, que antes era silenciosa, agora festeira – festa com ela é de segunda a segunda; Robson e Ana Paula, objetivos e diretos; Malu, vivendo no mundo da moda e do *boy*, às vezes lembra da gente; Paula virou atriz e estrelou aquele filme, “Lugar Silencioso”. Aqui nesse grupo temos todas as lembranças de ti. Obrigado por ter feito parte dele, que carrega toda uma história. E obrigado, grupo querido, por tantos compartilhamentos, aconchegos, cafés no Armazém Belém, aniversários surpresas e tudo que vem aí pela frente, de qualquer situação. Sei que terei alguma palavra de conforto e apoio. Eternos professores e amigos da graduação.

Já o mestrado foi uma escolha muito interessante e ao mesmo tempo muito insegura. Aventurei-me nesse universo da pesquisa, que sempre adorei, mas fazer isso de uma forma mais aprofundada sempre me assustou. Mas foi graças a vocês que esse caminho se tornou tão leve e divertido: Alessandra Nunes, Andressa Arielly, Ângela Bazzoni, Bianca Leão, Emanuele Corrêa, Gersika Nascimento, Isabelle Fecury, Jetur Lima, Lais Teixeira, Lanna Ramos, Lazaros, Maria Alejandra, Mariana Pereira, Mayra Leal, Milene Sousa, Prichorra Sousa, Priscilla Brito, Suzana Magalhães, Thais Rezende e Vanessa Monteiro. Vocês foram super essenciais nessa caminhada. Esses foram os dois anos mais loucos que tive. Aprendi muito com vocês e sou muito grato por essa turma sem ego e sem nenhuma competitividade. A ajuda coletiva era nossa marca, as festas foram sensacionais, as comemorações, a torcida um pelo outro era evidente e isso mostrou que éramos diferentes. Obrigado, *Hora Loka*. Foi um grupo além. Foi um grupo de afeto e de construção de laços. Obrigado, mestres e mestradas da turma 2018 do PPGCom/UFPA.

E, dessa turma, de modo especial, queria escrever para três grandes personagens dessa novela: o núcleo *Narizes Franceses*. A primeira é a minha *Eleven*, que, com todo carinho, foi muito importante até aqui. Cada conselho, conversas sobre a vida, sobre signos, nessa alma escorpiana fez tudo ser tão leve e tranquilo. Outra personagem é a Mulher Universal, nosso contato foi o primeiro e levarei cada conversa, festa, manifestação... Obrigado por ser tão acadêmica e por ser tão informal ao mesmo tempo. Os teus memes foram os melhores. E, por fim, mas não menos importante, o destino uniu duas almas completamente loucas e juntou em um mesmo espaço. As tuas paranoias fizeram com que tudo fosse mais engraçado. Fizemos de tudo! As festas no Vadião não foram nada. As altas horas no laboratório também, tudo foi na medida certa, temos muita história para contar, não é, Pri? Eu quero e desejo o melhor para vocês. As lágrimas que escorrem minuciosamente agora, na escrita, são das lembranças boas que ficarão. E, claro, sempre fazendo festa para dançar e comemorar tudo.

Não poderia deixar de agradecer mais uma pessoa muito importante nesse processo: minha orientadora Manuela Corral. Obrigado, Manu, por sempre estender a mão e me ajudar, entender as minhas angústias e meus anseios pela pesquisa que estão se transformando nesta dissertação. Sem a tua força e teu apoio nada estaria aqui. As orientações, com altas risadas e puxões de orelha também, e eu digo que tudo isso faz parte. Terminei mais um ciclo e posso te dizer, com toda certeza, que cresci. Estou saindo uma pessoa diferente e tudo isso foi por conta do teu incentivo e parceria. Por isso, este trabalho é nosso. Obrigado por todos os retornos imediatos e pelas leituras sufocantes neste texto que, lá no começo, era medroso. Cada revisão veio diferente e mudou a minha maneira de olhar para o meu trabalho, com crítica e reflexão. Obrigado pelo estágio docente cheio de aventura e de curiosidade. Aqui fica minha gratidão por toda confiança no meu trabalho e pela construção conjunta comigo. Eu digo que esse ciclo foi um belo reencontro.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia por me acolher nesse espaço. Cada hora passada em suas dependências foi de extrema importância para mim, e vou levar esse aprendizado para todos que sonham em ter os seus olhares mais críticos e mais tensionados aos inúmeros objetos e sujeitos de pesquisa. Obrigado pela atenção e dedicação da secretaria, com Juliana Ranieri e Rafael Acatauassu. Agradeço, de modo especial, às professoras Elaide Martins, Rosaly Brito e Telma Amaral, pela participação e contribuição ao meu trabalho, quando este ainda ganhava forma e conteúdo. Aos professores LZ, Alda Costa, Otacílio Amaral e Vânia Torres, pelas disciplinas, conversas e desdobramentos desse universo acadêmico.

Aos grupos de pesquisa Consia e InovaCom, dos quais faço parte. Confesso que entrei totalmente envergonhado, por ter que falar algo sobre temas tão aprofundados e teóricos, mas foi uma descoberta e foi crucial para essa minha trajetória. Aqui fiz mais que amigos, fiz irmãos que fazem parte de uma família para mim. O consumo e inovação entre a gente não é visto da mesma forma. As discussões ganham *corpus* quando nós colocamos nossa cara, os nossos “filhos”, e comemoramos muito quando alguém de lá se destaca. Não tem competição. É amizade mesmo e torcida um pelo outro: Sarah (meu cristal), Vitória (cristalzinho), Adriana, Matheus Nery, Matheus Henrique, Marcio, Nelson, Tarcízio, Victor, Gabriel, Rosa, Alice, Paloma, Rodrigo, Pedro, Adriane e Raíssa, sucesso para nosso grupo e para nossas pesquisas.

Destaco minha gratidão, bem especial, para essas irmãs: Emanuele Corrêa e Camila Guimarães. Obrigado pelas conversas, pelos compartilhamentos, pelas angústias e pelas experiências. Vocês são guerreiras, sei que essa vida dupla, vida tripla, terá uma recompensa

no futuro muito próximo, contem comigo e muito sucesso com as *themônias* e com as cacheadas nessas pesquisas inspiradoras.

Agora é a vez da mestra Mariana Menezes, meu presente e uma grande inspiração. Uma amiga formidável, nenhum defeito, e fada sensata. Faz tudo – diz que não faz, mas, quando percebe, *tá* fazendo tudo mesmo. A gente pode passar dias sem se falar, mas sempre rola uma fofoca e um apoio moral. Obrigado por sempre me reerguer no momento da escrita, com uma mensagem de apoio e com os *freelas* da vida. Obrigado por toda parceria, acadêmica ou não, profissional ou não. Aliás, a gente gosta de viver de tudo um pouco, não importa o que seja; independentemente do que for, que seja leve e com essa parceria e gritaria de sempre.

Aos meus amigos, pelo apoio, apesar da distância; quando há um encontro, tudo se transforma e é graças a vocês que essa categoria, amizade, vale a pena. Obrigado por todo carinho, apoio e gratidão, meus amigos: Ana Peixoto, Amanda Carneiro, Flávia Katrine, Isis Aguiar, Larissa Mercês, Lorena Bastos, Lygia Sousa, Manuela Ribeiro, Mariane Gomes, Rogério Peixoto, Rayanne Bulhões e Tamara Cabral.

Ao meu grupo do convênio, vocês são amigos para todas as horas. Pode ter dias de silêncio, mas quando acontece algo é para esse grupo que a gente corre para compartilhar nossas conquistas e fracassos. As melhores *zueiras* saem de lá e, por conta disso, alguns já saíram, mas eles que lutem. É o nosso espaço há mais de oito anos; um ciclo em que a gente nem fazia ideia de que chegaríamos aqui, vendo as conquistas de cada um: do Ensino Médio e o que mais for permitido. O elo da amizade que construímos está bem amarrado para ser desfeito. Às vezes é fragilizado, porque as brigas e os desentendimentos ocorrem, mas essa mesma situação vira motivo de piadas, que passam anos e anos habitando esse mesmo espaço. Eduardo, Jheniffer e Nadime, contem comigo para tudo. O *Big Brother Brasil* não é o mesmo sem a gente. Os nossos áudios merecem ser guardados para as nossas próximas gerações. A nossa amizade deve existir até a gente virar pó. Amo vocês.

Por fim, queria deixar um espaço mais que especial para uma pessoa tão distante e tão próxima ao mesmo tempo. Esse parágrafo é só teu. Eu não consigo te agradecer mais do que eu já agradeço. Por isso, não poderia deixar de te agradecer publicamente e dizer o quanto me fazes feliz e que, nesse ciclo, foste essencial, por todo o apoio e por ter segurado a minha mão em inúmeros leves desesperos e pela leitura carinhosa deste trabalho. Quando estou contigo, as horas passam voando, nem consigo contar. Tu sempre me mostras os melhores caminhos. As melhores e longas conversas são contigo, também. Elas são conversas de horas, e que parecem minutos por tão sinceras que são. Hoje já me sinto parte de ti, da tua família e dos teus bebês caninos. Muito obrigado por tudo. Um mundo de realizações para a gente e que permanecer

seja mais que uma opção, porque *“não há destino, só existe eu e você, o resto é poesia pro nosso amor, pra nossa dor, pra nós...meu talismã”*.

Depois desse longo agradecimento, agradeço ainda a todos os interlocutores que participaram dessa pesquisa. Agradeço pelas reflexões e pelas longas e árduas conversas. Agradeço à UFPA, pelo suporte, pela acolhida e pela nova realidade, que eu desconhecia no ensino público. Precisamos ser resistência. Os pensamentos e as inquietações só são possíveis por conta de espaços que constroem e fortalecem a pesquisa. Fica aqui a minha súplica para que mais pessoas tenham essa mesma oportunidade de acesso e possam desfrutar desse lugar de liberdade e de resistência. Viva a universidade pública, para todas, todos e todes!

*Em uma cultura aparentemente regida por
tecnologias de hipervisibilidade, somos
levados a acreditar não apenas que tudo pode
ser visto, mas também que tudo está acessível
ao nosso consumo e para ele disponível.*

Avery F. Gordon

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo, a partir de inspiração antropológica, compreender as práticas comunicacionais e sociais de jovens *gays* no aplicativo de relacionamento *Grindr*, utilizado no âmbito da cidade de Belém e sua área metropolitana. Os aplicativos fazem parte do contexto entre sujeitos e aparelhos tecnológicos que abrangem as dimensões da vida e suas práticas sociais, como os relacionamentos. Percebe-se como a usabilidade do *app Grindr* torna-se mediadora e facilitadora de vínculos sociais tanto em visibilidades corporais e estéticas, quanto de conteúdos e interesses afins. As análises da presente pesquisa estão baseadas na interlocução entre a área da Comunicação com as categorias de sociabilidade, tecnologia e gênero. A pesquisa de campo consistiu em observação participante de 28 dias, nos meses de julho e agosto de 2019, em que se utilizou perfil no *Grindr* criado com esse propósito. Realizaram-se também entrevistas, com roteiro semiestruturado, com jovens que já utilizaram o *Grindr* em seus dispositivos móveis e buscaram experiências com outros homens. Assim, foi possível identificar como as questões de gênero estão presentes nas experiências desses usuários e nas suas relações sociais que se manifestam no aplicativo, trazendo reflexões sobre a relação de poder produzido pela homofobia e masculinidades em uma sociedade heteronormativa, na qual negociações e códigos sociais atravessam as performances e as identidades dos sujeitos.

Palavras-chave: Comunicação; *Grindr*; Aplicativos de Relacionamento; Sociabilidade; Gênero.

ABSTRACT

This study aims, based on anthropological inspiration, to understand the communications and social practices of young gay men in the relationship mobile app *Grindr*, used within Belém City and its metropolitan area. Apps are part of the context among subjects and technological devices that cover the dimensions of life and its social practices, such as relationships. It notices how the usability of the *Grindr* app becomes a mediator and facilitator of social bonds so much in body and aesthetic visibilities, as well as related to contents and interests. The analysis of this study is based on the interlocution among Communications Studies and the categories sociability, technology and gender. The field research consisted of 28-day participant observation, between July and August 2019, in which a profile created for this purpose was used on the *Grindr* app. Interviews were also carried out with a semistructured survey with young men who have ever used *Grindr* on their mobile devices and looked for experiences with other men. Thus, it was possible to identify how gender issues are present in the experiences of these users and in their social relationships manifested on the app, bringing thoughts about the power relations produced by homophobia and masculinities in a heteronormative society, in which negotiations and social codes cross the subjects' performances and identities.

Keywords: Communications Studies; *Grindr*; Relationship Apps; Sociability; Genre.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Peças de divulgação e de preço do <i>Grindr XTRA</i>	36
Figura 2 - Marca do app <i>Grindr</i>	39
Figura 3 - Interface do aplicativo e suas funcionalidades	41
Figura 4 - Atalhos principais na área principal do <i>app</i>	41
Figura 5 - Resumo do funcionamento do <i>app</i>	43
Figura 6 - Cadastro no <i>Grindr</i>	53
Figura 7 - Divulgação do clipe da cantora Pablo Vitar <i>feat. Charli XCX</i>	56
Figura 8 - Filtros de <i>taps</i>	58
Figura 9 - Imagens usadas durante as semanas no <i>Grindr</i>	59
Figura 10 - Principais países por <i>downloads</i> da App Store.....	73
Figura 11 - <i>Smartphone</i> no Brasil e a evolução dos <i>apps</i>	75
Figura 12 - <i>Websites</i> mais visitados no mundo	86
Figura 13 - Crescimento nos aplicativos de namoro por gasto global do consumidor.....	87
Figura 14 - Divulgação do aplicativo	109
Figura 15 - Organograma de organização para contabilização de dados	115
Figura 16 - Divulgação do aplicativo <i>Grindr</i>	120

SUMÁRIO

LOADING	15
1 HOME: O MUNDO DAS TELAS	27
1.1 O <i>Grindr</i>	34
1.2 Vivências e impressões	43
1.2.1 Interlocutores Usuários	46
1.2.2 @pesquisador25	48
1.2.3 Categorias e Conceitos	61
2 SETTINGS: VÍNCULOS SOCIAIS, TECNOLOGIA e APPS DE RELACIONAMENTOS	64
2.1 Sociedade tecnológica em rede e as relações com os objetos	64
2.2 Aplicativos de relacionamentos para <i>smartphones</i>	72
2.3 A busca e as questões dos afetos entre sujeitos	80
3 MESSAGES AND TAPS: GÊNERO, SEXUALIDADE E MASCULINIDADES .	91
3.1 As questões de gênero e sexualidade	91
3.1.1 Os desdobramentos da(s) masculinidade(s)	97
3.2 As identidades no <i>Grindr</i> e as suas negociações	104
3.2.1 Imagens, corpos e seus encantamentos	107
LOGOUT	124
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	127
APÊNDICE A – TERMO DE LIVRE CONSENTIMENTO	135
APÊNDICE B – ROTEIRO SEMIESTRUTURADO	138
APÊNDICE C – FICHA DE TABULAÇÕES DE DADOS DO CAMPO	140

LOADING

Um das principais características das Ciências Sociais é entender os aspectos do mundo humano, de indivíduos e grupos. No caso da Comunicação Social, área da presente pesquisa, os diálogos com as outras áreas do conhecimento são frequentes e reforçam uma interdisciplinaridade em seu âmbito. Nessas áreas do conhecimento, a Antropologia soma-se a esta construção do saber, já que a pesquisa se encontra em contextos sociais que perpassam os seres humanos e as humanidades, abrangendo suas dimensões. Esses contextos sociais atrelados aos indivíduos precisam ser tensionados e questionados. Por este motivo, os diferentes tempos e cenários visam a uma interpretação dos fatos no momento ocorrido e permitem criar suas ideias e construções sobre o que se quer compreender a partir da formação de uma identidade que diferencia os sujeitos, em ambientes distintos.

Início este texto com apontamentos sobre os meus primeiros passos, os quais envolvem minha trajetória pessoal e profissional na pesquisa. Desde a adolescência, considero-me uma pessoa curiosa, sempre querendo entender o “novo”, com facilidade para manusear os dispositivos digitais e também de estar conectado à internet. A tecnologia esteve presente desde o início. O consumo por ela ainda não era visível em meu olhar daquele momento. Ao ingressar na Universidade, na graduação em Comunicação Social, percebi a vastidão das inspirações que essa área poderia oferecer, como ir além da parte técnica-profissional e me aprimorar em contextos mais críticos e reflexivos. Compreendo a tal maturidade do conhecimento quando trabalhos foram ganhando *corpus* em participações científicas, debates, críticas e leituras mais intensificadas. Logo após a minha saída da graduação, ingresso em uma pós-graduação em Ciências da Comunicação *stricto sensu*, a qual me mostrou uma vertente mais ampla e mais característica da Comunicação, juntamente com as outras áreas do saber.

As inquietações não pararam: elas foram se encontrando nesta pesquisa, principalmente, a partir de uma observação empírica das relações sociais. Desta forma, algumas das ideias e abordagens aqui presentes basearam-se no que mais saltou e pulsou nas atividades de exploração das pesquisas de campo realizadas, materializadas nos capítulos fundamentados a seguir. Foi dessa maneira que, diante dos objetivos e intenções iniciais, foram delimitadas as orientações do presente estudo: práticas comunicacionais e sociais a partir dos aplicativos de relacionamento¹, que tem como objetivo promover o jogo das relações interpessoais – de caráter mais afetivo e/ou sexual. Alguns desses primeiros dilemas de pesquisa se deram também a partir

¹ *Apps* de encontro, *apps* de paquera e *apps* de namoro serão usados como sinônimos.

das provocações feitas em orientação e, paralelamente, nas disciplinas cursadas no Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia, da Universidade Federal do Pará (PPGCOM-UFGPA), sobretudo nas disciplinas “Comunicação e Gênero”, “Comunicação e Consumo” e “Comunicação, Interação e Tecnologias”. Percebi como a categoria de gênero e a tecnologia dialogam entre si, já que as recentes pesquisas sociais e acadêmicas abordam-nas em seus campos teóricos mais atuais e fazem parte de uma estruturação da sociedade. Estas percepções estão presentes no diálogo, de certa forma, com as outras disciplinas das Ciências Sociais e que envolve uma discussão interessante no respectivo trabalho.

O *corpus* deste estudo é formado pelos processos comunicacionais e sociais na ambiência do aplicativo² de geolocalização³ *Grindr*, direcionado às comunidades *gays*, bissexuais, transexuais e *queer* da comunidade LGBTI+⁴, como disposto nas diretrizes de comunidade do *app*. No aplicativo, observamos uma simbiose de corpos virtuais que proporcionam uma *performatividade* (BUTLER, 1993) dos usuários e, conseqüentemente, o corpo se torna uma categoria de vigilância para escolhas afetivas e/ou sexuais, sendo uma estratégia de vínculos para os seus *desejos digitais* (MISKOLCI, 2017). Neste estudo, o objetivo geral é entender as práticas comunicacionais e sociais entre sujeitos jovens *gays*, a partir da sociabilidade e das suas experiências na interface do aplicativo na Região Metropolitana de Belém. Já os objetivos específicos se encontram em três momentos: a) Explicitar o universo do aplicativo, de seus usuários e da observação participante; b) Compreender como a tecnologia está mediando as relações sociais a partir da busca de afetos; c) Entender a construção de gênero e sexualidade na sociedade por meio da construção do homem e das suas masculinidades.

Desse modo, parto do entendimento de como a tecnologia está presente nos dias de hoje como extensão do homem. Nesta perspectiva, Donna Haraway (2009) disserta sobre essa questão em “O Manifesto *Ciborgue*”, no qual defende que estamos nos construindo a partir da utilização da própria tecnologia, e que as ações humanas, de forma subjetiva, existem a partir das combinações direta ou indireta entre os sujeitos e objetos plasmados pela tecnologia. Dessa forma, a mediação da tecnologia faz com que esse sujeito *ciborgue*, conforme defendido pela autora, seja parte da construção identitária e relacional com o outro, uma vez que é um resultado

² São nomenclaturas usuais disponíveis para designar *softwares* em dispositivos móveis, em lojas *on-line*, e em versões gratuitas ou pagas. Neste trabalho, serão usados como sinônimos as palavras aplicativo, aplicação, *software* e *app* (termo inglês abreviado).

³ Posicionamento que define a localização de um objeto ou pessoa em determinado espaço, de acordo com as coordenadas.

⁴ Sigla para Lésbicas, *Gays*, Bissexual, Trans, Intersexual; além disso, inclui diversas outras orientações sexuais e identidades/expressões de gênero, como os Pansexuais, *Queer/Questionando*, Assexuais/Arromântiques/Agênero e mais.

entre a prática, realidade e imaginação. Haraway traz o questionamento entre o biológico e o artificial, que perpassam os humanos e as relações com as coisas/objetos do mundo e do pensar.

Nestas relações, a presença do digital intensificou as nossas rotinas e as relações que temos com diversos grupos sociais, o que muitas vezes acontece com a mediação de um objeto, como o *smartphone*⁵, possibilitando o vínculo entre/dos sujeitos. Por meio da popularização dos computadores e com o advento desses dispositivos móveis, “o acesso deixou de ser um ritual esporádico e passou a ser cada vez mais constante e, para muitos, ininterrupto” (MISKOLCI, 2018, p. 23). O pesquisador Richard Miskolci (2014a) sugere uma linha evolutiva tecnológica no que tange às sociabilidades na Internet, usada para encontros amorosos e sexuais. Ele considera que a busca por parceiros amorosos *on-line* se deu, inicialmente, em salas de bate-papo, os famosos *chats*⁶, e logo após foram criadas alternativas como *sites* de anúncio, trocas de imagens – por e-mail ou mensagens instantâneas⁷ até a videoconferência –e, posteriormente, o *mobile*.

Partindo desses princípios, este trabalho tem como objetivo compreender as práticas comunicacionais e sociais de sujeitos jovens *gays* no aplicativo *Grindr*, utilizado na cidade de Belém e área metropolitana, e seus processos de sociabilidade a partir de suas experiências. Portanto, como questão-norteadora do trabalho, pergunto: Como se dão as experiências, a partir da sociabilidade, e as práticas comunicacionais e sociais de sujeitos jovens *gays* no aplicativo *Grindr* na cidade de Belém e área metropolitana?

Na compreensão das relações entre sujeitos e entre sujeitos e coisas, é importante perceber e compreender como se dão algumas das trocas relacionais e como a tecnologia digital é intermediadora dessas construções. A autora Raquel Recuero (2012) aborda a concepção entre Redes Sociais na Internet (RSIs) trazendo suas contribuições, a partir da experiência social, para se tornar presente neste mundo social digital, em que se tem experiências e relações entre os sujeitos a partir das interações entre o mundo *off-line* e *on-line*.

Neste caso, as interações sociais são percebidas a partir da maneira como os indivíduos expõem em determinado espaço a sua performance, trazendo elementos construídos subjetivamente, a partir de suas experiências. Compreendo como performance o que Judith

⁵ Celular com recursos de computador pessoal, com funções avançadas que podem ser estendidas por meio de programas aplicativos executados pelo seu sistema operacional. Nesta dissertação, as expressões *smartphones* (dispositivos móveis que possuem um sistema operacional) e telefones celulares (dispositivo de telefonia móvel), apesar de diferentes, serão usadas como sinônimos.

⁶ mIRC (1995); Bate-Papo UOL (1996).

⁷ ICQ (1996); MSN (1999); Skype (2003).

Butler (2004) fala sobre a construção de identidade, na qual afirma que o sujeito não é extremamente único, ele é um ser complexo. Ela exprime:

Esses atos, gestos e atuações, entendidos em termos gerais, são *performativos*, no sentido que a essência e a identidade, que por outro lado, pretendem expressar são fabricações manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos (BUTLER, 2015, p. 235).

A pesquisadora Manuela Vieira (2013, p. 111) destaca que essa performance de cada sujeito “é determinante para reunir, em torno de um caleidoscópio, as diversas matizes que constroem a identidade do sujeito”. O enunciado performativo anuncia uma ação; nas palavras de John Austin (1962, p. 06-07), é um “verbo usual para ‘ação’: isto significa que proferir um discurso é performar uma ação – o discurso normalmente é pensado como apenas dizendo algo”. O autor complementa que, para que esse enunciado seja efetivo, precisa estar relacionado ao contexto. O ser humano estará performando, dependendo da situação em que se encontra. A autora Butler parte da ideia de Victor Turner quando cita essas performances como “rituais sociais”. Como consequência, o gênero se mostra performativo, isto é, constitui uma identidade. Partindo desse princípio, a exposição do eu se tornou um naturalizador das performances entre os sujeitos. Paula Sibília (2008), em seu livro “Show do Eu”, argumenta como os sujeitos, em seu espaço de navegação, expõem a sua intimidade e como a mesma pode virar uma espécie de espetáculo nos âmbitos da vida cotidiana, pois tudo é passível de ser divulgado na rede.

A partir do que foi exposto, percebe-se também como a categoria de gênero perpassa essas relações, já que o corpo e a sexualidade dialogam por conta dos processos históricos e contextuais das identidades de gênero (FERREIRA, 2016)⁸ e de expressão de gênero. A sexualidade também se relaciona à crença, aos comportamentos, relações e identidades que são construídas ao longo da história e que são representadas a partir dos desejos, das práticas sexuais e até mesmo do corpo como enunciados performativos. Nessa mesma perspectiva, os estudos da masculinidade fazem influências sobre as construções midiáticas e pessoais, a partir de símbolos comunicacionais que fomentam os vínculos sociais, como são os casos dos *apps* de relacionamento.

Essa vontade de pesquisar e de entender mais sobre essas relações sociais parte das leituras advindas das obras de Richard Miskolci (2007, 2009, 2012, 2013, 2014a, 2014, b, 2015, 2016, 2017), um pesquisador que se aprofundou, por anos, em suas pesquisas etnográficas para

⁸ FERREIRA, Daniele da Silva. **Construção de Identidade de Gênero:** reflexões em contexto escolar. O portal dos psicólogos. Psicologia. PT, 2016. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0439.pdf>. Acesso 20 de novembro de 2019.

trazer contribuições que cercam o debate dessas relações mediadas pela tecnologia. Um ponto a se destacar é da predominância das características hegemônicas masculinas carregadas nesses aplicativos. O autor traz, em seus trabalhos, um contexto muito próximo do que eu experienciei e que trouxeram desconfortos para mim. Especificamente, percebi que categorias como imagem, corpo e beleza acompanham o trabalho, por meio da pesquisa de campo, e serão ressaltadas durante a escrita, já que o diálogo com essas categorias presentes é constantemente aparente na sociedade.

Entendo que esses aplicativos e essas categorias proporcionam diversas formas de vínculos e de sociabilidade, possíveis aos usuários/consumidores com as interações e trocas informacionais, bem como as demais formas de comunicação entre o grupo e do sujeito consigo, em um processo reflexivo e de utilização, muitas vezes quase instrumentalização, de modos de se relacionar e de performar no coletivo social. Francisco Rüdiger (2011) afirma que o “Homem não vive sem comunicação”, não vive porque é, para nós, um elemento de sobrevivência e satisfação das necessidades e que se aprimora como campo de saber técnico e moral da nossa civilização. Segundo o autor, a comunicação é importante para o contato com outro indivíduo, fazendo parte do crescimento em sociedade.

Por conseguinte, adentrei em uma reflexão empírica durante a construção deste trabalho: percebi as inquietações conjuntas, anseios compartilhados e as críticas de uma masculinidade que reforça uma hegemonia dentro de um grupo que é considerado como desviante. Desta forma, uma vez que a área da Comunicação traz uma abordagem, atualmente, aprofundada sobre os estudos de Internet e construções dos sujeitos por meio delas – isso com as contribuições das áreas das Ciências Sociais. Foi a partir dessa associação que entendi que poderia relacionar essa construção de si e essa leitura do outro com produto tecnologicamente criado para intuídos afetivos e/ou sexuais, mas, sobretudo, de comunicação e de relacionamento sociais, com a perspectiva e debate das questões de gênero e sexualidade.

Por isso, compreendo a comunicação como a essência social para a manutenção de *vínculos sociais*. Este conceito é proposto por Muniz Sodré (2007), que parte da reflexão sobre a sociabilidade, questões mais presentes neste meu estudo. Supondo um objeto da Comunicação, o vínculo social, conforme analisado, especialmente, na obra “Antropológica do espelho”, Sodré aponta que, para se ter um vínculo, “é preciso que cada um perca a si mesmo, que lhe falte o absoluto domínio da subjetividade e da identidade em função da abertura para o outro.” (SODRÉ, 2007, p. 21). Ou seja, pensar a comunicação como questão de vínculo é perceber a relação como encontro e como experiência que dá sentido às trocas. São as práticas de sociabilidade entre os sujeitos e suas interações comunicacionais, ao que se deve considerar

conceitos como cultura, simbolização, comunidade e vínculos, nos quais permeiam o campo da Comunicação e que servem como base para o *corpus* proposto – aplicativo de relacionamento – que ganham significados singulares. Neste espaço, o sentido da troca é percebido através dos vínculos que são construídos mesmo quando um perfil não é correspondido após uma conversa, como foram alguns apontamentos de meus interlocutores.

Como recorte metodológico, a pesquisa utiliza inspirações etnográficas, a partir da triangulação de técnicas proposta por Hammersley e Atkinson (1983). Eles desenvolvem que a etnografia alia combinações de técnicas para colher diferentes tipos de dados e relacioná-los entre si. Essa triangulação visa menos à confirmação de dados e explica teoricamente o conhecimento e a prática. Por isso, essa abordagem é denominada como *triangulação reflexiva* (p. 200).

A etnografia muitas vezes envolve uma combinação de técnicas e, assim, pode ser possível verificar a validade de construto examinando dados relativos do mesmo construto resultantes de observação participante, entrevistas e documentos [...] O que está envolvido na triangulação não é a combinação de diferentes tipos de dados em si, e sim uma tentativa de relacionar diferentes tipos de dados de tal forma que se contraponha a várias ameaças possíveis à validade de nossa análise (HAMMERSLEY; ATKINSON, 1983, p. 199).

A partir disso, exponho o uso conjunto dessas técnicas mediante a minha observação participante e aliada às minhas entrevistas. Estes momentos dividiram-se em duas partes: o pré-campo e a pesquisa de campo. Ressalto que essa proposta de triangulação se deu a partir de um pré-campo realizado anteriormente, no início do ano de 2018, ao longo de dois meses, para depois chegar no recorte proposto atual. No pré-campo, havia pesquisado um grupo de pessoas com outros filtros sobre a temática voltada aos temas relacionamentos, gênero e sexualidade. Os interlocutores mais diversos, autodeclarados heterossexuais, bissexuais e homossexuais na região de Belém e área metropolitana, foram entrevistados com base em um roteiro semiestruturado, em caráter *off-line*. As trocas de conversas e até mesmo o campo são momentos que trazem reflexões, questionamentos e percepções, as quais resultam em um detalhamento e certo cuidado na hora da escrita. Sobre estes desafios, Heitor Frúgoli (2007), que estuda os sujeitos em tempo de Internet, aponta uma necessidade de se fazer presente no campo para que os sujeitos sejam analisados em perspectivas, a partir das compreensões profundas e contextualizadas no âmbito interacional das redes sociais e dos sujeitos que estão ali presentes. Para ele, é fundamental, o uso da etnografia, já que

[...] lida com pessoas através da própria interação e descreve regras e princípios constitutivos de relações cotidianas – bem como, pode-se acrescentar, realiza reflexões sistemáticas sobre os termos e as decorrências de tais interações com seus atores pesquisados, o que incide nos próprios escritos etnográficos. (FRÚGOLI, 2007, p. 23).

Portanto, foi a partir dessa aproximação que percebi a variedade da pesquisa, mesmo que ela não tenha uma resposta inovadora, mas que possibilite entender esse fenômeno social durante a sua construção. Por isso que esse contato inicial se deu desde o início do mestrado, para delimitar e perceber a amplitude em que se encontrava a pesquisa, além de definir o estudo proposto. Optei por utilizar essas estratégias de pesquisa com a finalidade de perceber as outras perspectivas acerca do tema tratado para, assim, entender e dialogar, escolher e negociar as percepções advindas.

Essa fase prévia da pesquisa de campo foi materializada a partir de entrevistas semiestruturadas – inicialmente, entrevistei 12 interlocutores e, também, o *corpus* de pesquisa estava delimitado a dois (2) aplicativos de relacionamento: o *Tinder* e o *Grindr*. Meu objetivo, nesse período, era entender as mudanças das relações entre os indivíduos e os motivos pelos quais usavam os aplicativos de relacionamento. Este primeiro roteiro se apoiava em perguntas, interesses gerais e mais específicos e, a cada conversa, percebi as necessidades de inserir outras categorias, como a questão do corpo, da imagem, da beleza e das performances.

Diante da possibilidade e necessidade que a vivência em campo proporciona, a experiência do pré-campo me fez chegar em um material diverso, mas que precisou de um olhar mais interpretativo e, neste processo de experiência de estudo, advindo com as leituras teóricas e o pré-campo, pude melhor compreender quais as temáticas que precisavam ser aprofundadas, tais como as categorias mencionadas. Nesse sentido, novos recortes metodológicos foram realizados para a pesquisa de campo, sobretudo na escolha de um único aplicativo para análise, no caso, proposto após o pré-campo. O *Grindr* foi o aplicativo que trouxe contribuições e que foram se estruturando, já que o mesmo apresenta uma exposição sexual explícita na sua apresentação, o que será descrito mais à frente e o que foi pontuado, inclusive, por alguns dos interlocutores desta pesquisa.

Ainda sobre a experiência do trabalho de campo, destaco o desafio de nunca ter usado algum aplicativo de relacionamento. Assim, o que mais ressaltou em fazer este estudo, também, foi a percepção de como as relações humanas se tornam mais fluidas. Em meu local de fala, enquanto jovem da classe média, de família católica, com pais casados há mais de 25 anos, lembro das histórias, quando criança, de todo um ritual construído para a formação de um relacionamento sério, de como era quase obrigatório o pedido de um namoro entre casais, o

planejamento para o casamento, entre outras construções sociais impostas. Este cenário acabou por se modificar, conforme percebi no decorrer desta pesquisa, a partir de inúmeros fatores, dentre eles as possibilidades advindas com a Internet e sua combinação com os *smartphones*, permitindo novos tipos de conexões para além das tradicionais, tais como família, grupos de amigos e local de trabalho, de estudo, dentre outras formas de relacionamentos sociais.

Os dois momentos da pesquisa de campo foram realizados durante os meses de setembro de 2018 a agosto de 2019, com interlocutores na faixa etária entre 18 e 33 anos, todos usuários de aplicativos de relacionamento, e com encontro proporcionado pelos mesmos na cidade de Belém (PA) e outras cidades do Brasil e de fora do país, fazendo parte desta pré-seleção 12 interlocutores, sendo 2 homens brancos heterossexuais, 2 mulheres (1 branca e 1 negra) heterossexuais, 4 homens brancos *gays*, 2 mulheres negras lésbicas, 1 homem branco bissexual e 1 mulher negra bissexual⁹. A diversidade de sujeitos foi um desafio, uma vez que várias percepções de diferentes marcadores sociais motivaram diferentes e específicas reflexões enquanto desenvolvia este trabalho e realizava a pesquisa de campo. Sobre isso, destaco, inclusive, que a proposta inicial de estudo era entender se as formas dos atuais relacionamentos se tornaram mais fluidas por meio dos aplicativos e se estes haviam se tornado intermediadores dessas relações. Entretanto, o campo me mostrou uma complexidade de variáveis que, inicialmente, não estavam previstas e que se relacionam com as relações sociais que esses sujeitos estabelecem em sociedade. Por isso, minha proposta de problema de pesquisa inicial foi reformulada para a qual, anteriormente, apresentei.

Após essas compreensões, outras estratégias foram estabelecidas para dar continuidade à pesquisa. Este novo momento foi dividido em duas partes. A primeira se deu na continuidade das entrevistas, entre os meses de fevereiro e agosto do ano de 2019, com um grupo de 8 jovens *gays*, de idade entre 21 e 33 anos, que já utilizaram o *Grindr* em seus dispositivos móveis e buscaram experiências com outros homens da Região Metropolitana de Belém (RMB). O primeiro contato foi com amigos/as – que me indicaram possíveis interlocutores, até formar a rede de entrevistados para o trabalho. A dinâmica desta etapa foi gravada, mediante o consentimento dos interlocutores através de um termo (Apêndice A), partindo de um roteiro semiestruturado (Apêndice B).

Como o trabalho trouxe um foco para as masculinidades, os entrevistados se autodeclararam homens cisgênero, de orientação sexual homossexual. A partir desse encontro,

⁹ A menção sobre a identidade de gênero, cor/raça foram ditas pelos próprios interlocutores durante a entrevista conduzida pelo pesquisador, no qual entendeu a importância da autoidentificação e do autorreconhecimento dos entrevistados.

os participantes foram instruídos previamente sobre o objetivo da pesquisa. A indagação foi conduzida através de um roteiro, construído com diligência em análise sobre a usabilidade dos aplicativos na contemporaneidade, com conteúdos mais específicos, como idade, escolaridade, formação, sexo biológico, identidade de gênero, expressão de gênero, entre outros conceitos, até os mais abrangentes, sobre o real contexto que está compenetrado em sociedade e acerca das suas experiências com o aplicativo, suas práticas, negociações, performances, etc. Além disso, o marcador “jovem” entrou como filtro para esses interlocutores; o autorreconhecimento desses jovens foi o definidor, por oportunidade, deste trabalho, porque, em algum momento, mencionaram esta categoria como específica e predominante nesses aplicativos – esta percepção veio do pré-campo, em que foi concebido. Trato aqui como jovens para além das faixas etárias; trago uma compreensão proposta por e a partir do seu modo de vida, por conta dos territórios, dos espaços que proporcionam

relações sociais determinadas culturalmente, em oposição à perspectiva de uma gênese autônoma do indivíduo, uma espécie de natureza humana que, como uma semente, independentemente de qualquer externalidade, se desenvolve e constitui seu verdadeiro eu. (TRANCOSO; OLIVEIRA; 2014, *on-line*).

Essas relações foram percebidas durante a escuta das entrevistas com os interlocutores, que me fizeram refletir na forma de como o mundo é vivido, de como é pensado, na forma que eles e outras pessoas vivem, como gostam de viver e gostam de aproveitar as coisas. A juventude está além da idade. Há outros fatores que fazem os diferentes mundos desses sujeitos se cruzarem. A pesquisadora Manuela Vieira (2013) traz, em sua tese, diversas perspectivas da categoria “jovem”: a) visão biocronológica; b) visão psicológica; c) visão sociológica; d) visão cultural-simbólica; e e) visão jurídica ou legal da juventude. A partir disso, a autora apresenta uma pluralidade neste conceito, haja vista que não existe um tipo de jovem, mas existem vários tipos de jovens. É válido frisar, também, que essas abordagens não são excluídas, mas adaptadas para as abordagens a que mais se adequam. Sendo assim, não me concentro em limitar idades. A variedade de sujeitos mostra seus modos de vida, enquanto espaços que praticam a sociabilidade entre outros sujeitos.

Adiante, foi conduzido um contato inicial pelo aplicativo *WhatsApp* com todos os interlocutores. Posteriormente, uma apresentação mais formal foi enviada, via *e-mail*, falando sobre o objetivo da pesquisa e, logo após, presencialmente, realizei as entrevistas semiestruturadas e aprofundadas, em diferentes lugares, de escolha dos próprios interlocutores, para os mesmos se sentirem à vontade com a temática exposta. Durante algumas entrevistas,

outras perguntas surgiram, para contextualizar o que estava se querendo dizer em determinados assuntos, para aproveitar o diálogo entre interlocutor e pesquisador.

Dentro desse grupo, percebi também que a variedade de “outros” e especificidades de acontecimentos dentro das possibilidades de interface de cada um dos referidos aplicativos pesquisados se tornaram muito significativas. Por isso, optei pela exclusão do *app Tinder* e o foco da pesquisa se concentrou no *Grindr*, por seu alcance de sociabilidade, e, quando em campo, os interlocutores se mostram mais “íntimos” para expor suas experiências afetivas/sexuais no *app* em questão. As pessoas com quem dialoguei tinham em comum o uso do *app* para fins sexuais e unanimemente relacionavam seus desejos por questões imagéticas, mesmo que não fosse diretamente mencionado.

Antes de realizar as entrevistas, de ligar o gravador, sempre conversava com os interlocutores. Repassava o tema da pesquisa; falava que se tratava de um trabalho a partir do *Grindr* e todas as reações de “surpresa” foram explícitas ao saber do que o estudo se tratava. Dessa forma, percebi o quanto o *app* tem uma “fama de putaria” e que, na visão dos entrevistados, poderia ter um cunho de seriedade – da minha parte –, mas que, ao mesmo tempo, eles relacionavam com discursos de que era uma desculpa minha para entrar no aplicativo. Ou seja, não era para pesquisar, era mais para entrar no aplicativo e viver uma aventura sexual. O que é muito comum de entender, já que o aplicativo é visto dessa maneira. Posteriormente, ao longo das perguntas e conversas, as reflexões sobre o modo de operacionalizar o *app* fez com que houvesse pensamentos sobre as condutas, a partir do uso deste meio de troca. Por isso que a troca foi importante, porque, nesse momento, percebi o quanto necessário era deixá-los à vontade para contarem sobre suas experiências.

Durante a conversa, tive o cuidado de relatar que não seriam expostas as identificações pessoais dos entrevistados no corpo do trabalho, deixando-os mais tranquilizados, pois percebi uma repulsa inicial por conta de uma temática ainda delicada e considerada tabu em uma sociedade conversadora, acerca da sexualidade e desejos de homens. Por isso, são questionados por conta de sua orientação sexual. Considero importante esse processo de vínculo, já que, se comunicar é produzir significados com sentidos, reconhecer em si e na outra parte da vida social e poder partilhar interesses comuns, pois a sociação é uma unidade, ou seja, base do existir em sociedade humana.

O segundo momento da pesquisa de campo deste estudo consistiu na observação participante¹⁰, que realizei em 28 dias, entre os meses de julho e agosto de 2019, no aplicativo *Grindr*, com a utilização de um perfil experimental, utilizando imagens corporais pessoais e de terceiros – já que o próprio *app* permite ao usuário deixar o perfil incompleto ou utilizar imagem de terceiros – para se compreender e entender os porquês de se estar presente no *app*. Nesta minha experiência, busquei compreender como funcionavam as negociações feitas e mencionadas em entrevistas, mas não entendidas durante as conversas, tais como a troca de foto do próprio perfil – ao que destaco que esta ação proporcionou vínculos diferentes e em momentos específicos, conforme será detalhado ao longo do trabalho – ou as negociações de envio de imagem, entre outros.

A estrutura do trabalho se dá a partir das categorias que mais destaque tiveram durante as observações realizadas. Sendo assim, este trabalho se encontra estruturado em três partes, que se apoiam nas pesquisas de campo (entrevista e observação participante) realizadas, além das fundamentações estudadas durante o início do trabalho, estando, assim, organizadas nos seguintes capítulos que compõem esta dissertação:

Capítulo 1: Detalhamento dos critérios metodológicos utilizados na pesquisa de campo; apresentação do aplicativo principal da pesquisa – o *Grindr* –; bem como o contexto do *app* e seu histórico, divulgação e funcionamento. O perfil dos interlocutores usuários e particularidades da minha entrada no aplicativo e as formas de negociação – minha e dos usuários. A partir dessas minúcias, são expostas as categorias que serão analisadas ao longo do trabalho, assim como as reflexões e informações advindas da pesquisa de campo.

Capítulo 2: Análise do debate sobre a sociedade tecnológica e as perspectivas das relações sociais, a partir do uso das tecnologias, e como estas estão presentes nos campos sociais, que evidenciam as mudanças em nossas ações comunicacionais por meio dos aplicativos móveis. Também aborda como essas mudanças estão presentes no nosso convívio, a busca e as questões dos afetos da dimensão humana, como o relacionamento.

Capítulo 3: Centra-se no debate de gênero e sexualidade, a partir das masculinidades e acerca das categorias saltadas, como a imagem, o corpo e a beleza; como estas são operacionalizadas no aplicativo, já que corpos que se enquadram no padrão estético ocidental têm mais destaques e são desejados sexualmente. Em paralelo, busca entender de que forma os

¹⁰ “O processo no qual um investigador estabelece um relacionamento multilateral e de prazo relativamente longo com uma associação humana na sua situação natural com o propósito de desenvolver um entendimento científico daquele grupo” (MAY, 2001, p. 177).

sujeitos se (des)constroem por meio das experiências de si, a partir dos vínculos que envolvem os indivíduos e os contextos comunicacionais e sociais.

Por fim, o leitor encontrará, no presente trabalho, o resultado do meu percurso desenvolvido neste processo, já que trouxe experiências distintas e aplicabilidade a partir de percepções empíricas e que se manifestaram no decorrer da pesquisa. Observei os questionamentos e tensionamentos provocados no quesito empiria e teoria, que trouxeram contribuições para as percepções futuras e que foram partilhadas comigo a partir dos meus interlocutores, que ajudaram a desbravar as lacunas e inquietações iniciais. Portanto, percebi que as identidades e práticas comunicacionais são distintas, que partem de interpretações que estão contextualizadas, dependentes de períodos sociais e históricos, assim como esta presente pesquisa se encontra.

1 HOME: O MUNDO DAS TELAS

Desde quando nascemos, estamos nos comunicando. Já faz parte da vida de cada indivíduo. Dessa forma, a comunicação se manifesta de formas diferentes, carregando significados que precisam de interpretação, a partir de cada um. É evidente que, a partir de trocas, atos, ações, interação, o importante é entender o outro e querer entender. Francisco Rüdiger (2011) afirma que o “Homem não vive sem comunicação”. Não vive porque é, para nós, um elemento de sobrevivência e satisfação das necessidades e que vem sendo aprimorado como campo de saber técnico e moral da nossa civilização. Segundo Marcondes Filho (2004, p. 15) a comunicação é um “processo, um acontecimento, um encontro feliz entre duas intencionalidades”.

A partir das telas do mundo, objetos e pessoas, a sociedade contemporânea ficou mais informada, por conta dos mais variados conteúdos distribuídos na rede. Podemos destacar sua proliferação especialmente a partir das décadas de 1980 e 1990, nas quais Lipovestsky e Serroy (2011) apontam como uma cultura da individualidade. Posteriormente, houve uma revolução no processo das tecnologias, na qual a informação é marcada por uma sociedade em rede (CASTELLS, 1999). De acordo com Manuel Castells, a partir do século XXI, a sociedade é caracterizada por indivíduos que estão imersos em uma rede móvel: “As tecnologias de comunicação sem fio ampliam a lógica em rede da organização e da prática social em todos os lugares e em todos os contextos, com a única condição de fazer parte da rede móvel.” (CASTELLS et al., 2007, p. 395¹¹). Neste sentido, os *smartphones* e *tablets*¹² se popularizaram e as pessoas passaram a ficar parte do seu tempo conectadas. Ou seja, a comunicação móvel passou a ter uma evidência maior, por conta do processo de atribuição das funcionalidades em aparelhos móveis, nas quais houve um desenvolvimento de miniaturização de computadores e de telefones (SOUSA, 2018), tendo, como consequência, a expansão da rede sem fio, fazendo com que as pessoas pudessem se deslocar e se conectar simultaneamente.

O autor Steven Johnson (2001) traz, em seu livro “Cultura da Interface”, uma perspectiva entre a tecnologia e a cultura. Neste caso, especificamente, ele aponta a informação ligada aos botões, figuras e palavras na tela de modo geral, que pode ser contextualizada para os dias de hoje, no que o autor denomina como “produto dessa mesma sabedoria acelerada”, a

¹¹ “Las tecnologías de comunicación inalámbrica amplían la lógica en red de la organización y de la práctica social en todos los lugares y en todos los contextos, con la única condición de formar parte de la red móvil.” (CASTELLS et al., 2007, p. 395).

¹² É um dispositivo pessoal, com forma de prancheta, usado para acesso à Internet; organização pessoal; visualização de fotos e vídeos; leitura de livros, jornais e revistas; e para entretenimento, com jogos.

qual se encontra atrelada à experiência humana. Neste sentido, Johnson aponta que nascemos num mundo dominado pela televisão e, de repente, estamos nos habituando à nova mídia da *World Wide Web*. O autor ainda acrescenta a televisão e sua influência por conta das mudanças tecnológicas recorrentes, tais como o encantamento da televisão por supremaciar as imagens sobre o texto, o consumo passivo, entre outros que soam como natural. O autor Marshall McLuhan, na sua obra “Os meios de comunicação com extensões do homem”, traz seu pensamento sobre esta discussão.

Em nenhum período da cultura humana os homens compreenderam os mecanismos psíquicos envolvidos na invenção e na tecnologia. Hoje é a velocidade instantânea da informação elétrica que, pela primeira vez, permite o fácil reconhecimento dos padrões e contornos formais da mudança e do desenvolvimento (MCLUHAN, 1998, p. 353).

A partir disso, o ambiente digital é constituído por tecnologias de telecomunicações, que são operadas por meio dos *smartphones*, podendo fazer parte do mesmo contexto outras tecnologias, como é o caso dos aplicativos. McLuhan (1998) trouxe uma perspectiva ao falar que, a partir do advento da televisão, outros meios de comunicação fariam parte desses vínculos entre sujeitos, como os *smartphones* e os próprios aplicativos são nos dias de hoje. Sendo assim, a partir de suas compreensões, houve uma interação entre os sujeitos a partir destes meios, o que aglomerou a sociedade em uma teia conectada, procurando e tendo acesso a busca e interesses semelhantes.

Entretanto, a partir dessa concepção, o cenário teve suas transformações. Neste trabalho, o importante foi trazer essa fundamentação a partir da revolução da TV, um dos meios de comunicação mais populares do mundo, assim como houve essas transformações para outras mídias, como o rádio, por exemplo. Hoje em dia, não muito distante dessa comparação e de toda essa metamorfose, a Internet traz esse papel transformador na sociedade. Segundo o *site* G1¹³, 70% da população está conectada no Brasil, a partir da pesquisa TIC Domicílios, o que equivale a 126,9 milhões de pessoas conectadas. Dados como esses mostram um reflexo das mudanças que a tecnologia digital trouxe para os contextos atuais. Pela primeira vez, a metade da zona rural está conectada e mais da metade da camada pobre também está conectada. Sendo assim, também, houve um crescimento como dispositivo de acesso, fazendo com que os aplicativos sejam usados frequentemente, pois, segundo a mesma pesquisa, 97% das pessoas

¹³ LAVADO, Thiago. **Uso da internet no Brasil cresce, e 70% da população está conectada**. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2019/08/28/uso-da-internet-no-brasil-cresce-e-70percent-da-populacao-esta-conectada.ghtml>. Acesso em 20 de agosto de 2019.

usam o celular como dispositivo de acesso à Internet. Dessa forma, percebo que, nas coletas realizadas, a partir da pesquisa de campo, a presença do *smartphone* com acesso à Internet é fundamental e presente atualmente, já que, quando a palavra “tecnologia” era posta em vista dos interlocutores, os mesmos associavam-na ao aparelho, como se fosse algo natural. Neste âmbito, percebo os efeitos que tal aparelho causa nos indivíduos. Por isso, compreendo a comunicação como a essência social para a manutenção de vínculos sociais, conceito proposto por Muniz Sodré. Dentro dessas contribuições, é importante entender que a comunicação faz parte de um processo humano, que permite que nós mesmos interajamos uns com os outros.

Nesse sentido, Sodré (2002, 2006, 2007) aborda em suas obras uma autonomia no campo da Comunicação, que ele deixa claro, sobre o objeto deste campo, que é a vinculação social. Para ele, esses vínculos são trocas simbólicas entre os seres; estão presentes nas atividades de diálogos e afetos. Por isso, critica o estudo da comunicação apenas voltado para as mídias. Para o autor, o campo tem uma centralidade nas condições humanas que chama de sociabilidade. Acerca deste conceito, Simmel (2006) nos auxilia a entender que a sociedade está marcada por suas interações, nas quais os indivíduos têm relações uns com os outros e toda essa construção apresenta uma unidade. As nossas práticas sociais estão inseridas em um contexto, dentro de espaços e interesses, sendo elementos da sociação, que está ligada a um panorama maior.

Sociação é, portanto, a forma na qual os indivíduos, em razão de seus interesses – sensoriais, ideais, momentâneos, duradouros, conscientes, inconscientes, movidos pela causalidade ou teleologicamente determinados – se desenvolvem conjuntamente em direção a uma unidade no seio da qual esses interesses se realizam. Esses interesses, sejam eles sensoriais, ideais, momentâneos, duradouros, conscientes, inconscientes, causais ou teleológicos, formam a base da sociedade humana (SIMMEL, 2006, p. 61).

Simmel (2006, p. 65-67) define a sociabilidade “como a forma lúdica de sociação”, ou seja, comunicação com o outro e para o outro. Em nosso contexto, seja um homoafetivo ao querer ter um afeto com outro, ou entre homens que fazem sexo com outros homens (HSH), inserido no contexto dito. As semelhanças se cruzam quando Goffman (1998) desenvolve o conceito de “consenso operacional”, conduzido pela interação social cotidiana, na qual possibilita o engajamento comum e voluntário dos envolvidos no processo.

A conservação desta concordância superficial é facilitada pelo fato de cada participante ocultar seus próprios desejos por trás de afirmações que apoiam valores aos quais todos os presentes se sentem obrigados a prestar falsa homenagem. [...] Os participantes, em conjunto, contribuem para uma única

definição geral da situação, que implica não tanto num acordo real quanto às pretensões de qual pessoa, referentes a quais questões, serão temporariamente acatadas, haverá também um acordo real quanto à conveniência de se evitar um conflito aberto de definições da situação. Referir-me-ei a este nível de acordo como um “consenso operacional”. (GOFFMAN, 1998, p. 18-19)

Neste espaço de consenso, construímos os vínculos por meio de relações sociais. No andar do pensamento de Rancière (2005), a “partilha do sensível” ocorre por conta das experiências que compartilhamos, ou seja, é feita a partir do quanto nos abrimos para outros seres, a partir dos valores, percepções do mundo, desejos, entre outros sentimentos que são construídos e que determinam o comum ou uma experiência a partir de algo e, por isso, “se presta à participação e como uns e outros tomam parte nessa partilha” (RANCIÈRE, 2005, p. 15).

A comunicação auxilia na feitura, na vivência dos vínculos e no estabelecimento de laços de socição entre os sujeitos. No caso do presente estudo aqui desenvolvido, por exemplo, ao usar um aplicativo, os usuários estão em busca da construção e da experiência, pautadas nas trocas que estabelecem em suas relações, organizadas em mediações simbólicas, conscientes ou inscientes. Neste caso, os homens estão no *Grindr* porque estão em busca de relacionamento. Alguns querem algo mais superficial; outros, sérios; porém, partilham de alguns interesses comuns.

Ou seja, pensar a comunicação como questão de vínculo e a relação como encontro e como experiência, que dá sentido às trocas. É considerável perceber e não ignorar os conceitos como cultura, simbolização, comunidade e vínculos, os quais permeiam o campo da Comunicação e que servem como base para o *corpus* proposto – aplicativos de relacionamento, que ganham significados singulares. Dessa forma, percebem-se os vínculos sociais que meus interlocutores relataram, ao deporem sobre suas experiências afetivas e sexuais.

Georg Simmel (2006) aponta o conceito de sociabilidade ao dizer que seu suporte é a conversa, pois permite a interação. Pessoas, grupos e membros conversam e interagem sobre aquilo que está imerso no social e definem aspectos semelhantes. Na visão do autor, as diferenças não estão em primeiro plano, pois, se houver em grande escala, a sociabilidade tenderá a diminuir. Através de determinados impulsos e de certas finalidades, há interação, como os instintos eróticos, interesses pessoais e/ou grupais, religiosos, entre outros fatores, dentro da relação de convívio, correlacionados com os outros.

É importante que se entenda como o espaço das redes são importantes para as possíveis interações e sociabilidade entre os sujeitos a partir do uso da tecnologia. Percebo, também, que houve uma visibilidade maior para os sujeitos no processo de sociabilidade. Sendo assim, a

partir dessa visão, na qual os meios de comunicação fazem parte da extensão do homem, proponho-me a analisar jovens *gays*, imersos nos aplicativos de relacionamento que tratam das temáticas referentes ao campo – gênero, performance, imagem e corpo –, a partir da construção das suas identidades no ambiente *on-line* do *app Grindr*, apresentado em maior profundidade nos capítulos posteriores. Também proponho entender como essa “tecnologia da tecnologia” abriu espaços para uma construção de vínculos sociais entre os sujeitos, neste caso, na procura de parceiros sexuais. Relato também sobre a pesquisa de campo que desenvolvi no aplicativo, especificamente, sobre vínculos entre os sujeitos e até comigo, enquanto pesquisador em observação participante.

Nas entrevistas, percebi alguns pontos similares entre os interlocutores, como o ato de detalhar as experiências com os aplicativos sem nenhuma restrição, o fato de não possuírem filhos, e o entendimento e utilização por parte de todos eles das gírias e linguagens próprias da comunidade LGBTI+. Além disso, a maioria era estudante e cursava alguma graduação, dependia financeiramente dos pais e residia com os mesmos. Neste sentido, a marcação da categoria “jovem” esteve presente e foi percebida nesta pesquisa de campo. Segundo Heilborn et al (2006, p. 40), a palavra jovem está relacionada com “o término dos estudos, o início da vida profissional, a saída da casa dos pais e o início da vida conjugal”. Foi perceptível como os interlocutores que demonstraram interesses tinham, em comum, características iguais às minhas, como idades aproximadas, em início da vida profissional, em curso ou se preparando para uma pós-graduação e pensando, futuramente, em uma vida fora da casa dos pais, já que as cobranças ficam mais intensas na vida adulta.

O processo de escuta e de espera das falas com os interlocutores foi longo: demorou mais de dois meses para haver algum aceite imediato de outros interlocutores, para além dos quatro iniciais que eu já possuía do levantamento prévio deste estudo¹⁴, a fim de dar continuidade à pesquisa. Entendi o tempo de espera. Afinal, nem todo mundo gosta de compartilhar as suas experiências, ainda mais em um aplicativo *gay* na cidade de Belém. Esperei o momento certo para encontrar o “sim” desses interlocutores, mas parece que o momento da espera foi oportuno, porque houve contribuições válidas para este trabalho. Dentro desse grupo, ficaram presente mais quatro interlocutores: dois homens *gays* negros e mais dois homens *gays* brancos. As conversas foram além do roteiro previsto e, posso dizer, houve uma troca de experiência e até um certo compartilhamento de algumas aflições e anseios. A partir desse último contato, consegui trazer uma compreensão do que eu queria investigar.

¹⁴ Apenas quatro interlocutores dos 12 totais do pré-campo de pesquisa permaneceram porque tinham mencionado o uso do *Grindr*.

Para facilitar o acompanhamento dos relatos, percebo que é importante trazer um quadro esquemático para resumir o perfil dos sujeitos. Apesar de estarem com nomes fictícios, por questões de privacidade, já que algumas questões foram intimamente confessadas; essas características e a fala serão aprofundadas em análise, à medida que for acontecendo o processo deste trabalho. Ressalto que as entrevistas foram feitas na cidade de Belém e Região Metropolitana, em dias diferentes, o que totalizou o prazo de 10 meses para que as oito entrevistas fossem concluídas.

Quadro 1 – Interlocutores da pesquisa.

Nome ¹⁵	Idade	Cor/Raça ¹⁶	Formação	Início de uso
Urso25	25	Branco	Designer	2012
Elegante26	26	Branco	Publicitário	2014
Papai21	21	Branco	Acadêmico de Jornalismo	2017
Discreto27	27	“Tô no meio”	Engenheiro Químico	2013
Nerd25	25	Moreno	Advogado	“Não lembro”
Barbie23	23	Pardo	Acadêmico de Turismo	2017
Couro23	23	Negro	Jornalista	2019
Malhadinho33	33	Negro	Músico	2019

Fonte: Elaborado pelo autor.

As conversas duraram o tempo médio de 50 minutos, o que proporcionou vários aspectos no sentido de a maioria esconder sua sexualidade por questões religiosas e tolerância familiar. Algumas dessas problemáticas e dificuldades serão utilizadas mais adiante na construção deste trabalho. E, assim, encerram-se os laços que foram estabelecidos com os interlocutores, para iniciar novos passos e fundamentos para a pesquisa.

O terceiro momento, relacionado ao fazer parte dos aplicativos como um dos usuários, foi um objetivo traçado desde o início para analisar as experiências desses usuários e, também, como uma forma de acrescentar ao trabalho duas perspectivas – a do outro e a minha enquanto

¹⁵ Todos os nomes são substituídos por nomes das Tribos que o aplicativo disponibiliza na categoria “Estatística”, como opção para preencher o perfil. Essa escolha foi feita para preservar a identidade dos entrevistados.

¹⁶ Os entrevistados autodeclararam sua cor/raça durante a entrevista, em processo de conhecimento próprio, sem interferência alguma.

pesquisador. De volta às entrevistas, a pesquisa, agora, contava com um total de oito interlocutores, com o intuito de entender e compreender essa prática de sociabilidade a partir das práticas comunicacionais e sociais da comunidade *gay* no *Grindr*. Assim, entrei no aplicativo no período de 25 de julho a 21 de agosto de 2019, período escolhido entre as férias escolares e a volta às aulas¹⁷. Para termos éticos e morais, foi criada uma conta pessoal, intitulada @pesquisador, mas, em nenhum momento, o diálogo foi prolongado. Apenas uma análise foi aplicada e efetuada, que será detalhada mais à frente na escrita. Nesse sentido, as compreensões do campo foram importantes para as etapas posteriores de análise, pois percebi situações como um complemento nos métodos utilizados para as interpretações, como a questão da imagem.

Norval Baitello Júnior (2002, p. 3) afirma que “o alimento das imagens é o olhar e como o olhar é um gesto do corpo, transformamos o corpo em alimento do mundo das imagens”, sendo assim esse ciclo fica vicioso, fazendo com que o corpo também seja visibilidade, de alguma forma. Considerando a importância das imagens na sociedade atual, este terceiro passo da pesquisa teve o objetivo, em linhas gerais, de perceber se a disponibilidade de fotos modificava a tomada de iniciativa na intenção de uma conversa. A partir disso, percebo como essa cultura da imagem transformou o corpo em imagem, perdendo sua corporeidade, em sua essência. No aplicativo *Grindr*, a partir de minha experiência, o corpo e a beleza foram categorias destacadas pelos envolvimento e interações partilhadas comigo na pesquisa de campo.

Destaco a forma como as interações com outros perfis aumentaram de acordo com as fotos que foram publicadas. Os vínculos estabelecidos se deram a partir dos interesses comuns que outros perfis tiveram ao curtirem ou ao mandarem mensagens – recursos básicos no aplicativo. Essas imagens fizeram entender que esse era um espaço de retribuição e que eu estava contribuindo para que estes vínculos fossem criados, mesmo não tendo uma reciprocidade da minha parte. As imagens estimularam interesses entre os outros usuários e fez com que, por mais distante fosse esse vínculo, a intimidade fosse esquecida ou negociada de forma sutil, arrecadando elogios por conta do corpo, da possível beleza por trás de uma foto recortada no *Grindr*. Convido agora para entender um pouco mais sobre o universo desse aplicativo.

¹⁷ No início, o recorte do período foi uma estratégia para tentar perceber se essa categoria poderia influenciar em um uso intenso do aplicativo, mas percebi que não tinha intervenção para o que se queria compreender, de fato.

1.1 O Grindr

O *Grindr* é o melhor aplicativo social móvel GRÁTIS para gays, bi, trans e homossexuais se encontrarem. Converse e encontre com pessoas interessantes de graça, ou faça upgrade para o *Grindr XTRA* para ter mais recursos, diversão e chances de conectar. O *Grindr* está mais rápido e melhor do que nunca. 1) Veja pessoas próximas com base na sua localização; 2) Navegue por perfis redesenhados, com fotos maiores; 3) Converse e compartilhe fotos privadas; 4) Filtre a sua busca para encontrar o que busca; 5) Personalize o seu perfil para compartilhar mais sobre você; 5) Dê estrelas aos seus favoritos e bloqueie outros; 6) Denuncie pessoas com facilidade e segurança; 7) Envie sua localização e facilite o encontro; 8) Mais maneiras de encontrar rapidamente o que você está buscando; 9) Mais maneiras de conversar com pessoas no mundo inteiro. Crie e personalize seu perfil agora para incluir mais sobre você, o que você está buscando e mais. Dentro de alguns minutos você estará pronto para se conectar, conversar e conhecer. Quer ainda mais? Faça upgrade da sua experiência *Grindr* para XTRA e tenha mais funções, liberdade e diversão. A assinatura *Grindr XTRA* inclui: 1) Sem anúncios; 2) Veja 6x mais perfis, até 600 de uma vez; 3) Veja apenas pessoas que estão *on-line* agora; 4) Veja apenas perfis com foto; 5) Bloqueios e favoritos ilimitados; 6) Acesso a todos os filtros premium; 7) Converse facilmente com frases salvas; 8) Envie várias fotos de uma vez. (*GRINDR, on-line*)

Ao fazer a busca no aplicativo *Grindr* nas lojas *on-line*, você encontra a descrição acima. Ao pesquisar, você encontra o nome “*Grindr – Conversa gay*”. Ele está categorizado como uma rede social pelo vendedor *Grindr LLC*¹⁸. Sua última atualização foi no dia 23 de abril de 2020, estando na versão 6.7.0, sendo a 25ª atualização desde janeiro, e com tamanho de espaço de 117,5MB (*megabytes*¹⁹). Nas suas informações, retirada da loja de aplicativos *Apple Store*²⁰, sua classificação indicativa é voltada para usuários 17+ já que os conteúdos do *app* têm referências infrequentes/moderadas a álcool, tabaco ou drogas, com temas adultos sugestivos frequentes e intensos. Tem compatibilidade com as versões do iOS 10.0 ou posteriores, compatível com *iPhone*, *iPad* e *iPod touch*. O *Grindr* está disponível em vinte e nove (29) idiomas: Português, Alemão, Birmanês, Bokmal, Norueguês, Cambojano, Chinês, Chinês simplificado, Chinês tradicional, Coreano, Dinamarquês, Espanhol, Estoniano, Filipino, Finlandês, Francês, Hebraico, Hindi, Holandês, Indonésio, Inglês, Italiano, Japonês, Laosiano, Malaio, Polonês, Russo, Sueco, Tailandês, Vietnamita e Árabe²¹.

O aplicativo consiste numa rede de geolocalização para gays, bissexuais, transexuais e *queers* se encontrarem, e se vende como o “melhor aplicativo social móvel GRÁTIS” para as comunidades, segundo a descrição na loja de compra. A rede apresenta duas versões: a gratuita

¹⁸ “*Grindr*”, “Nós”, “Nosso/Nossa”.

¹⁹ Unidades e medida que contam quantidades de informação.

²⁰ É a loja oficial de aplicativos para o sistema operacional iOS, da *Apple*. A loja permite que os usuários naveguem e baixem aplicativos desenvolvidos com o *kit* de desenvolvimento de *software* para iOS.

²¹ Informações retiradas no dia 23 de abril de 2020 da loja *Apple Store*.

e as versões pagas: XTRA²², podendo ter assinatura de um mês, sete dias de graça (R\$ 36,90 / R\$ 1,23 por dia), três meses (R\$ 74,90 / R\$ 24,96 por mês) ou 12 meses (R\$ 187,90 / R\$ 15,95 por mês), além da categoria *Unlimited*²³, dividida em mensal (R\$ 73,90), trimestral (R\$ 149,90) e anual (R\$ 449,90). Além dessa função, o *Grindr* tem outro aplicativo, que complementa as conversas, que se chama *Gaymoji*²⁴ (*Gay* + *Emoji*), um teclado livre essencial para todos da comunidade LGBTI+; ele oferece mais de 500 emojis, que são voltados à comunidade, como namoros, viagens, horas divertidas, *how you're feeling*, *guys*, entre outros.

Manter um perfil nesse tipo de aplicativo implica “apresentar um corpo” ou a ideia deste, ainda que sem a obrigatoriedade da exposição do órgão sexual – apesar deste estar implícito. O corpo, assim, é visto como um corpo virtual, mas que tem suas obrigações e suas negociações por estar nesse espaço. São produzidas estratégias que usam metonimicamente o uso do corpo e essas iniciativas são protagonizadas pelo próprio *app*, que produz atributos corporais, como na divulgação e no preço da categoria XTRA, que mostram homens másculos e viris. Estes usam apenas roupas íntimas ou usam roupas como camisas. Estas estão abertas, expondo o corpo e a roupa íntima (especialmente com o item de vestuário chamado de sungas) dos modelos; enquanto em outras imagens, devido ao enquadramento, não é possível dizer qual e se o modelo usava alguma roupa na parte debaixo do corpo, o que também é uma insinuação intencional, do ponto de vista da composição da imagem.

É possível perceber que essa produção do corpo, no âmbito das mídias digitais, reforça uma “pornografia do corpo *gay*” (MOWLABOCUS, 2015, p. 51) e passa a ter uma dimensão social, uma socialização homoafetiva, mesmo que haja uma sexualização do corpo de homens homossexuais, nas quais há o apelo da sensualidade que é visível nas imagens que são negociadas, já que estas são “tecnologias de autovigilância e autorregulação num esforço para que eles [os homens *gays*] pudessem se tornar mais saudáveis, mais adaptados, mais sensuais, mais desejáveis e – por último – ‘melhores’” (2015, p. 53). Alguns detalhes sobre isso, além dos recursos que o aplicativo dá para os usuários, podem ser observados abaixo (Figura 1).

²² Versão paga do *app* oferece assinaturas de planos e vantagens para os usuários.

²³ Ilimitado (Tradução do autor).

²⁴ Para iOS e Android, ele tem 100 emojis gratuitos e mais 500 na versão paga, de US\$ 3,99.

Figura 1 - Peças de divulgação e de preço do *Grindr* XTRA.

Fonte: Elaborada pelo autor.

Há um reforço na própria descrição do *Grindr* ao afirmar que o *app* é gratuito e que nele você encontra pessoas interessantes e de graça. Além de todas essas especificações, há uma central de ajuda que está presente no *app* com inúmeros artigos e a possibilidade do canal de ajuda no uso e no manuseio do *app*, para obstruir as dúvidas mais frequentes. Neste caso, relembro das proposições de Dominique Wolton (1999), o qual destaca que o sujeito e o mundo estão vivendo uma experiência dinâmica, ou seja, quase aproximação instantânea. É o que acontece nos *apps* de hoje. Eles são um filtro rápido da escolha de parceiros/as e também estão, estrategicamente, com novas funções, ideias para que eles possam atender à necessidade de quem está nesse mundo conectado. Por isso, Wolton afirma que “o tempo de deslocamento permitia que nos preparássemos para o encontro com o outro; hoje, tendo desaparecido esse intervalo de tempo, o outro está presente quase imediatamente” (WOLTON, 1999, p. 45).

O *Grindr* foi criado em 2009, para a versão iOS²⁵, por um israelense em Los Angeles, uma cidade sem centro LGBTI+, na qual as pessoas se locomoviam muito para se encontrar e é uma cidade em que as pessoas não caminham. Por isso a criação de um aplicativo na cidade, que não tinha um ponto de encontro. Miskolci, em entrevista²⁶, pondera que, no seu surgimento, o intuito do criador do *Grindr* era aproximar pessoas que não tinham muito tempo ou

²⁵ Em 2011, o *Grindr* foi lançado para Android.

²⁶ Entrevista do professor Richard Miskolci na Universidade Federal de São Carlos, no II Seminário Internacional Gênero, Sexualidade e Mídia, promovido pela Unesp em Bauru. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RgBYhARnhJY>. Acesso em 12 de abril de 2019.

apresentavam dificuldades em espaço urbano nos pontos de encontros. Por conta da ausência de locais sociáveis da cidade, o pesquisador afirma que, na cidade, as formas sociais de relacionamentos não existiam de alguma maneira. Tudo isso por conta da sua grande dimensão e por uma crescente privatização dos espaços públicos, além do heterossexismo²⁷ que impediam as exposições homoeróticas²⁸, segundo a realidade local naquele período.

O criador do *Grindr* chama-se Joel Simkhai e, em uma entrevista ao portal Ambiente G²⁹, ele afirmou que resolveu criar o *app* por conta da sua frustração com os *sites* de encontro, que não usavam a localização como prioridade. Podia procurar nas cidades vizinhas, mas como achar as pessoas que estavam na mesma sala, no mesmo bairro, no mesmo prédio ou do outro lado da rua? Neste sentido, surge a importância do GPS³⁰, sendo um dos primeiros aplicativos que permitia interação *on-line*, no qual os usuários poderiam se encontrar por meio de seus *smartphones*. Em alguns países, o *app* foi banido parcialmente ou totalmente, por questões políticas e religiosas, como Turquia, Irã, Arábia Saudita, Rússia, Ucrânia, Emirados Árabes e Indonésia.

No Brasil, o *app* estava no *ranking* dos países com mais usuários, ocupando a 8ª posição, com 130 mil usuários, segundo o *site iGay*, em entrevista com Joel Simkhai³¹. Até junho de 2016, Simkhai esteve à frente do controle da empresa, quando vendeu uma participação de 60% para o *Kunlun Tech Group*³² por US\$ 93 milhões e, posteriormente, o restante para a empresa chinesa de jogos sociais, no ano de 2018, segundo o Jornal *The New York Times*³³. Em 2018, a empresa chinesa adquiriu 100% das ações e do capital, quando desembolsou mais US\$ 156 milhões. Quando a propriedade chinesa estava no comando, a empresa teve atenção dos EUA, por conta da lei chinesa que exige que as empresas do país cooperem com serviço de inteligência, causando consequência para o grupo e sendo pressionado pelo país da América.

²⁷ São atitudes de preconceito, discriminação, negação, estigmatização ou ódio contra toda sexualidade que não seja a heterossexual, expressa de forma sistêmica.

²⁸ Atração erótica entre indivíduos do mesmo sexo, tanto entre homens como entre mulheres.

²⁹ Entrevista a Joel Simkhai, criador do *Grindr*. Portal Ambiente G. Disponível em: <http://www.ambienteg.com/personajes/entrevista-a-joel-simkhai-criador-de-grindr-una-lesbicaheterode-grindr-pronto-estara--lista/>. Acesso em 10 de abril de 2019.

³⁰ *Global Positioning System*.

³¹ Joel Simkhai, criador do *Grindr*: “sei que é complicado conhecer outros homens”. Disponível em: <https://igay.ig.com.br/2013-03-05/joel-simkhai-criador-do-grindr-sei-que-e-complicado-conhecer-outros-homens.html>. Acesso em 10 de abril de 2019.

³² Propriedade da *Grindr*, sediada em *West Hollywood*, na Califórnia.

³³ *Grindr* sells stake to chinese company. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2016/01/12/technology/grindr-sells-stake-to-chinese-company.html>. Acesso em 10 de abril de 2019.

No ano de 2020, o aplicativo foi vendido por US\$ 608 milhões pela empresa chinesa *Beijing Kunlun Tech*³⁴ para uma *holding* americana chamada *San Vicente Acquisition LLC* por conta de segurança de nacional, segundo o proprietário³⁵. Apesar dos conflitos percebidos, é nítido identificar como o mercado de redes sociais vem se tornando referência no mundo do negócio e da inovação e como o torna um mercado sedutor, interessante e milionário. Em 2016, por exemplo, as ações na bolsa aumentaram a capitalização da *Kunlun Tech* a 1,1 bilhões de iuanes³⁶. Nessa perspectiva, é interessante entender que esse mercado está enraizado por conta dos valores do senso comum, os quais ajudam a reproduzir valores sociais (JARDIM; MOURA, 2017) por meio do discurso, das práticas afetivas e econômicas que moldam uns aos outros, o que faz creditar seu sucesso entre as empresas que mantêm esses aplicativos. Atualmente, o *Grindr* possui cerca de 27 milhões de usuários ativos diários.

Curiosamente, a palavra *Grindr*, no idioma inglês, origina-se do significado para “moedora de café” - *Grinder*. Ou seja, os usuários podem se fazer presente neste *app* e mesclar os homens, além de aplicar os desejos sexuais e/ou eróticos, metaforicamente, moer os sentimentos, corpos, afetos. A marca do aplicativo contém uma máscara preta no fundo amarelo (Figura 2) o que, segundo o criador, é um símbolo que remete a uma comunidade primitiva africana. Percebo como a analogia dessa máscara pode ser entendida como um objeto que esconde e que ao mesmo tempo revela sentimentos e desejos, mas que esconde a identidade e livra do julgamento social. Para Anselm Strauss (1999, p. 29), as máscaras envolvem a identidade social e ela molda “de acordo com o que ela consegue antecipar seus julgamentos”. Destarte, ao usar máscaras, nossa identidade é associada por nós mesmos ou pelos outros.

Sobre isso, as máscaras podem ter outras interpretações, mostrando que um sujeito pode se esconder, mas o mesmo tempo pode se revelar. Vieira (2013, p. 152) destaca que o sujeito pode adotar “posturas, expressões, palavras e pensamentos”; na visão da pesquisa, “é uma forma de se expor a questões mais subjetivas”, e esta interpretação fica mais evidente quando se trata de um aplicativo que esconde e que revela as identidades e os papéis sociais que o indivíduo quer ou precisa performar no momento do seu uso.

³⁴ G1. **Empresa chinesa dona do Grindr vende aplicativo por US\$ 608 milhões.** Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2020/03/06/empresa-chinesa-dona-do-grindr-vende-aplicativo-por-us608-milhoes.ghtml>. Acesso em 19 fevereiro 2020.

³⁵ ISTO É. **Grupo Chinês vende o aplicativo gay Grindr por pressão dos EUA.** Disponível em: <https://www.istoedinheiro.com.br/grupo-chines-vende-o-aplicativo-gay-grindr-por-pressao-dos-eua/>. Acesso em 19 fevereiro de 2020.

³⁶ Moeda oficial da República Popular da China.

Figura 2 - Marca do app *Grindr*.

Fonte: *Grindr (on-line)*.

A interface do *app* segue um padrão todo nas cores preta e amarela, e pode ser, metaforicamente, comparada a uma espécie de ‘vitrine virtual’ (VASCONCELOS; VIEIRA; CAL, 2017), que exhibe uma grade de imagens representativas de homens, pela proximidade mediada pelo GPS ativado do próprio *smartphone*. Sobre as questões técnicas, o *Grindr* é um *app* para tecnologia móvel, que não exige do usuário todos os dados do perfil para começar a ser usado. Sendo assim, omitir algumas informações pode fazer parte dos usos dos usuários que não querem explicitar a sua identidade, gostos e identificações, já que cada usuário pode usar a máscara que melhor define no momento do uso.

Há a possibilidade de o perfil ficar incompleto, uma vez que não se tem a obrigatoriedade da disponibilização de fotos. Por isso, há um espaço negociado para o anonimato ou *fake*, que pode fazer-se passar por outra pessoa ou com o intuito de não querer ser identificado ou por não estar apresentado ao mundo social. Isso acontece com homens casados ou homens que fazem sexo com outros homens, mas que não se identificam como *gays* e afins. Uma prática analisada e bem interessante no aplicativo é a construção visual da priorização do corpo ou parte dele – em sua maioria –; o rosto fica em segundo plano, pois alguns usuários estão ali consumindo outro tipo de experiência, a sexual, principalmente, onde o sigilo e discrição são favoráveis e são aceitas ou negociadas. Courtney Blackwell, Jeremy Birnholtz e Charles Abbott (2015) e Roderic Crooks (2013) pontuam que a imagem já traz uma mensagem para o usuário. Uma interpretação comum entre os usuários do *Grindr* é a de que, geralmente, as pessoas com fotos de rosto tendem a ser assumidas sexualmente. Pessoas com fotos de fundo preto preferem a discrição e o anonimato para não mostrar seus desejos e, assim,

serem julgados ou descobertos. Os que colocam fotos mais corporais, um dorso ou um peitoral, tendem a estar mais interessados em práticas sexuais ou casuais, denominadas como a cultura *fast-foda* (*hook-up*³⁷). Dentro disso, é evidente que os *designs* dessas plataformas valorizam as imagens (MISKOLCI, 2015).

A partir disso, há símbolos, cores e entre outros elementos visuais para entender a dinamicidade do *app*, sendo ele direto e de fácil entendimento, para ocorrer um contato mais rápido, efêmero e de sucesso, o que a maioria espera. O criador do aplicativo Joe Simkhai disse, em entrevista para o *iGay*, que o conceito do *Grindr* era bem simples. O primeiro passo era criar um perfil com foto e algumas informações básicas. A partir disso, usava a localização para visualizar o perfil de até 100 pessoas que estão próximas e fazer o contato com quem tiver interesse. Dentro da interface do aplicativo, logo de imediato identifica-se, no canto superior esquerdo, o atalho para mexer no perfil; centralizado, o atalho para fazer uma busca pela cidade ou pelo CEP; e, no canto direito, um atalho para colocar os tipos de filtro categorizados como “filtros básicos”³⁸ e “filtros avançados”³⁹.

Mais adiante, na parte central e quase total do *app*, encontram-se os perfis com seus respectivos *status*⁴⁰ e apelidos e que são, também, categorizados em duas categorias: “caras novas” e “quem está perto”. Nesse espaço, aparecem algumas miniaturas, às vezes vazias, dependendo da hora e do local em que o perfil atualiza a sua rede. O que se percebe no *site* promocional, onde está recheado de perfis e fotos, não acontece da mesma forma nos perfis. O sigilo e a modéstia são essenciais para alguns casos. Às vezes, o que não é comum, o perfil do usuário pode ser uma paisagem aleatória ou uma natureza morta. Digo que isso depende da autoestima e vontade do usuário, como foi mencionado nas minhas entrevistas e na pesquisa de campo feita por mim, já que, constantemente, os perfis estavam alterando suas fotos ou retirando-as. Além disso, há filtros para encontrar pessoas próximas. Algumas vezes é arriscado pela possibilidade de encontrar alguém próximo (vizinho, amigo, alguém familiar etc.) e pôr em risco as negociações do anonimato no aplicativo. Por isso a ausência da foto é uma opção (Figura 3).

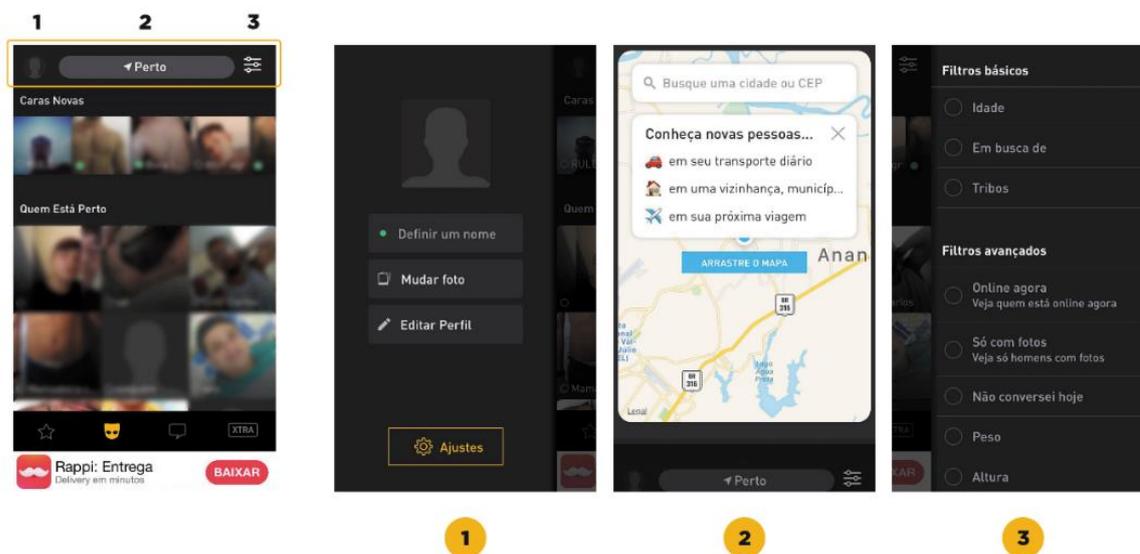
³⁷ Encontros sexuais casuais, sem a inclusão de intimidade emocional, vínculo ou relacionamento comprometido.

³⁸ “Idade”, “Em busca de” e “Tribos”.

³⁹ “*On-line* agora (Vejam quem está *on-line* agora)”, “Só com fotos (Veja só homens com fotos)”, “Não conversei hoje”, “Peso”, “Altura”, “Porte Físico”, “Posição”, “Etnia” e “Relacionamento Atual”.

⁴⁰ Há dois tipos de *status*: a) *On-line* agora; b) Incógnito.

Figura 3 - Interface do aplicativo e suas funcionalidades.



Fonte: Elaborada pelo autor.

Na parte inferior, aparecem quatro ícones que ajudam na navegação do *app*. O primeiro é uma estrela, que tem, como objetivo, guardar algum perfil de maior interesse (favoritos); o segundo é a marca do *Grindr*, levando para a parte em que aparecem os diferentes perfis; o terceiro é um ícone de balão de fala, que guarda as mensagens recebidas dos demais usuários e os *taps*⁴¹; o último ícone, com a inscrição XTRA, leva para o anúncio do aplicativo na versão paga. Além desses atalhos do *app*, continuamente, aparecem publicidades no rodapé ou em diferentes formatos (Figura 4).

Figura 4 - Atalhos principais na área principal do *app*.

Fonte: Elaborada pelo autor.

⁴¹ No aplicativo *Grindr*, eles apresentam os *taps* como uma “uma coisa maravilhosa! Eles podem ser usados para quebrar o gelo - você pode mostrar para outra pessoa que você está interessado sem ter que encontrar as palavras certas para iniciar uma conversa”. Pode visualizar suas mensagens e *taps* separadamente e poderá filtrar seus *taps* entre as opções: “interessado”, “amigável” e “atraente”.

Basicamente, há um padrão para fomentar o surgimento de uma “nova conversa”. No *feed* principal do aplicativo, aparece uma lista de possíveis contatos e, dentro disso, aparece seu status de visualização e a distância em relação ao usuário. Ao tocar na imagem, pode aparecer

a) *Informações Básicas*: as fotos disponíveis, o nome de exibição e um breve histórico do perfil selecionado (“sobre mim”)⁴²; b) *Estatísticas*: idade, altura, peso, porte físico⁴³, posição⁴⁴, etnia⁴⁵, relacionamento atual⁴⁶ e minhas tribos⁴⁷; c) *Expectativas*: em busca de⁴⁸, local de encontro⁴⁹, aceitar fotos NSFW⁵⁰; d) *Identidade*: Sexo⁵¹ e Pronomes⁵²; e) *Saúde sexual*: Exame de HIV⁵³ e último exame, f) *Links Sociais*: *Instagram*⁵⁴, *Spotify*, *Twitter*⁵⁵ e *Facebook*⁵⁶, caso preenchido. Além dessas informações, o *status* do usuário, a localização, o(s) *Tap*(s) recebido(s), ícones de *Tap* e de mensagem, uma estrela com a opção de tornar favorito⁵⁷ perfil da pessoa interessante, uma bandeira com a função de denúncia por infração⁵⁸ e o ícone para bloquear outro usuário (Figura 5).

⁴² Até 255 caracteres.

⁴³ “Torneado”, “Comum”, “Grande”, “Musculoso”, “Magro” e “Parrudo”.

⁴⁴ “Ativo”, “Versátil + Ativo”, “Versátil”, “Versátil + Passivo” e “Passivo”.

⁴⁵ “Asiático”, “Negro”, “Latino”, “Árabe”, “Mestiço”, “Índio”, “Branco”, “Sul Asiático” e “Outro”.

⁴⁶ “Comprometido”, “Caso”, “Noivo”, “Exclusivo”, “Casado”, “Relacionamento aberto”, “Com parceiro” e “Solteiro”.

⁴⁷ “Urso”, “Elegante”, “Papai”, “Discreto”, “Nerd”, “Barbie”, “Couro”, “Malhadinho”, “Soropositivo”, “Cafuçu”, “Trans”, “Garotos” e “Sóbrios”.

⁴⁸ “Conversa”, “Namoro”, “Amigos”, “Contatos”, “Relacionamentos” e “Agora”.

⁴⁹ “Minha casa”, “Sua casa”, “Bar”, “Cafeteria” e “Restaurante”.

⁵⁰ *Not safe for work* (Não seguro para o trabalho): é uma gíria da internet que serve como alerta de conteúdos próprios que não podem ser visualizadas em locais públicos e no local de trabalho.

⁵¹ I) *Homem*: “Homem”, “Homem Cis”, “Homem Trans” e “Homem personalizado”; II) *Mulher*: “Mulher”, “Mulher Cis”, “Mulher Trans”, “Mulher Personalizada”; III) *Não binário*: “Não binário”, “Não conformista”, “*Queer*”, “Travesti” e “Não binário personalizado”.

⁵² “Ele/Dele”, “Ela/Dela”, “Eles/Deles” e “Pronomes personalizados”.

⁵³ “Não mostrar”, “Negativo”, “Negativo/Usando PreP”, “Positivo”, “Positivo não detectável”.

⁵⁴ Rede social *on-line* de compartilhamento de fotos e vídeos entre seus usuários, que permite aplicar filtros digitais nas imagens.

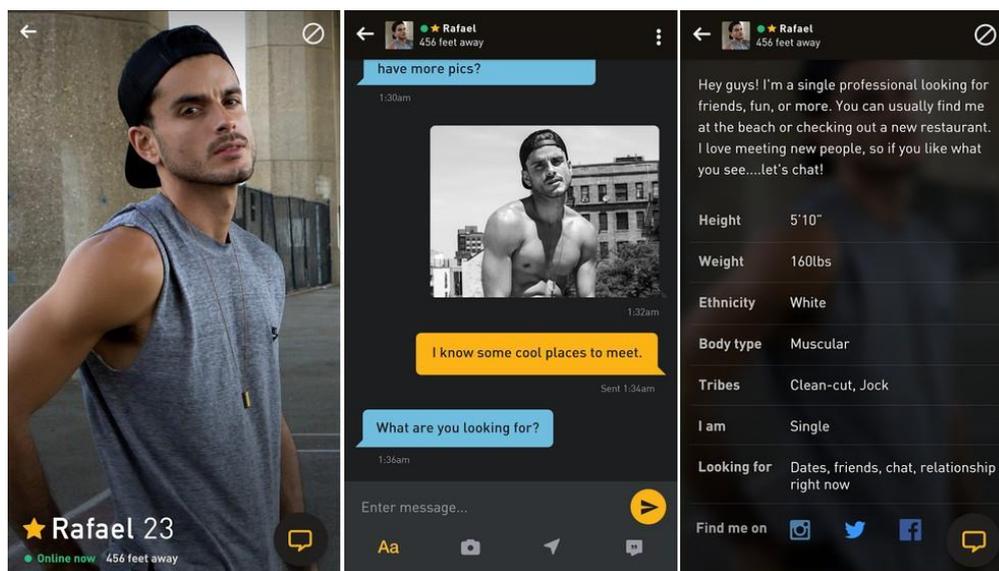
⁵⁵ Rede social que permite aos usuários enviar e receber atualizações pessoais de outros contatos, por meio do *website* do serviço, por SMS e por *softwares* específicos de gerenciamento.

⁵⁶ Rede social mais popular no Brasil, criada em 2004. Seus fundadores elaboraram ainda quando eram estudantes, na Universidade de Harvard, em Massachussets, nos Estados Unidos.

⁵⁷ A opção se dá a partir do tipo de envolvimento se quer com o pretendente, ou seja, pode separar por “todos”, “favoritos”, “recentes” e “próximos”.

⁵⁸ Estabelecida em contrato pelo uso da rede social.

Figura 5 - Resumo do funcionamento do app.



Fonte: Alterada pelo autor.

O app desempenha esse contato entre os usuários. A partir desse contato, os usuários podem conversar, compartilhar mensagens, imagens, localização, como se percebe na segunda tela da Figura 5. A arquitetura do aplicativo passa por atualizações constantes para eliminar os que dificultam o seu uso, modificando as configurações e o *design*. “A ideia de que o *Grindr* funciona como um horizonte de entendimentos inscritos sobre corpos e espaço que são executados por seus usuários pode ajudar a explicar como o *Grindr* ordena as relações sociais” (CROOKS, 2013, *on-line*). Além disso, o *Grindr* tem objetivo focado na comunidade LGBTI+. A criação de uma revista digital chamada *Into*⁵⁹ era uma peça-chave que era comparada como um *Atlantic gay*. Há um setor ativista do app chamado *Grindr Equality*, com a intenção de ajudar a comunidade do mundo inteiro, produzindo campanhas de saúde e proteção sexuais.

1.2 Vivências e impressões

Considero que cada momento é crucial para a elaboração deste trabalho. Cada áudio transcrito e anotações feitas das entrevistas realizadas me fizeram questionar esse universo *gay* e como os integrantes se comunicavam, já que era um ambiente novo para mim. Um aplicativo cheio de recursos básicos e ao mesmo tempo grandioso em detalhes e que se tornou popular na

⁵⁹ *A Digital Magazine for the Modern Queer Worlds*.

comunidade. Por isso, é preciso “observar detalhadamente as formas em que se experimenta o uso da tecnologia” (HINE, 2004, p. 163). O momento inicial da pesquisa de campo foi o da entrevista. Esse processo foi importante para entender os procedimentos que foram traçados para esta construção, compreender os diversos pontos de vista, suas experiências, fazê-los refletir sobre o uso e o modo que negociam as suas imagens ou não. “Não podemos deixar de considerar o entrevistado como tendo um conhecimento do seu próprio mundo, do mundo do entrevistador e das relações entre eles” (SZYMANSKI, 2002, p. 13).

Faço essas pontuações porque senti também um certo uso emocional, mas também instrumental do aplicativo: em algumas situações, para alguns interlocutores, ele – o aplicativo – era apenas um negociador de sexo e só tinha essa função, por isso era usado de forma superficial e objetivo pelo usuário Nerd25. Para isso, foi válido reconhecer as outras temáticas presentes nas entrevistas, para entender assuntos como a questão de sexo a partir do aplicativo, a preocupação em não disponibilizar uma foto completa no primeiro momento e outros. Percebi, de certo modo, um medo por estarem no aplicativo, que apresenta uma certa segurança com o usuário. Porém, não é totalmente confiável pelos usuários e por suas escolhas ramificadas. Mesmo assim os conteúdos acerca da sexualidade foram comentados e expostos para mim com certa confiança, o que deixou a conversa fluir e com mais detalhes. Todos os interlocutores foram pontuais e enfáticos em suas respostas, mostrando o universo de aventuras ou aventuras dentro de um universo que o *Grindr* representa(va).

Geralmente, os relatos desta pesquisa de campo foram feitos a partir de provocações, por meio do roteiro semiestruturado, para detalhar mais suas experiências a partir do uso do *Grindr*. Em todas as entrevistas houve o relato, por parte dos interlocutores, de um certo receio e medo de estarem presentes no aplicativo, porém a vontade de ter sexo era maior, mesmo que fosse com um desconhecido ou de ser descoberto pelo namorado. No momento da pesquisa, pensei que essas questões poderiam ser traços exclusivos de uma apreensão sobre a segurança pessoal e o fato de se envolver com estranhos, mas quase todos os interlocutores responderam que o fator da insegurança estava também relacionado à insegurança da exposição e leitura que os outros fariam sobre o corpo, seus órgãos e suas vidas.

A abordagem acima foi percebida na fala de Elegante26, que chamou um homem para sua casa. Descobriu que este era casado e que o mesmo queria fazê-lo de “putinha”⁶⁰, ou seja, maltratá-lo e agredi-lo. Este relato me tocou, especialmente porque Elegante26 foi muito franco nas conversas da pesquisa de campo e detalhou toda a sua vida, desde a briga com a família por

⁶⁰ Expressão utilizada pelo interlocutor em entrevista.

se assumir homossexual, até a as dificuldades financeiras que passavam. O mesmo pontuou a infelicidade de fazer parte dos aplicativos *gays* e ponderou a frequência de uso. Ressaltou sua crise por estar presente e, ao mesmo tempo, de ser um passatempo, para ele não se sentir sozinho e ter uma prática sexual constante, e seu total descontentamento com o aplicativo; apesar de tudo, ainda fazia parte do mesmo e estava à procura de homens para transar.

Clifford Geertz (1989) nos auxilia quando nos fala sobre a importância do contexto de quem é observado e de quem o observa, pois entende que as estruturas sociais têm influências no processo do sujeito, haja vista que essas estruturas tendem a fazer parte da rotina dos sujeitos, bem como o uso de aplicativos, como exemplo. A nossa vida está repleta de rituais, quando se compreende o seu conceito. Está além das representações simbólicas estabelecidas – por meio de movimentos, máscaras e outros objetos. Elegante²⁶ e os outros entrevistados, em pesquisa de campo, sentiram a necessidade de expor a sua vida, falaram de si e de suas relações, detalharam suas práticas ritualísticas, quando usavam os aplicativos, quando marcavam antes, durante e depois do envolvimento com outros homens.

Segundo Victor Turner (1974), os indivíduos que estão se envolvendo em um ritual têm a forte tendência de desenvolver um sentido forte sobre e para o grupo. Assim, é perceptível que o ritual traz um conjunto de gestos, palavras e formalidades. Por isso, é anexado um valor simbólico, cuja performance é prescrita e codificada pela sociedade, de modo geral. Esses rituais, também, podem se desenvolver para ações e até mesmo para objetos, como temos os *smartphones* a partir da tecnologia, já que estes podem ser focos de análise a partir de impressões e interação que geram entre os sujeitos. Ou seja, a partir dessa compreensão, trago este conceito, pois percebi, na vida cotidiana, como bens de consumo podem fazer parte de rituais que estão presentes em nossas vidas, como os *smartphones* e, conseqüentemente, os aplicativos de relacionamento.

O que pude perceber, a partir disso, é que as mídias digitais trazem estes desafios. Somos provocados a usar essas ferramentas como campo de investigação, já que trazem reflexões sobre uma nova forma de ser relacionar sexual e/ou afetivamente, construindo novas subjetividade e novas performances mediadas por estes aparelhos. Além disso, entender as práticas sexuais chamam atenção porque a Internet e seus desdobramentos abriram um campo vasto e rico neste quesito, o que torna difícil no campo *off-line*, já que estas práticas sofrem perseguições sociais. Dessa forma, a necessidade principal da minha entrada no aplicativo se deu por conta de querer entender mais esse campo *on-line*, que partilha de experiências, desejos e negociações, mencionadas pelos interlocutores.

1.2.1 Interlocutores Usuários

Urso25, Elegante26, Papai21, Discreto27, Nerd25, Barbie23, Couro23 e Malhadinho33 foram os interlocutores para a construção deste trabalho. Eles contaram suas experiências e vivências no aplicativo *Grindr*. Estes interlocutores são oito jovens⁶¹, já usaram ou usam o *Grindr*, são moradores da cidade de Belém ou de sua região metropolitana, suas idades variam de 21 a 33 anos. Antes que eu passasse para a terceira fase desta pesquisa, na qual criei meu perfil para fazer parte do aplicativo, foi importante escutá-los, identificar suas interpretações a partir das próprias experiências, principalmente sexuais e afetivas. O recorte para este estudo, a partir das entrevistas semiestruturadas, ocorrem em caráter *off-line*. Pontuo que as participações dos usuários foram de formas diferentes, uns mais à vontade e outros mais tímidos. Apesar de marcações de diferença, próprias das vidas individuais de cada interlocutor, um dos pontos em comum, durante a entrevista, foi sobre o uso de performarem nos aplicativos para conquistarem futuros encontros casuais. Além disso, eles pontuaram sobre a cidade de Belém e como é o uso do *Grindr* na cidade, o que frustrou por considerarem não ser uma cidade com pessoas atraentes fisicamente – para eles – ou que encontravam pessoas menos interessantes e ainda por falarem sobre uma característica uniforme entre eles, que é de “que todas as bichas se conhecem em Belém”. Então, fica mais difícil o uso.

Nessa perspectiva, trago as ideias de Goffman (2011) que contribui com seu foco na “micro interação”, já que pontua, a partir de um pequeno grupo, num dado momento e espaço, o que busca entender por relações face a face. Ele evidencia a construção do emaranhado complexo de relações sociais em um determinado tempo-espaço por sujeitos face a face. É curioso até entender que as falas dos interlocutores trazem uma certa preocupação e complexidade por se tratar de uma privacidade que não quer ser rompida com os usuários de uma mesma cidade, mas cogitando o uso em outras cidades, já que não corre o risco da exposição face a face.

Os interlocutores Urso25 e Discreto27 relataram suas experiências durante o intercâmbio nos Estados Unidos, em que identificaram uma facilidade de se relacionar com outros usuários. Urso 25 disse que foi aprimorar o inglês e “deixou no ar” a vontade de manter um relacionamento mais sólido dentro do aplicativo em outro país. Para esse objetivo, usou o *Tinder*, mas acabou que os dois aplicativos serviam para a mesma finalidade, que foi o sexo casual. Na experiência dele, os encontros eram absurdamente constantes. Chegou a relatar de

⁶¹ Lembrando que todos os interlocutores se autorreconheceram como jovens.

quatro a cinco encontros por semana. Para Crooks (2013, *on-line*), o *Grindr* “oferece uma nova maneira de acessar os lugares onde você já está”. Para eles, é uma nova experiência, em uma nova cidade, em um novo país com tradições e culturas diferentes, possibilitando um universo de experiências.

Apesar da insegurança, o uso constante do aplicativo mostra uma forma diferente de usufruir dessa tecnologia porque, por décadas, as relações homossexuais foram marginalizadas, foram distantes do olhar público, fazendo com que esse público tivesse uma relação obscura, em espaços marginais da cidade ou da casa (PERLONGHER, 2008). Dessa maneira, apesar de toda a transformação contemporânea, os encontros entre sujeitos *gays* em espaços comuns, como saunas, banheiros, becos ainda são negociados e operados de forma subterrânea (MEDEIROS; SILVA, 2018).

Por isso, alguns interlocutores destacaram que, às vezes, se aventuraram em sair com homens casados, homens que não são assumidos, ou quem vêm de outras cidades, por conta dessa exposição ser escondida ou mantida em segredo. A influência da tecnologia nessa expansão geosocial foi percebida. Por exemplo, uma relato trazido por Nerd25 afirmou que, depois do seu contato com o *Grindr*, ele começou a usar mais o *Instagram* porque ali ele poderia conversar com pessoas de outras cidades, onde pode também enviar foto e apagar logo ou saber se alguém bateu um *screenshot*, até mesmo de visualizar os perfis que mais interessam – quando estes não são privados.

Nesta discussão, o autor Michel Foucault (2013) se apoia no conceito de heterotopia. Para ele, essa ideia explica o encontro dos espaços na sociedade, ou seja, pensar a realidade daquele espaço a partir da representação de lugares que estão entorno. Nesse âmbito, percebo como a cidade (espaço), analisando de maneira geral, é vista como uma barreira para aqueles que sentem a necessidade de aproveitar o objetivo do aplicativo e, dessa forma, os indivíduos exploram esse espaço em lugares íntimos e reservados. Mas também podemos trazer a ideia do aplicativo como esse espaço que implica em uma avaliação, o que pode ser visto como contraditório, já que uma das exigências é o envio de uma foto do rosto, como um marcador forte e presente entre os usuários, além do ato de ser “aprovado” no quesito masculinidade que se é buscada. Assim, é possível perceber as diversas portas que estes aplicativos, de modo geral, abrem para desdobrar o acesso aos locais físicos e até mesmo no ambiente *on-line*.

Dando continuidade, destaco o caso de Malhadinho33 que, apesar de envergonhado por conceder a entrevista, não deixou de responder às perguntas. Um dos motivos para essa “timidez” foi o caso de que o ano de 2019 foi, segundo ele, definitivo. Ele, *gay*, não sabia de fato da sua orientação, com uma carreira musical bem-sucedida, prestando assessoria para

outros músicos de diferentes gêneros musicais, inclusive o gospel, onde também iniciou sua carreira, percebeu que estava se escondendo por muito tempo. O assunto sobre a sua sexualidade era ainda pouco comentado no seu âmbito pessoal. Até que ele confessou que, em um dia, sentiu uma segurança e conversar com amigos próximos e falar sobre suas experiências, vontades e desejos.

A ação de Malhadinho 33 mostrou para ele próprio que podia caminhar com sua carreira e que não iria interferir em nada da sua vida. Foi quando decidiu, com o incentivo dos amigos, entrar no *Grindr* e teve contatos com homens; mostrou um uso constante por conta dos relatos, até revelando os seus gostos e pontuando situações ao usar o aplicativo. Em um dia, um fã o reconheceu no aplicativo, sendo que tinha acabado de lançar um trabalho mais espiritual, o que causou uma reflexão para entender o contexto inserido. Por isso, reestruturou muito de sua forma de pensar dentro desse mundo em que ele podia ser mais quem ele quisesse.

Destaco sobre isso a ideia de “sociedade refletida” que, nas palavras de Eric Landowski (1992), é baseada na reflexão e na transformação que as tecnologias causam a partir do acesso dos conteúdos, da vivência e da construção do subjetivo, fazendo com que esta esfera do público e do privado seja observada e até mesmo questionada. Dessa forma, entendo como as microsociologias de que o sujeito faz parte influenciam nas práticas acerca da sexualidade, tais como sair e/ou entrar no armário (SEDGWICK, 2007).

Apesar da distinção de mundos entre os interlocutores dessa pesquisa, pude perceber também similaridades, vivências que trouxeram riquezas e tensionamentos sobre o uso do aplicativo. Apesar das intencionalidades em alguns momentos diferenciadas, grande parte dos interlocutores demonstrou, como ponto de afinidade, a troca de ideias, a acolhida e aceitação (nunca totais e generalizadas, mas ainda assim significativas) dentro do aplicativo e o autorreconhecimento. Dessa forma, consigo perceber essas experiências a partir da sexualidade, da reprodução e da trajetória por conta dos seus experimentos em um universo de descobertas, acolhidas, encontros e vontades, do diálogo da ordem prática e da relação da descoberta de si, do Outro, e da ordem dos afetos desses sujeitos abjetos.

1.2.2 @pesquisador25

Para esta pesquisa, optei por fazer parte do aplicativo também. Queria entender as práticas ou quase todas as percepções que tive durante a entrevista com os interlocutores. Por isso, a partir daqui, trarei como foi essa experiência de 28 dias no aplicativo. Tentei anotar todos os fatos que aconteceram. Confesso que foram muitas situações em que não eram suficientes

ter algum tipo de resposta imediata ou visualização. Reforço, também, que houve um contato mínimo pessoal com os usuários, com poucas trocas de mensagens, pelo aplicativo, mas não foi a parte principal da pesquisa, uma vez que o objetivo era o de observar alguns tipos de negociações mediante as imagens e informações que eu disponibilizava e de compreender as influências das performances.

No artigo “Vitrine Virtual” (VASCONCELOS; VIEIRA; CAL, 2017), os autores analisaram e exploraram as definições em torno das preferências sexuais, corporais e comportamentais dos usuários. O estudo aponta como as imagens, especialmente as partes corporais são comuns e fazem inferências ao cunho sexual, pois essas imagens fazem um apelo chamativo, já que, nesse sentido, percebe-se uma performance por meio dos usuários que estão ali presentes. Nessa perspectiva, o autor Goffman (1959) traz a compreensão do conceito como um palco, na qual encenamos papéis sociais diversos, mostrando que o indivíduo não é o mesmo em todas as circunstâncias. Partindo do pressuposto de que a interação é necessária para uma definição prévia de hierarquias e papéis, fazendo com que o indivíduo apresente um novo Eu a cada situação. Sendo assim, as práticas de performances corporais são agenciadas de acordo com quem está do outro lado. Dessa forma, foram usadas as imagens para entender como os usuários se comportavam a partir de um experimento social.

O pesquisador Miskolci (2015) diz que é claro o uso de aplicativos em busca de parceiros, por esses terem como objetivo o uso de imagens centradas que incentivam as práticas corporais, tais como a musculação ou a corporificação de tipos eróticos. Nesses aplicativos, o corpo exibido faz parte de todo um processo de atração entre os usuários, tanto para o grupo heterossexual quanto para o LGBTI+, além dos detalhamentos dos perfis e características dos usuários para além das imagens na forma de descrições e exposições de gostos, afinidades etc. Esses perfis, geralmente, contêm performances a partir das imagens corporais, como dorsos, costas, boca, ombros, bíceps, sendo, assim, possível categorizar esses grupos pela comunidade como “musculoso”, “urso⁶²”, “*sugar daddy*⁶³”, entre outras “tribos”, como chamam. Essa exposição parte tanto de práticas culturais quanto de jogos de performances sociais, que assumem importâncias dependendo do contexto da sociedade e de seus membros.

⁶² Terminologia da comunidade *gay* masculina a qual define que os “Ursos” tendem a ser sujeitos identificáveis por possuírem o corpo peludo e barba: alguns são muito grandes ou pesados; alguns projetam uma imagem masculina de aparência bruta, porém nada disso é requisito ou são indicadores únicos.

⁶³ Expressão da língua inglesa para relacionamentos românticos; refere-se à relação entre duas pessoas de idades distintas, nas quais uma das partes é sustentada por dinheiro, presentes ou outros benefícios em troca da relação amorosa.

As anotações do campo foram feitas todos os dias durante o período da noite, antes de dormir, na qual tentei analisar e perceber momentos na hora da conversa com os interlocutores e, ao mesmo tempo, trazendo novas percepções. Por conta disso, utilizei alguns métodos para estar presente. Ao entrar, esquematizei como seria essa forma de entrar. Então, percebi que alguns perfis possuem fotos e outros não.

Durante o período, aproximadamente de um mês, naveguei no aplicativo *Grindr* para entender o universo o qual meus interlocutores haviam mencionado nas longas conversas que tivemos. Primeiramente, foi uma experiência estranha, confesso, pois mergulhar em um aplicativo de um grupo que não fazia parte do meu cotidiano me causou certo desconforto por vários motivos, principalmente relacionado à exposição, visto que há um certo julgamento pelo uso desses tipos de recursos, sendo da comunidade LBGTI+. Inicialmente, estava em um relacionamento sério, então era mais difícil me envolver com o objeto proposto de estudo. Posteriormente, algumas situações foram tomando conta e o relacionamento não continuou, depois disso vi que poderia sociabilizar sendo eu mesmo, mas ainda assim ressaltando minha condição de pesquisador.

Sendo assim, dividi por semanas os momentos em que eu atualizaria meu perfil, que coloquei como @pesquisador; além disso, minha idade ficava evidente. Na primeira semana, não coloquei foto, optei por ter um perfil vazio, sem nenhuma informação. Queria perceber até mesmo de forma anônima o que poderia ser visto por algum usuário e qual o motivo dessa interação. Destaco que a experiência no aplicativo foi um contato maior para entender os anseios, desejos e até os medos dos interlocutores. Nos primeiros dias, sendo mais metódico, na primeira semana, as interações foram poucas, foram até questionadas por mim, já que não havia toda aquele olhar sexual ao meu perfil, porque estava incompleto, estava sem foto, e todos aqueles detalhes falados pelos interlocutores em relação ao aplicativo se davam por conta dessas lacunas dos perfis que interagem com eles. As outras semanas tiveram interações de forma surpreendente ao meu ver. A partir de então, relato como foi a minha rotina durante esse período selecionado.

Por inúmeros problemas, não tinha conseguido iniciar a minha entrada no aplicativo. A partir dos encontros, fiquei mais familiarizado com o *app*. Por isso, não foi de todo surpreendente, uma vez que já escutara, nas falas dos interlocutores, como funcionava o aplicativo e como fazia para utilizar o perfil proposto. No período desta etapa de pesquisa foi escolhido utilizar, a cada semana, um mesmo perfil, porém com informações novas acrescidas. Optei por utilizar, a partir do que foi percebido na inspiração etnográfica realizada, algumas identificações que seriam básicas para fazer parte do aplicativo, como o uso de fotos,

preenchimento do perfil, entre outras. A pesquisa foi conduzida na cidade de Belém e Ananindeua, que fazem parte da Região Metropolitana de Belém (RMB), este último o município onde eu resido, e que foram onde consegui passar mais tempo observando a dinâmica do aplicativo.

O dia 24 de julho de 2019 foi uma espécie de treino para começar, de fato, no dia posterior. Às 17h30, baixei o aplicativo *Grindr*. Ele não é muito diferente de outros aplicativos também populares e que seguem a mesma linha proposta de interação, especialmente no que tange à promoção de relacionamentos sociais. Falando especificamente sobre a interface, considerei-a simples e de fácil navegação, com aba de Ajuda e detalhamento do que pode ser preenchido em cada campo. Esta questão também conduz à reflexão sobre um certo código de conduta do *Grindr*, no qual determinados comportamentos são esperados e devem ser seguidos por seus usuários.

Dentro dessa percepção, dialogo com Marcel Mauss (1974), que afirma que o conjunto de hábitos, costumes e crenças constroem uma cultura por meio do seu corpo, por meio da “imitação prestigiosa”, conceito que o autor traz para caracterizar a construção do corpo em determinado contexto, trazendo em si atributos e comportamentos, havendo um corpo típico para cada sociedade. Voltando para o objeto de estudo, é visível perceber como os corpos têm prestígios dependendo de suas características e biótipos, resultando em “normas sociais” para estar presente no aplicativo, por meio da construção de uma cultura pautada na aparência, na imagem e que, muitas vezes, vem acompanhada do desconforto por parte de quem não sabe se consegue se encaixar a ela.

Seguindo, o primeiro comando do aplicativo é o cadastro, quando é inserido o e-mail e é criada uma senha para acesso. O usuário escolhe se deseja vincular seu cadastro a uma conta *Gmail*⁶⁴ ou *Facebook*, caso as possua. Eu fiz o cadastro com a minha conta do Gmail. Automaticamente, apareceu a minha foto para editar, caso eu assim o desejasse, e os recursos disponíveis são: recortar a foto para caber melhor nas dimensões disponibilizadas de visualização e publicar ou a opção para trocar de foto. Um detalhe importante que chamou a atenção foi que, ao aparecer minha imagem, surgiu a mensagem "Lembre-se, não é permitido nudez". Logo após, recusei a publicação da minha foto, pois esse momento faria parte de uma outra situação da pesquisa mais à frente.

⁶⁴ Serviço gratuito de webmail criado pela Google, está configurado para usar o HTTPS, um protocolo seguro que fornece comunicações autenticadas e criptografadas.

O termo de condições de serviços⁶⁵ se abre, e acontece o mesmo com a caixa de Continuar em destaque. Demorei um pouco para aceitar o termo, já que queria ler com mais calma os diversos termos disponibilizados. Entrei em contato com o suporte para solicitar o Termo do Acordo de Serviço por e-mail, para ler com mais calma e atenção. A data efetiva do termo foi no dia 1º de julho de 2018. Às 17h58, recebi o retorno imediato do termo, da equipe de suporte do aplicativo. Logo após aceitar os termos, uma nova janela abre falando sobre a Política de Privacidade e de Cookies⁶⁶ do aplicativo⁶⁷, aceitei o termo também, neste caso ou você aceita o termo para continuar ou não pode usar.

Os dois materiais trazem questões comuns entre empresas que prestam serviços de forma gratuita, por isso mostram os deveres e direitos de ambas as partes. Após isso, podemos dizer que é uma negociação que a gente faz com aplicativos que usa no dia a dia. Caso recuse os termos de condições, conseqüentemente não há como usar os serviços do aplicativo *Grindr* (Figura 6).

⁶⁵ O termo está em caixa alta e dividido em: 1. RESTRIÇÕES DE IDADE E SEGURANÇA. OS SERVIÇOS DA *GRINDR* ESTÃO APENAS DISPONÍVEIS PARA ADULTOS; 2. ADVERTÊNCIA: IMPORTANTE ISENÇÃO DE RESPONSABILIDADE SOBRE OS DADOS DE LOCALIZAÇÃO; 3. UTILIZADORES INTERNACIONAIS; 4. A SUA CONTA DE REGISTRO; A SUA UTILIZAÇÃO DA CONTA; 5. POLÍTICA DE PRIVACIDADE; 6. MODIFICAÇÕES DOS SERVIÇOS; 7. A NOSSA PROPRIEDADE; OS NOSSOS DIREITOS DE PROPRIEDADE; 8. ORIENTAÇÕES PARA A SUA UTILIZAÇÃO; REGRAS DE UTILIZAÇÃO; CONDUTA E UTILIZAÇÃO PROIBIDAS; 9. SERVIÇOS PREMIUM; COMPRAS; 10. A SUA UTILIZAÇÃO; 11. A NOSSA RECUSA OU SUSPENSÃO DO SEU SERVIÇO; 12. CONTEÚDO DO UTILIZADOR; 13. *SITES*, PRODUTOS E SERVIÇOS DE TERCEIROS; LINKS; 14. PUBLICIDADE; 15. LICENÇAS DE UTILIZADORES FINAIS; 16. AS NOSSAS ISENÇÕES DE RESPONSABILIDADE; SEM QUALQUER RESPONSABILIDADE PERANTE SI; 17. A SUA INDEMNIZAÇÃO À *GRINDR*; VOCÊ NÃO RESPONSABILIZA A *GRINDR*; 18. LIMITAÇÃO DA NOSSA RESPONSABILIDADE E DOS SEUS DANOS; 19. VOCÊ RECONHECE O BENEFÍCIO DO ACORDO COM A *GRINDR*; 20. VOCÊ EXONERA-NOS; 21. RESOLUÇÃO DOS NOSSOS LITÍGIOS; 22. POLÍTICA DE NOTIFICAÇÃO E RETIRADA; 23. LOJA DE APLICAÇÕES DA APPLE – TERMOS E CONDIÇÕES ADICIONAIS; 24. TERMOS ESTATAIS ESPECIAIS RELATIVOS AO SEU DIREITO AO CANCELAMENTO; 25. DISPOSIÇÕES DIVERSAS; Além dos termos especiais para utilizadores internacionais dividido em: 1. UNIÃO EUROPEIA E REINO UNIDO; 2. ESPANHA; 3. PORTUGAL; 4. ALEMANHA; 5. CANADÁ; 6. AUSTRÁLIA; 7. ARGENTINA;

⁶⁶ Arquivo de texto muito simples, cuja composição depende diretamente do conteúdo do endereço Web visitado.

⁶⁷ A política de Privacidade está dividida em: O que recolhemos; Como utilizamos a sua informação; Onde partilhamos; As suas escolhas; Como protegemos a informação pessoal; Informação diversa.

Figura 6 - Cadastro no *Grindr*.

A imagem mostra três telas do aplicativo Grindr durante o processo de cadastro:

- 1. Tela de Cadastro:** Apresenta o logo da Grindr, campos para "E-mail" e "Senha", um botão "Fazer login", uma opção "Esqueceu a senha?", e botões para continuar com "Google" e "Facebook".
- 2. Tela de Termos de Serviço e Política de Privacidade:** Exibe o texto dos termos de serviço e a política de privacidade, com um botão amarelo "Continuar" destacado.
- 3. Tela de Seleção de Gênero:** Titled "Sexo", pergunta "Como você se identifica?" e oferece opções: "HOMEM", "Homem", "Homem Cis", "Homem Trans" e "Homem personalizado".

Fonte: Elaborada pelo autor.

Logo após essa parte, fui concluir o cadastro do meu perfil. Identifiquei-me como @pesquisador, coloquei a minha idade: 25 anos e a minha identidade de gênero: homem cis⁶⁸, no caso, é personalizado, com a pergunta "Como você se identifica?", aparecendo algumas sugestões. Conjuntamente com essas informações iniciais sobre o perfil, ainda há uma frase dizendo que "Seu perfil é a sua primeira impressão. O que você quer que os outros saibam sobre você?". Percebo neste momento o quanto o aplicativo já induz o usuário a se expor para começar a ter uma visibilidade maior.

Acerca disto, a autora Paula Sibilia (2008) explana, no seu livro "O show do eu: a intimidade como espetáculo", como essa espetacularização foi se acentuando com a chegada das mídias digitais, no século XXI, mas não causada pela tecnologia. As redes sociais, os celulares com câmera conectados à rede, potencializaram essa visibilidade. Para ela, trata-se de um fenômeno, porque aquilo que a gente chamava de "intimidade", "espaço privado", começou a se tornar um espetáculo; transbordou com os *reality show*⁶⁹, com as fofocas e com as redes sociais que naturalizaram e "democratizaram" esse gesto e. Por isso, os dois componentes, "show" e "eu", na pesquisa, onde há uma centralidade do eu, como por exemplo nas *selfies*⁷⁰ que proliferaram, e mostram esse destaque de que o próprio aplicativo reforça essa visibilidade.

⁶⁸ Termo utilizado para se referir ao indivíduo que se identifica, em todos os aspectos, com o seu "gênero de nascença". Um homem que nasceu com órgão reprodutor masculino e se apresenta socialmente como homem e se reconhece como homem (identidade de gênero) é considerado homem cisgênero.

⁶⁹ É um gênero de programa de televisão baseado na vida real. Os acontecimentos retratados são frutos da realidade e os visados pela história sejam pessoas reais e não personagens de um enredo ficcional.

⁷⁰ Fotos de si, autorretrato.

De acordo com Sibilial, não precisa ser um “eu” destacado no espaço público. Todos podem e devem se mostrar, contar suas histórias, como se fosse um festival do eu. A palavra “show” é usada porque há uma espetacularização desse eu que tem que mostrar, os outros têm que me ver, eu me mostro, mas não basta: o Outro tem que dizer que viu. Assim, compreendo que nos aplicativos, de modo geral, esse fenômeno acontece. Precisamos estar sempre em evidência, seja por uma foto detalhada ou no lugar para que já viajamos. Por isso, trago esta compreensão para esse estudo. Para o *Grindr*, especificamente, é notória essa gama de visibilidade ao notar as fotos que são expostas e escolhidas, suas posições e detalhes, descrições e outros elementos usados para terem um certo destaque entre os sujeitos.

Logo após o preenchimento do perfil, apareceu a página principal do aplicativo e a primeira impressão que me causou, observando mais detalhadamente, foi a de como o que está ali parece uma “vitrine de imagens e corpos”. A principal observação nesse primeiro dia foi a quantidade de imagens de parte do corpo, como foi relatado nas entrevistas com os interlocutores. Para Urso25, “[...] tem uma lista, uma vitrine, um cardápio. Se rolar um papo, salva o contato ou não. Se salvar o contato, tem algum interesse.”. *Grindr* é tanto sobre corpos quanto sobre rostos, às vezes mais ou menos, depende do espaço e do horário. Em seguida, já recebo uma notificação indicando que alguém dá um *tap*⁷¹ no meu perfil.

Confesso que fiquei realmente assustado, pois, em poucos minutos, já recebo um sinal de interesse, mesmo que preliminar, de alguém e sem ter o meu perfil todo preenchido, apenas as informações básicas, posto que a primeira semana seria apenas uma “apresentação”. Inclusive ainda não tinha tido tempo de explorar o aplicativo. Horas depois, fui olhar os perfis dos usuários – com o meu perfil sem foto – e a maioria dos perfis é assim: uma breve descrição, um apelido, indicando suas características e gostos, às vezes bem explícito e explicativo sobre seus desejos e vontades. Logo em seguida, um usuário deu toque no meu perfil, mas depois disso não houve nenhuma interação para prolongamento da conversa de ambas as partes. Fazendo um paralelo a isso, Elegante26 disse que é comum ter esse tipo de comportamento no aplicativo, o usuário não coloca foto no perfil e outros usuários dão um “toque” – recurso do próprio aplicativo que mostra interesse no perfil do usuário – no sentido de chamar atenção, já que neste caso, especificamente, o apelido do perfil já mencionava possíveis características além do perfil e sua descrição.

⁷¹ Segundo o *site* do *Grindr*, “TAPS é uma coisa maravilhosa! Eles podem ser usados para quebrar o gelo - você pode mostrar para outra pessoa que você está interessado sem ter que encontrar as palavras certas para iniciar uma conversa”.

No início dessa primeira semana, meu perfil estava apenas com as informações básicas e sem qualquer foto. Alguns dias da primeira semana não tiveram interações frequentes. No dia 27, por exemplo, não houve nenhuma interação comigo pelo aplicativo, mas sim a divulgação do novo clipe, “Flash Pose”⁷², da Pablllo Vittar⁷³ (Figura 7), no aplicativo, para atingir a comunidade *gay* internacional. O clipe foi lançado, em primeira mão, na plataforma, meia-hora antes do lançamento oficial nas plataformas de *streaming*⁷⁴, e foi a primeira vez que o aplicativo fez esse tipo de ação de *marketing*⁷⁵.

Em paralelo a isso, fui ler algumas matérias relacionadas ao clipe, que é inspirado em *house music*⁷⁶ e no *voguing*⁷⁷, e à estratégia de divulgação da cantora, que teve apoio de Fernando Sances⁷⁸, a qual me causou certo estranhamento, mas um certo entendimento pela minha profissão, como forma estratégica de segmentação de mercado da marca de se posicionar entre seus pares em parceria com a cantora. Aqui pontuo o potencial do consumo LGBTI+, fazendo parte do mercado capitalista conhecido como *pink money*⁷⁹, representando mais de três trilhões de dólares ao redor do mundo⁸⁰.

⁷² A música conta com a participação da britânica Charli XCX – cantora, compositora e diretora britânica – para o próximo álbum de Pablllo, intitulado “111”.

⁷³ Phabullo Rodrigues da Silva, conhecido por seu nome artístico Pablllo Vittar, é um cantor e *drag queen* brasileiro.

⁷⁴ Tecnologia que envia informações multimídia, através da transferência de dados, utilizando redes de computadores, especialmente a Internet, e que foi criada para tornar as conexões mais rápidas.

⁷⁵ Atividade realizada pelas empresas com o objetivo gerar informações relevantes a respeito do mercado, promover produtos e serviços, ou mesmo atrair e/ou fidelizar clientes.

⁷⁶ Estilo musical e vertente da música eletrônica surgido na cidade de Chicago, na primeira metade da década de 1980.

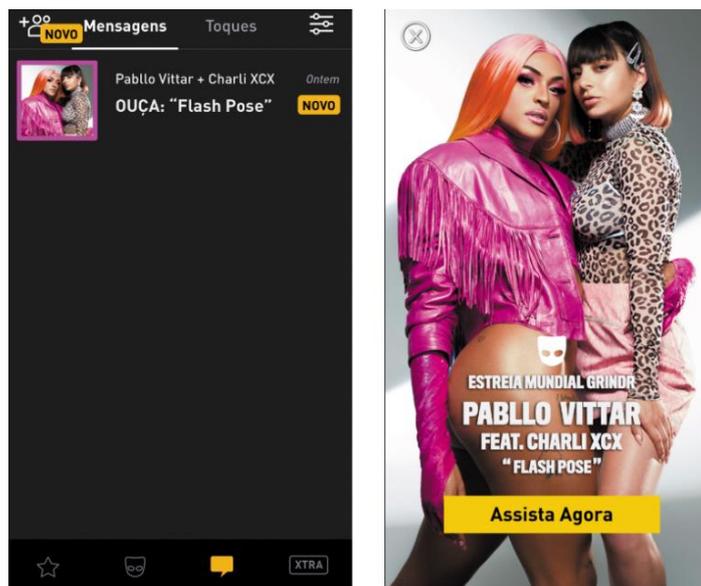
⁷⁷ Dança famosa no universo LGBTQ durante os anos 1990.

⁷⁸ *Manager* do *Grindr*, no qual ele afirmou que o *app* é um dos mais usados pela comunidade *gay*.

⁷⁹ Dinheiro rosa (tradução) é um termo que descreve o poder de compra da comunidade LGBTI+, especialmente no que diz respeito a doações políticas.

⁸⁰ Não é objetivo deste trabalho trazer a discussão sobre o *pink money*, mas evidenciar sua importância no mercado LGBTI+ e como as marcas veem uma oportunidade mercadológica. Além de todo um questionamento crítico relacionado ao termo.

Figura 7 - Divulgação do clip da cantora Pablló Vittar *feat.* Charli XCX.



Fonte: Captura do autor a partir do *app*.

Por volta das 23h54 deste mesmo dia, recebi uma mensagem direta⁸¹. Não foi o comando do *taps*. O perfil sem identificação puxou um "blz"⁸² e, logo em seguida, a foto dele de rosto completo, como se ali fosse o lugar para mostrarmos "a verdade", já que no meu perfil ainda não havia nenhuma foto e a dele tinha a mesma foto que ele me enviou em mensagem privada. Para mim, foi um momento que pensei a velocidade de informação para chegar em um possível encontro. Percebo isso a partir das contribuições do pesquisador Norval Baitello Júnior (2007), em seu estudo acerca do poder da imagem.

Nesse sentido, a cultura seria o mundo das imagens, já que “vivemos em um mundo no qual as imagens e os corpos se relacionam intensamente” (BAITELLO JUNIOR, 2007, p. 77). Nesse caso, especificamente, o que aconteceu foi o contrário. Não havia nenhuma foto e o processo de interação houve do mesmo jeito. Fiquei me perguntando o porquê dessa troca imediata. Recuero (2012) argumenta que as tecnologias são responsáveis por transformar o sujeito e fazer com que este ser experimente uma nova forma no social, ou seja, as interações percebidas não ocorrem como em um processo metódico, mas apropriado ao ambiente *on-line*, a partir das subjetividades e da forma em que ocorre as experiências do mundo.

Desse modo, como novato no aplicativo, a forma “correta” seria o perfil ter as informações preenchidas, mas foi o que não aconteceu durante o uso. Penso que isso acontece em função da forma que usuário quer se apresentar durante o uso do aplicativo. Para Nerd25, o

⁸¹ Mensagem da Caixa de Entrada no aplicativo.

⁸² Abreviação da palavra “beleza”.

uso do aplicativo era direto e ele não colocava “nada, nunca coloquei nada. Todas as pessoas que me agradavam, eu abria a conversa e já mandava uma foto de corpo na conversa, pra pessoa ver quem eu era e aí a pessoa respondia”. Dessa forma, compreendo que é o sujeito que faz as suas próprias negociações para seu próprio perfil e com as pessoas com que pretende ter alguma troca.

As fotos colocadas no perfil passam por uma espécie de aprovação da própria empresa. Eles avaliam por alguns minutos. Nenhuma das fotos postadas no meu perfil foi recusada até o fim da pesquisa, porém percebi que, mesmo assim, a maior parte das fotos usadas para o perfil são extremamente sexuais e eróticas, em exibição de partes do corpo. As ocasiões em que troquei alguma mensagem foram com três perfis que mostraram interesse pelo meu apelido escolhido, @pesquisador25, e vieram perguntar sobre a pesquisa em si.

Nessas ocasiões, tentei manter um contato com eles para uma possível entrevista, mas não obtive sucesso. O único perfil que ainda deu mais abertura de conversa, não indicava ser da cidade de Belém e descrevia sua profissão como advogado e seu estado civil de casado. Nas conversas realizadas, ele disse que poderíamos conversar, ao que se seguiu um contato no aplicativo do *WhatsApp*, mas sem muita continuidade de conversa. Ainda tentei mais duas vezes o contato por mensagem, mas percebi e também entendi o fato de não querer falar com alguém que não conhecia, mesmo que eu tenha procurado ter sido solícito e claro sobre o objetivo da pesquisa que estava realizando.

Na segunda e terceira semanas, optei por usar fotos pessoais em meu perfil, mas só de algumas partes do corpo, prática comumente usada no *Grindr*. Na segunda semana, não mexi no perfil e seus dados, apenas coloquei uma foto minha, com foco no meu ombro⁸³, pois, analisando os perfis na primeira semana, vi que essas fotos são comuns e a minha intenção era ver como se comportavam esses perfis a partir de uma imagem, mesmo sendo sem muitos detalhes. Na terceira semana coloquei outra foto, além da anterior, e preenchi todos os dados que pedem para registro do perfil no aplicativo, como o nome de exibição, sobre mim, idade, altura, peso, porte físico, posição, etnia, relacionamento atual, minhas tribos e em busca de identidade (sexo e pronome), vida sexual (status sorológico de HIV e último exame).

A partir disso, houve um aumento considerável na forma de interação com o meu perfil. Depois de usar uma foto mesmo sem grandes detalhes, houve um aumento seis vezes maior do que a semana anterior no quesito toque e 10 vezes maior no quesito mensagem. Aqui entendo

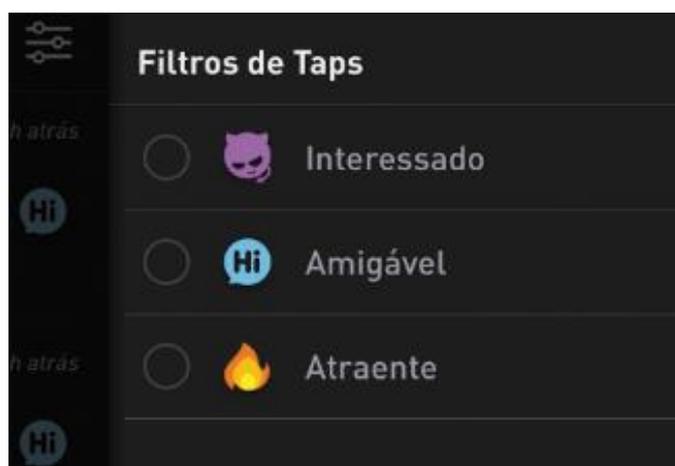
⁸³ Essa foto, especificamente, foi tirada no banheiro de casa, da forma mais sigilosa possível, apenas para o uso do aplicativo, já que não tenho costume de bater fotos com esse objetivo, mas senti a importância de participar e interagir, mesmo minimamente, pois conseguia entender o contexto no qual eu estava vivendo.

como uma imagem pode despertar um desejo, como forma de reconhecimento. Devido a isso, Miskolci fala desse desejo como um “eixo de negociação entre o sujeito e coletividade” (p. 25-26); o autor ainda complementa ao dizer que esses desejos digitais

hoje são possíveis por meio das técnicas e valores apropriados para a negociação de sua visibilidade, na qual o corpo e a performatividade que seguem regulações de gênero convencionais os que conferem a alguém o almejado reconhecimento como sujeito desejante, e, sobretudo desejável (MISKOLCI, 2017, p. 182).

Outras formas de técnicas e valores se fazem presente para proporcionar mais a questão visibilidade. Os *taps* no *app* funcionam como uma espécie de “chamada de atenção” e, dentro desses toques, há signos que nos mostram o grau de interesse da pessoa. Ele está dividido em três categorias: Amigável, Atraente e Interessado (Figura 8). Então, só a partir de algo correspondido, como receber outro toque, que se pode iniciar uma conversa. O que eu mais percebi nessa experiência foi o fato de que, mesmo sem nenhuma interação⁸⁴ da minha parte, houve toque e mensagens de um mesmo usuário. Claro que ali há várias possibilidades de conversa, mas a partir dessa vivência e dos interlocutores mencionando as suas maneiras de uso, percebi que isso foi mais constante na última semana.

Figura 8 - Filtros de *taps*.



Fonte: Acervo do autor.

A última semana na qual meu perfil esteve disponível no *Grindr* foi bem surpreendente, pois disponibilizei uma foto que pudesse complementar, de certa forma, o que eu tinha escutado

⁸⁴ Quando pontuo “sem nenhuma interação” é porque não houve um contato direto com os usuários, mas as formas nas quais eu me posicionava no aplicativo tinham a intenção de interação.

em campo em relação aos termos “pegável”, “gostoso”, “corpudo”, e assim, talvez, eu pudesse “ser aceito” de certa maneira com uma foto que mostrasse mais do que seria meu corpo. No feriado do dia 15 de agosto⁸⁵, troquei a foto e coloquei uma foto de corpo que não era minha, mas estava disponível para uso público na internet. A foto em questão tinha características que, ao me ver, poderiam chamar atenção: torso torneado e robusto, e que foram bastante reforçadas entre meus interlocutores quando mencionavam beleza e corpo. O que expliquei foi corroborado em uma das mensagens, que recebi depois de publicar a foto, que dizia “corpo macho”. Busquei selecionar fotos que remetesse à ideia que queria passar sobre meu corpo, no sentido de que "completasse" as “partes” que havia postado anteriormente.

Figura 9 - Imagens usadas durante as semanas no *Grindr*.



Fonte: Elaborador pelo autor.

Os números de interações aumentaram significativamente e mais vezes do que os da semana anterior. Sendo assim, consegui enxergar o quanto o corpo é valorizado entre as diversas tribos. Em apenas uma mensagem, recebi 15 envios de uma vez. Nesses continham fotos íntimas das partes de um usuário e até cena de sexo, como sexo oral e penetração, algo pessoal e íntimo. Ao longo do dia, muitas notificações chegavam e as contabilizei no final do dia. A maioria dos usuários estava interessada na foto publicada e classificada como atraente para eles. Muitos elogios e chamadas para encontrar e fazer sexo também foram feitas. Alguns demonstraram interesse na pesquisa que eu disse estar realizando sobre o *Grindr* e, dessa vez, com o acréscimo da foto, adicionei também uma biografia breve, falando sobre mim e que mencionava apenas o intuito da pesquisa. Sobre isso, alguns se interessaram ou enviavam

⁸⁵ Aqui na cidade de Belém é feriado estadual devido à Adesão do Grão-Pará à independência do Brasil.

mensagens com duplo sentido, dizendo que queriam ser pesquisados ou que poderiam contribuir com a pesquisa de outra forma.

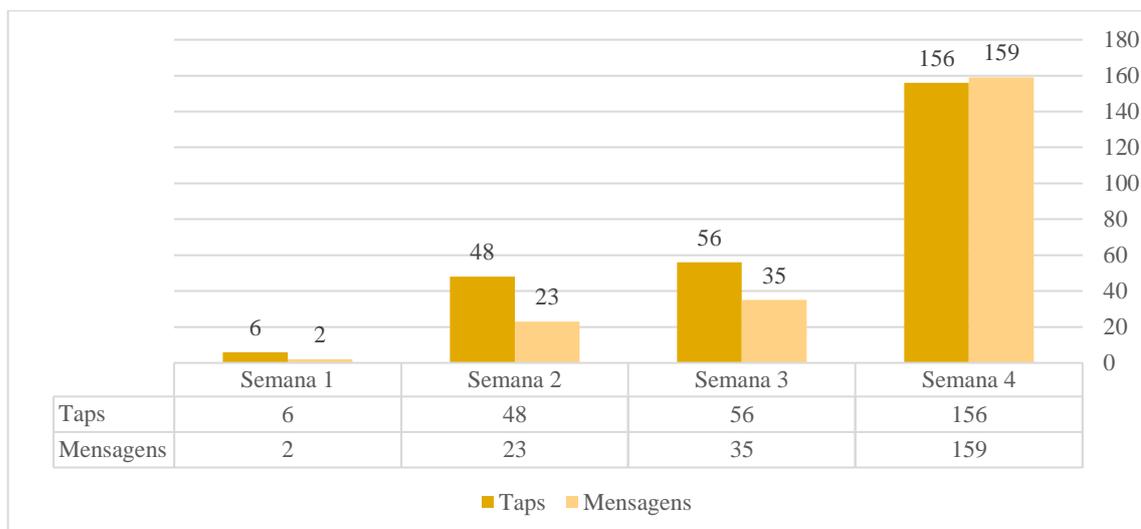
Percebi o quanto o corpo para a comunidade *gay*⁸⁶, neste caso, é valorizado, procurado e analisado. Consegui perceber isso pois havia perfis que estavam na mesma área da minha localização e, com as minhas fotos em pedaços, não curtiam ou interagiram com o meu perfil, mas imediatamente, após a disponibilização da foto mais detalhada, houve uma mudança no comportamento. Foi então que percebi o que de fato o pesquisador Baitello Júnior destaca na sua pesquisa intitulada *Podem as imagens devorar os corpos?*, quando o autor menciona aspectos que estão presentes quando falamos de imagens, como os traços ideais que precisamos “assumir”, além dos padrões de imagens, a obrigação de ter visibilidade, que, para ele, é uma “violência para o corpo”. Por isso, “a vida do corpo pede uma coisa e a vida da imagem pede outra” (BAITELLO JUNIOR, 2007, p. 81). Fazendo um paralelo a isso, destaco essa presença da imagem nas redes sociais na internet e, especificamente, no *app*, foco deste estudo, no qual os usuários precisam se adequar àquele contexto cultural de se expor e de performar, muitas vezes, de forma sexual e/ou erótica para atender a certos objetivos, como foi no caso que tive como experiência.

Para dados mais quantitativos⁸⁷, trago algumas informações necessárias para situar o leitor. Durante os 29 dias no campo, recebi 219 mensagens e 266 toques, destes 21 perfis repetidos – que serão desconsiderados (estiveram nas mensagens e nos *taps*). Os toques são uma forma de interação mais rápida e momentânea. As mensagens e os toques foram mostrando um crescimento a partir das fotos que foram sendo postadas. Em relação às mensagens, dividindo isso por semanas: 1ª semana, recebi duas mensagens e seis *taps*; 2ª semana, recebi 23 mensagens e 48 *taps*; 3ª semana, recebi 35 mensagens e 56 *taps*; e na 4ª semana, recebi 159 mensagens e 156 *taps* (Gráfico 1).

⁸⁶ Pontuo isso, também, porque foi muito pontuado nas minhas entrevistas.

⁸⁷ A tabulação dos dados foi feita a partir de um documento (Apêndice C) e, posteriormente, minerada em editor de planilhas Microsoft Excel.

Gráfico 1 - Interações totais por semana.



Fonte: Elaborado pelo autor.

A partir do que foi apresentado, trarei para este trabalho algumas categorias que se destacaram dentro do campo e das entrevistas em profundidade. Faz-se necessário considerar essas perspectivas a partir desse viés antropológico, pois fundamentam-se na essência das situações e dos diálogos entre os interlocutores. Sendo assim, o que fica de curioso é como as potenciais práticas e características nos constroem, nos aproximam e fazem com que tenham e (re)produzamos aquelas práticas sociais. Isso torna a identidade humana tão complexa por conta de situações que este campo trouxe. A seguir, trago os pontos que mais chamaram atenção e que vão ser trabalhados a partir dos interlocutores, da minha pesquisa de campo como observador, a partir das situações que este trabalho trouxe.

1.2.3 Categorias e Conceitos

Apesar do objetivo da pesquisa trazer desdobramentos constantemente, debatidos nos mais diversos campos do conhecimento, trago neste momento algumas percepções acerca dos campos realizados e da diversidade de performances de vida dos entrevistados, usuários com os quais estive presente e que afetaram a minha forma de performar e interagir. A partir disso, as vivências construídas se aproximaram e ao mesmo tempo se afastaram, fazendo com que os entendimentos das identidades fossem múltiplos e que nos fazem possibilitar as nossas próprias ações, sendo estas positivas e negativas, dependendo também do referencial e do posicionamento de cada sujeito.

Os dispositivos móveis chegaram para individualizar o processo e a forma de comunicação, pois sua conexão é frequente e sem interrupções. A sociedade modificou suas relações. Antes seus contatos eram face a face (GOFFMAN, 2011), tendo contato com outros participantes, no qual os encontros sociais eram uma ocasião dessa interação entre sujeitos. Hoje, as relações são mediadas pelas tecnologias digitais, tendo que pesquisar as relações sociotécnicas (MISKOLCI, 2016), e os aplicativos fazem parte dessa troca entre os sujeitos. Para Miskolci (2017), os *apps gays*, vistos para ele como um lugar seguro, são grandes destaques da contemporaneidade, já que nestes estão seus pares e estão longe de agressões e injúrias sociais, bem como seriam um espaço no qual os usuários poderiam ser do jeito que são para assim flertar sem preocupações, diferentemente de uma casa noturna ou de uma mesa de bar. Apesar dessa ideia de segurança, há estudos que identificam as configurações nas quais os sujeitos desenvolvem resistências e proteção a práticas de vigilâncias que são estabelecidas socialmente, como identificou a pesquisadora Manuela Vieira (2016), em estudo no qual mostra as várias facetas das subjetividades que utilizam o anonimato, como por exemplo os embates de cunho familiar, social e cultural.

Sendo assim, performam diferentemente nas redes digitais e utilizam de “estratégias” para não se comprometerem com o “mundo de fora”, ou seja, há um consumo de experiência, mas significativamente retraído por pressões sociais. Segundo Sibilia (2008, p. 32-33), essa exposição constante nos faz perceber que estamos “vivendo em uma era limítrofe, um corte na história, uma passagem de um certo regime de poder para outro projeto político, sociocultural e econômico. Uma transição de um mundo para outro.”. Ao mesmo tempo em que um aplicativo contempla um público específico e suas performances fazem parte dessa sociabilidade, essa mesma exposição faz com que os cuidados sejam filtrados por questões sociais presentes. Foucault (2003) discursa, assim, sobre a forma com que modulamos as subjetividades, que possibilitam por intermédio do sexo a maneira como as pessoas expressam a sua moral, as suas condutas, as suas negociações e tratam do assunto sobre público e privado.

Faz-se necessário, então, compreender o porquê desse *locus* que discute sexualidade, mas que sofre repressões de uma sociedade que vigia e controla as formas de construção dos próprios sujeitos. Por isso, o gênero se destaca nessa abertura e pontapé inicial de pesquisa, a partir das *performatividades* estabelecidas e expressas por meio das roupas, dos gestos e da aparência corporal que foi tão abordada entre meus interlocutores. Por isso, não podemos deixar de falar sobre o processo que a tecnologia tem sobre nós e nos proporciona debates sobre identidade, imagem, desejo, beleza e corpo, como no caso do vivenciado e observado no estudo

do aplicativo em questão. Essas categorias foram percebidas tanto nas entrevistas realizadas, quanto nas observações feitas no campo e que serão discutidas mais à frente do trabalho.

2 SETTINGS: VÍNCULOS SOCIAIS, TECNOLOGIA e APPS DE RELACIONAMENTOS

O cenário que será apresentado neste capítulo busca entender como a tecnologia em rede permeia na sociedade a partir dos *smartphones*, este objeto que carrega nossas informações e transformou, em muitos aspectos, o nosso modo de viver, pensar e agir. Por conta disso, os aparelhos carregam símbolos e signos que fazem permear e modular a nossa vida com auxílio dos aplicativos. Estes são os mais diversos possíveis e estão diariamente no nosso cotidiano, resolvendo e/ou nos ajudando em algum âmbito social. Dessa forma, os relacionamentos também fazem parte desta construção que os aplicativos promovem em nosso meio social. Por isso o aumento significativo na sua procura.

Nesta parte do trabalho, trago algumas considerações sobre a sociedade em que está imersa a rede móvel. Estamos entranhados entre os mais diversos fatores, pois buscamos estar conectados, cientes das situações e das informações que nos cercam. Por isso, uma das formas de criar esses vínculos sociais é pelo uso dos aparelhos celulares – *smartphones*.

2.1 Sociedade tecnológica em rede e as relações com os objetos

Em dezembro do ano 2019, houve o anúncio de um Novo Coronavírus⁸⁸, denominado SARS-CoV-2, identificado na cidade de Wuhan, na China. O vírus causa a doença chamada de COVID-19, doença contagiosa, transmitida de pessoa para pessoa, apresentando um quadro clínico de infecções assintomáticas a quadros graves. De acordo com a BBC⁸⁹, a COVID parou o mundo, infectando mais de 1,5 bilhão de pessoas em todo o mundo no mês de abril, fazendo com que o mundo se isolasse, seguindo as recomendações da Organização Mundial da Saúde (OMS).

Neste sentido, o Novo Coronavírus instaurou o regime de isolamento social. Em alguns países, o protocolo de *lockdown*⁹⁰ foi adotado e as atividades cotidianas, paralisadas. Os *smartphones* fazem parte desse novo tipo de vínculo social, já que o contato físico não é recomendado, ou seja, a tecnologia foi facilitadora e mediadora dessas relações e desses contatos, até então *on-line*. O processo de escrita deste trabalho foi em meio à pandemia, o que

⁸⁸ Segundo o Ministério da Saúde (2020) é uma grande família de vírus, comuns em muitas espécies diferentes de animais, incluindo camelos, gado, gatos e morcegos.

⁸⁹ BBC NEWS BRASIL. **Coronavírus:** 11 gráficos que mostram as consequências da pandemia pelo mundo. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52239099>. Acesso em 05 de julho de 2020.

⁹⁰ Protocolo de isolamento que geralmente impede que pessoas, informações ou cargas deixem uma área.

ressaltou percepções para temáticas futuras deste trabalho, já que a pesquisa de campo foi realizada antes da proliferação do vírus.

Dessa forma, a tecnologia ajuda a atenuar as medidas sanitárias para combater a transmissão do vírus. O *site* Consumidor Moderno⁹¹ publicou que os números de aplicativos de relacionamento registraram um aumento recorde de audiência durante a pandemia. O que se mostra aqui, de maneira sucinta, é que a tecnologia, apesar de suas críticas, mostrou um lado positivo, ao qual a sociedade precisou se (re)adaptar para manter seus laços afetivos com as pessoas do outro lado da tela. É importante entender o quão fundamental é o papel dos dispositivos tecnológicos na nossa vida e que afetam nosso cotidiano.

São 5h45 da manhã. Acordei para mais um dia de rotina da vida e a primeira ação foi olhar diretamente meu *smartphone* e me “atualizar” naquele rápido momento que tinha, antes de iniciar as minhas atividades diárias. Abro minhas redes sociais digitais. As mais usadas são: *Instagram*, *Gmail* e *WhatsApp*. Já se passaram 10, depois 15 e 20 minutos para que eu percebesse que estou em uma outra dimensão – a da tecnologia digital – e perceber o quanto este “ritual” se tornou comum para mim. Esta pincelada através da minha rotina foi abordada, também, por meus interlocutores, quando se sentiam próximos por conta das minhas ponderações. Papai21, por exemplo, declarou e comentou sobre essa velocidade de informações e seu fluxo, ao perceber que não são apenas objetos. Esses aparelhos e seus conteúdos têm seus encantamentos, mas também seus malefícios, o que é interessante refletir sobre. Ele afirma essa autoridade e autonomia que nós devemos ter para poder não se envolver de forma total com essas tecnologias que nos cercam, além dos seus conteúdos.

A gente vive numa sociedade muito fluida, muito rápida e, por meio dessas tecnologias, a gente consegue contato com pessoas que não estão no nosso lado e facilita muito. Eu não consigo imaginar como pessoas conseguiam resolver problemáticas antes de determinadas tecnologias. Eu queria muito poder conversar com alguém e saber “quando o problema era em outra cidade, como tu resolvia?”, porque realmente ela facilitou muito, mas tem os benefícios e malefícios da tecnologia digital, principalmente, eles são frutos da maneira de como a gente utiliza ela. Eu acho que a gente só vai adoecer se tu deixar adoecer porque hoje eu consigo filtrar muito mais. Eu *tô* louco com uma demanda? Então eu desligo a Internet, eu acabo me privando daquela dor de cabeça. Eu acho que a gente precisa entender e controlar. A gente precisa entender que a tecnologia é uma tecnologia, ela não é obrigatória, ela não tá dentro de ti, ela *tá* externa. Tu precisas, também, limitar como a gente limita outras coisas. Eu não vou passar o dia bebendo água porque eu sei que eu vou explodir. Eu não vou passar o dia inteiro comendo porque eu vou morrer. Se

⁹¹ CONSUMIDOR MODERNO. **Aplicativos de relacionamento registram crescimento durante pandemia.** Disponível em: <https://www.consumidormoderno.com.br/2020/04/01/aplicativos-relacionamento-pandemia/>. Acesso em 05 de julho de 2020.

eu comer muito, assim mesmo a Internet, a gente não limita, ela também adoce. O problema é que ela é transparente, a gente não enxerga. (Papai21, em entrevista por ocasião desta pesquisa).

Segundo pesquisa realizada pelo *We are Social*⁹² e *Hootsuite*⁹³, chamada *Digital in 2018*⁹⁴ – Percepções essenciais à Internet, à rede social, ao uso móvel e ao *e-commerce* no mundo⁹⁵, mais de quatro bilhões de usuários estão presentes na Internet e um quarto são novos usuários e que ficam em tempo de 12 meses nas redes. Em dados da população global, a pesquisa ainda pontua o crescimento no quesito *on-line* por seis horas/diárias. O crescimento da Internet móvel impulsionou a ascensão de *smartphones*, pela facilidade nos planos e dos dados móveis, além do valor para adquirir os produtos, que ficaram em mais diversidade no mercado e, também, nos casos dos aplicativos. No *Grindr*, por exemplo, o critério do quadro de imagem era a localização, permitindo uma navegabilidade a partir da proximidade, tendo coerência na interface para *smartphone* e para *web* – uma nova funcionalidade, apresentando preços para a versão paga, dependendo dos meses de uso. Recentemente, o *app* lançou a função *Grindr Web*, criado para o ambiente de trabalho com uma interface discreta e segura (*GRINDR WEB*, 2020).

Segundo o Estudo dos Solteiros (2018), a partir de um levantamento realizado no ano de 2018 com mais de cinco mil solteiros no Brasil, houve uma análise a partir de aspectos por conta das mudanças culturais, como religião, cultura, momento socioeconômico do país e nível de escolaridade superior. Isso adota comportamentos diferentes de tempos atrás, por exemplo. A partir disso, observo como essa demanda pode fazer parte de uma construção econômica. A empresa *Match Group LatAm*⁹⁶, criou um aplicativo para pessoas mais velhas, para a comunidade LGBTI+, para evangélicos, pais solteiros, entre outros, a partir desses dados apresentados pelo estudo que a empresa faz.

A comunicação mediada por computadores, posteriormente por *tablets* e *smartphones*, marca umas das mais significativas mudanças na maneira que

⁹² Rede de agência especializada em *social media* do mundo. Foi fundada em 2008 por Robin Grant e Nathan McDonald, como resposta às mudanças que vinham acontecendo no mercado de comunicações. A agência tornou-se conhecida pela criação de diversos trabalhos estratégicos e premiados, para uma grande base de clientes globais, incluindo Adidas, Heinz, Kimberly-Clark, Mondelez, Heineken, eBay, Jaguar, Intel, Moët & Chandon e Expedia.

⁹³ É um sistema norte-americano especializado em gestão de marcas na mídia social. Foi fundado em 28 de novembro de 2008 por Ryan Holmes na cidade de Vancouver no Canadá.

⁹⁴ HOOTSUITE. Digital in 2018. Disponível em: <https://hootsuite.com/pt/pages/digital-in-2018>. Acesso em 16 de junho de 2019.

⁹⁵ Tradução nossa.

⁹⁶ Empresa mantedora do *Tinder*. Segundo o LinkedIn da empresa, eles fazem parte dos grupos de líderes mundiais e referências em *sites* de encontros e relacionamentos, com mais de 60 milhões de usuários espalhados pela América Latina.

constituirmos relações interpessoais em diversas esferas da vida, impactando de maneira distinta as diferentes gerações que passaram a conviver no mesmo momento com esse novo cenário sociotécnico. Impactos que carregam além das marcas etárias, as de classe, raça e gênero, uma vez que os acessos e contatos mais constantes com as tecnologias de comunicação digital não se deram ou se dão da mesma forma (PELÚCIO, 2016, p. 6).

De acordo com o pesquisador Richard Miskolci (2016), estamos na era digital, marcada por continuidades e aprofundamentos imersos na cultura contemporânea. No seu artigo “Sociologia Digital: notas sobre pesquisa na era da conectividade”, Miskolci apresenta uma contextualização histórica da chegada da Internet nos inícios dos anos 1980 e como ela influenciou mudanças fundamentais como conhecemos até hoje. A crítica acerca da acessibilidade está presente desde o início do desenvolvimento destas tecnologias, ao se pontuar que uma grande parte da população não tinha acesso a esses objetos e serviços, dado o seu valor e disponibilidade, pois até então era necessário ter um computador, um provedor e conexão telefônica, fazendo parte de uma minoria social privilegiada economicamente (MISKOLCI, 2016).

A tecnologia digital está capilarizada em nosso cotidiano⁹⁷, nas nossas ações, em nosso modo de agir e pensar, no quanto estamos vivendo em um mundo efêmero e bombardeado de informações e que perpassam por nossas vidas. Logo após esses relatos, outros rituais acontecem, de forma comum e naturalizada. Ao pegar o transporte público, por exemplo, dezenas de mãos estão deslizando nos seus *smartphones* exacerbadamente⁹⁸. Hoje, essa tecnologia carrega nossas informações tanto profissionais quanto pessoais. Em conversa com o interlocutor Nerd25, ficou manifestado como esse dispositivo móvel está inserido no cotidiano do interlocutor e como ele corresponde a um processo de impacto subjetivo, de relação consigo, mas ainda de interação com o outro, e destaca o período da infância.

Eu sinto que a tecnologia faz parte da minha vida a todo instante, a todo tempo. A tecnologia faz parte da vida de todo mundo. No celular, no computador, na Internet, tudo que envolve a tecnologia. [*Foi sempre assim? Sempre teve celular, computador?*] Não, mas desde muito cedo, então assim, a idade que eu tive...que eu comecei... que eu não lembro, mas foi bem novo, eu já tinha

⁹⁷ Segundo a GSM (*Global System for Mobile Communications*), mais de cinco bilhões de pessoas usam aparelhos celular, em todo o planeta, segundo o Relatório Economia Móvel 2019. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-09/mais-de-5-bilhoes-de-pessoas-usam-aparelho-celular-revela-pesquisa>. Acesso em 15 de março de 2020.

⁹⁸ Logo após propor esta temática, venho observando comumente o quão presente está a tecnologia na minha vida cotidiana. Onde há muita reflexão, pois a tecnologia digital, principalmente, permeia em nossas práticas sociais, em geral, e de certa forma é vista com naturalidade. Percebi, nessas observações do dia a dia, a enorme presença do outro nas telas (LIPOVETSKY; SERROY, 2011).

acesso a tudo que a Internet pode te proporcionar, entendeu? Tecnologia envolve isso pra mim... (Nerd25, em entrevista por ocasião desta pesquisa).

Apesar das dúvidas e das incertezas de não se lembrar pontualmente sobre os ganhos e vindas dos aparelhos, Nerd25 afirma que a tecnologia faz parte de uma relação social. Sobre isso, Geertz (1973) pontua que as ações dos sujeitos estão pautadas a partir de uma determinada cultura, por meio de práticas, discursos e até de representações que unam os sujeitos. Por isso, Nerd25 exemplifica que os aparelhos, a partir do seu uso, aproximam as pessoas e o mundo conectado. A partir disso, entendo o quanto as discussões sobre a tecnologia digital estão cada vez mais presentes, pois a mesma também faz parte de uma cultura da individualidade, como propõem Lipovetsky e Serroy (2011, p. 77), já que a “sociedade das telas é a sociedade da informação”. Os autores indicam uma mudança na vida cotidiana causada por nós mesmos com o mundo em nossa volta, fazendo com que se produzam novos questionamentos, embates e desafios dentro de uma sociedade considerada por Lipovetsky e Serroy (2011) como desorientada. Para eles, a sociedade se transformou e passa por etapas de revolução, também possuidoras de marcas de individualidade e do consumismo.

Compreendo como os *smartphones* fazem parte dessa metamorfose entre os sujeitos, sendo capaz de influenciar “a família, a identidade sexual, as relações entre os gêneros, a educação dos filhos, a moda, a alimentação, as novas tecnologias” (LIPOVESTSKY; SERROY, 2011, p. 21), ao que podemos perceber como, nos últimos anos, os computadores passaram a cumprir um papel fundamental para as novas gerações e, com o avanço dos mesmos, outros surgem, influenciando práticas, percepções de si, do outro e formas de estar em sociedade e de construir subjetividade. Isso mostra como os bens materiais ganham significados; quando possuímos esses objetos, transferimos nossos sentimentos e valores, como afirma o autor Nobert Elias.

Esses padrões emocionais funcionam como moldes aos olhos da mente; determinam, em boa medida, quais os fatos percebidos como essenciais e quais os descartados como sem importância ao se refletir sobre as pessoas isoladas e sobre as sociedades que elas formam em conjunto. E quando, como é comum suceder hoje em dia, esse mecanismo seletivo funciona de maneira a que os aspectos individuais e sociais das pessoas sejam percebidos e valorizados como diferentes, é fácil atribuir-lhes um tipo de existência especial e diferenciada (ELIAS, 1994, p. 75).

O autor acima pontua a ordem de valores que são transmitidos em sociedade e como estes influenciam na percepção do indivíduo de seus sentimentos, no sentido da construção do processo de individualidade no processo de civilização. Desenvolvemos assim significados nos

objetos, como é o caso de Malhadinho33, que afirma que o celular carrega informações e está além do lado do entretenimento: está inserido em um âmbito mais profissional, que também atravessa para um lado mais confidencial e íntimo.

[...] o telefone é um acessório pessoal de cada pessoa. As pessoas contêm muitas informações, pode conter informações íntimas, confidenciais, como conta de banco, senhas e aplicativos. Não é qualquer pessoa que pode mexer, não é qualquer pessoa que pode mexer no meu celular, porque pode ter coisa íntima minha e tem também minha parte profissional e confidencial. Por exemplo, minha movimentação bancária é pelo telefone, então não posso deixar o meu telefone na mão de qualquer pessoa, que pode acessar rapidamente as minhas coisas (Negro 33, em entrevista por ocasião desta pesquisa).

A partir disso, perceber a questão do mundo como um palco de relação entre os sujeitos é uma perspectiva interessante para refletir as impressões e posturas sociais que são tomadas com o outro e com o nosso subjetivo. A experiência humana torna-se assim rica em significados, intermediados por signos, símbolos, objetos, como no caso dos *smartphones*, que simulam nossa vida nos inúmeros aplicativos. Podemos dizer que sofremos a influência desses significados, bem como participamos do desenvolvimento de outros, a partir de um processo contextual de objetificação (MILLER, 2013; TILLEY, 2008), ao que Daniel Miller destaca que

a humanidade que existia antes das rodovias e dos engarrafamentos de tráfego não é a mesma de depois. Carros têm efeitos em cadeia sobre outras formas culturais. Sabendo que minha família não me deixa ouvir Nirvana nem Hendrix em casa no volume que considero apropriado, posso meter o som na caixa a todo volume quando estou na estrada. Isso é um fragmento do que me faz ser o que sou, assim como outras implicações menos pessoais (embora muito poderosas) dos carros, como a indústria do petróleo e até a guerra (MILLER, 2013, p. 92).

A partir deste conceito, podemos relacionar objetos como coisas que representam o mundo social, ou seja, uma ideia que se materializa em algo que está no seu uso cotidiano ou não. A partir desse debate, a tecnologia está em nosso meio e pode ser materializada em diversas situações cotidianas. Para exemplificar, trago partes das entrevistas que me fizeram refletir e entender sobre essas objetificações. Negro 33 diz que a “tecnologia ‘tá’ em todo lugar, na tua cozinha, no teu quarto, no teu bolso, no carro, [...] são máquinas que foram configuradas e aperfeiçoadas para facilitar nossas vidas”, bem como na fala de Barbie23, que dá destaque à existência da “tecnologia medicamentosa, como a que eu faço no tratamento de PrEP⁹⁹. Então,

⁹⁹ A Profilaxia Pré-Exposição (PreP) é um novo método de prevenção à infecção pelo HIV.

é uma tecnologia na área farmacêutica”. Essas visões estão concedendo respostas para questões básicas, a partir do que as coisas/objetos articulam com o social. Interessante entender como esses “objetos ou as formas materiais estão encaixadas na vida dos mundos dos indivíduos, grupos, instituições ou, mais amplamente, na cultura e sociedade” (TILLEY, 2008, p. 60).

Entendo que essa construção parte da prática social e que, de certa forma, é vista como uma mudança da contemporaneidade, na qual a tecnologia contribui para isso, como no caso dos aplicativos, que partem desses princípios de individualidade e, ao mesmo tempo, de conexão em uma cultura de mobilidade (LEMOS, 2009). Ao longo do tempo, podemos perceber que as transformações da sociedade se dão por conta também das transições sociais. É necessário, assim, perceber como essas mudanças acontecem e como também se refletem em várias esferas da sociedade, seja no seu modo de agir, de pensar, de se relacionar com o outro e com os próprios objetos presentes nos dias de hoje. Podemos dizer que a evolução destes aparelhos faz parte dessa transformação? Vejo que as transformações sociais estão diretamente ligadas com as transformações tecnológicas, pois a sociedade delas se apropria para desenvolver e se manter.

Sendo assim, quando se fala de tecnologia, parto da concepção de Álvaro Pinto (2005), o qual destaca que esta se define como um “conjunto de todas as técnicas de que dispõe uma determinada sociedade, em qualquer fase histórica de seu desenvolvimento” (PINTO, 2005, p. 219). Interpreto que tecnologia faz parte de um conjunto de técnicas, a partir de uma sociedade, que integra o processo de produção de tal criação e determinado tempo histórico que mostram o desenvolvimento, as mudanças e também as possibilidades e os desafios da sociedade daquele período em compreensão e análise contextualizadas. Ou seja, a tecnologia faz parte do campo de interação por meio da técnica e das relações sociais que, analogicamente, se dá a partir da própria tecnologia e da cultura.

Como mencionado mais acima, utilizamos a tecnologia para inúmeras possibilidades. Ela nos permite moldar o nosso viver e essa questão eu vejo como uma situação subjetiva. Penso nisso e no modo com que os meus interlocutores se comportaram comigo e das suas experiências a partir de um aplicativo de relacionamento. Alguns estão ali para apenas satisfazer os seus próprios desejos, de maneira rápida e objetiva. Outros entendem que ali é um espaço de trocas de interações e outros usam de forma mais pontual ou nem usam mais, porque entendem que neste contexto não é prioridade para eles. Assim, vejo que a tecnologia nos permite possibilidades de compreender e, também, por termos necessidades de algo, de alguém ou de alguma coisa.

Hoje, os dispositivos móveis estão além das funções básicas, como ligar e receber mensagens. Eles dependem da técnica e do social, dependem de como a gente vai administrar o seu uso. Ponto isso considerando quando boa parte dos interlocutores falaram de suas experiências, durante o uso dos seus telefones, para os mais diversos âmbitos sociais, a partir de aspectos culturais numa visão tecnicista. A partir de uma construção cultural, esse aparelho, o *smartphone*, foi “alimentando” um novo escopo social como mediador e norteador de algumas construções sociais. O interlocutor Malhadinho33, por ter 33 anos, e ter nascido na década de 1980, apontou que houve diferenças entre os anos 1990 e os anos 2000, ao destacar que “desde dos 14 anos eu tenho celular. Foram passando, se aperfeiçoando muito. Eu sempre tive um telefone.”.

Se formos pensar nas dinâmicas que a tecnologia nos possibilita e traz, o aplicativo aqui analisado, o *Grindr*, faz com que percebamos partes dessa mudança social na vida cotidiana. Por exemplo, antes de criar um aplicativo de relacionamento com geolocalização voltado para os públicos *gay*, *bi* e *transexual*, outros aplicativos, com o mesmo intuito, já estavam disponíveis, porém não com esse objetivo específico de localidade. Ainda em análise sobre os incrementos da tecnologia, Miskolci (2016) aponta dois aspectos que são positivos à propagação das mídias digitais¹⁰⁰. O primeiro aspecto é a transformação econômica, que visou ao aumento da classe popular, e o segundo aspecto é devido à popularização dos *smartphones*, que expressa uma escala global, como expressa Jair de Souza Ramos (2015, p. 61):

[...] o início do século 21 testemunhou a fusão da rede de telefonia celular com a rede de computadores através da combinação de três tecnologias: o Wi-Fi, as redes de dados, e o *smartphone*. Essa fusão produziu a máxima individualização da relação entre homem e computador, num desenvolvimento evidente do PC e, ao mesmo tempo, produziu a máxima integração desse sujeito individualizado em uma rede ampla onde ele passa a desenvolver uma grande parcela de suas ações significativas.

Hoje, com ajuda dos telefones mais modernos, as câmeras e os filtros ajudam nas ferramentas de edição das fotos divulgadas. O modo de falar também mudou e o *internetês*¹⁰¹ apareceu, substituindo e abreviando as expressões como: “oi”, “td bm”, “cm vai?”, “tc de ond?”, “sgl?”, “local?”, “atv ou pas?”, entre outras expressões usadas, e, com isso, as interações mudaram. No exemplo do *Grindr*, os filtros de *taps* são exemplos que mostram o que foi

¹⁰⁰ Para o autor, as mídias digitais são um “conjunto articulado de tecnologias de informação e seus suportes, portanto, englobando tanto a internet acessada por meio de computadores conectados à rede telefônica quanto *tablets* e *smartphones* conectados por meio da rede celular”. (MISKOLCI, 2014a, p. 65)

¹⁰¹ Neologismo para a linguagem utilizada no meio virtual, em que as palavras são abreviadas até o ponto de se transformarem em uma única expressão.

mudado na hora da conquista e paquera. Ou seja, esses exemplos mostram como, a partir das necessidades humanas, os aplicativos transformam as funções, as ferramentas e até mesmo o *design* – interface, comando e *layout* – para adequar o usuário com a tecnologia proposta.

2.2 Aplicativos de relacionamentos para *smartphones*

“*Pera um pouco aí, amigo!*”. “*Desculpa, amigo!*”. “*Tu tá vendo como tá a minha vida?*”. Às vezes um silêncio profundo de minutos. E foi assim a minha entrevista com Papai21; ele tinha em uma das mãos o deslizar pelo seu *smartphone* e, na outra mão, o *notebook*, que estava em sua perna, apoiando para escrever algumas demandas que a equipe de trabalho, no outro lado da tela, preencheria. Ele confirmou comigo uma entrevista “rápida”, pois estava com o tempo corrido e curto. Deixou esperando por vários meses, além disso é produtor de conteúdo e sempre informa os seus seguidores sobre a comunidade LBGTI+. Sua vida é agitada, além dos compromissos acadêmicos. Nossa conversa desenrolou durante 40 minutos aproximadamente e com pequenas interrupções, pois a equipe precisava fechar o planejamento para um *shopping* da cidade, que produzira com os demais para a reunião das 14h¹⁰². Foram situações como essas que me fizeram pensar sobre como isso se tornou tão natural no nosso dia a dia, como foi discutido anteriormente, de como a sociedade de hoje é tecnológica.

A famosa história de concretizar uma meta específica por meio de uma lâmpada mágica que, ao ser encontrada, é capaz de realizar todos e quaisquer desejos é mais comum do que podemos esperar. Não nas mesmas proporções, mas, hoje, os *smartphones* estão na nossa mão e, com um toque na tela, aparecem informações, pesquisas, curiosidades que não seriam capazes de aparecer antigamente. Mesmo não tendo um gênio presente, fazemos mágicas com os nossos celulares e, para isso, temos algumas plataformas móveis, conhecidas como aplicativos, que possibilitam e nos beneficiam a gente usuários.

No ano de 2019, segundo as informações da *App Annie*¹⁰³, as instalações de *apps* ultrapassaram 204 bilhões, crescendo em 45% nos últimos três anos, desde 2016, e 6% ao ano, como podemos observar na Figura 10. Segundo a pesquisa, de caráter internacional, os *downloads*¹⁰⁴ são amplamente alimentados por países emergentes do mercado, como a Índia,

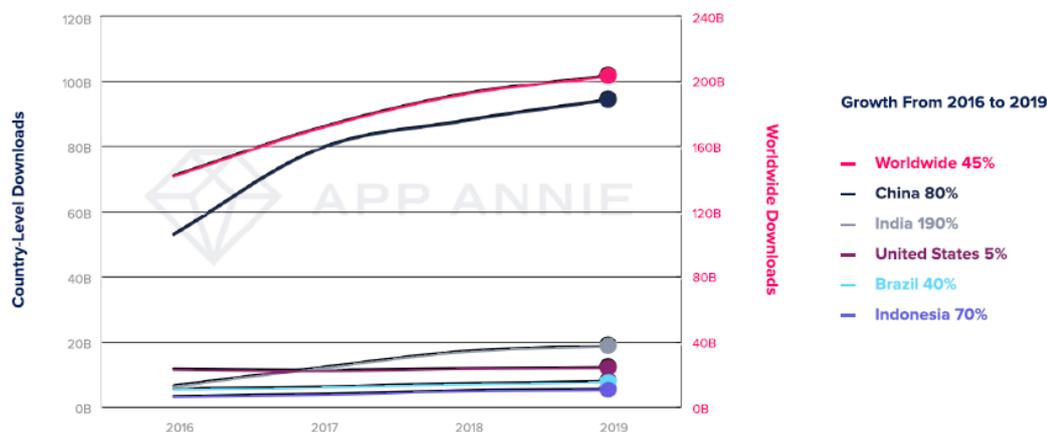
¹⁰² Nossa reunião foi por volta das 12h em uma sala de um Centro Acadêmico da Universidade.

¹⁰³ É uma empresa que ajuda desenvolvedores a acompanhar a performance de seus aplicativos em quantidade de *downloads* e receita e a monitorar a utilização de aplicativos.

¹⁰⁴ Termo utilizado para referenciar a transmissão de dados de um dispositivo para outro, através de um canal de comunicação, conteúdo de Internet, uso mais comum.

Brasil e Indonésia. Além disso, os mesmos países continuam passando maior parte do tempo no celular por dia.

Figura 10 - Principais países por downloads da *App Store*.



Fonte: App Annie (2020).

Paralelamente, a quantidade de *downloads* de aplicativos cresce. De acordo com a estimativa, na concepção de Gerard Goggin (2011), em seu artigo *Ubiquitous apps: politics of openness in global mobile cultures*¹⁰⁵, os aplicativos móveis digitais são elementos essenciais das culturas que têm como característica a onipresença móvel, tornando-se plataformas culturais. Eduardo Pellanda conceitua a definição de *always-on*, (PELLANDA, 2009, p. 11) como o fato das pessoas estarem sempre conectadas em seus *smartphones*, interagindo, compartilhando e abrindo um caminho de distribuição e colaboração de conteúdo em um contexto, no qual os aparelhos “hiper-pessoais”, diferentemente do que ocorre no computador, é um conceito bem significativo. A partir desta maior exposição do sujeito, os aparelhos móveis, como o caso dos *smartphones*, começaram a ter funções mais específicas de computadores. Esses objetos também possuem grande importância no processo de inclusão digital entre as pessoas, já que são vendidos de forma mais barata e na condição global. Na pesquisa, Malhadinho33 pontuou que usa seu aparelho para as mais diversas funções voltadas para o âmbito profissional. Ele disse:

[...] não uso muitos aplicativos de entretenimento, muito básico que eu uso, são aplicativos que dão suporte ao telefone como *Word*, *Office*, *Canva*, que me ajudam a fazer coisas de *design* que eu tô precisando sempre; *drive* para armazenamento, são aplicativos que dão suporte pro meu celular funcionar, pra eu ler o PDF, editar no *Word*, pra eu trabalhar, mais trabalho, quase não

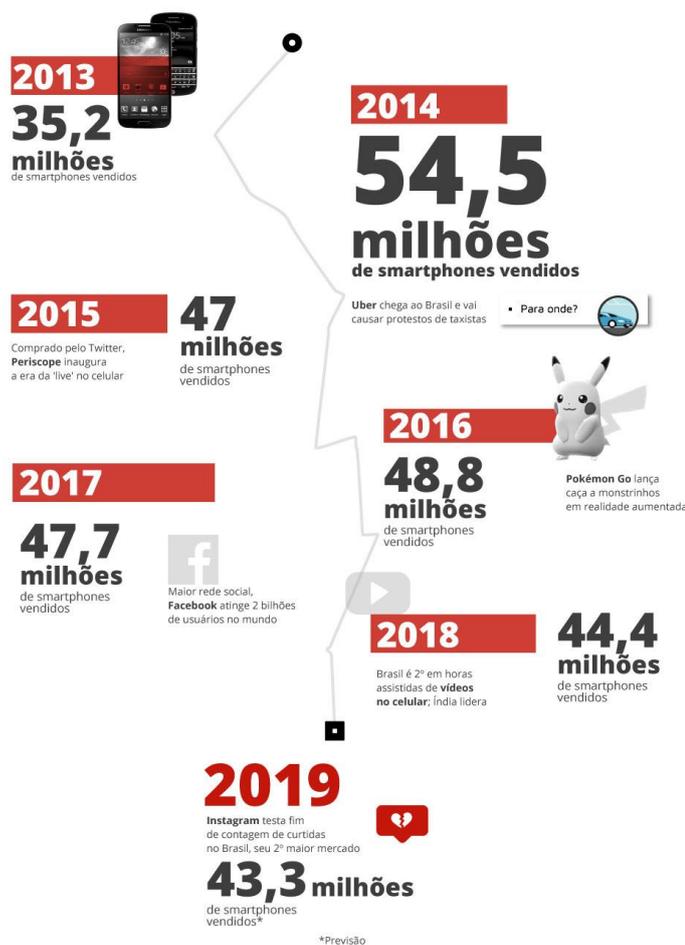
¹⁰⁵ Apps onipresentes: política de abertura nas culturas globais móveis (Tradução nossa).

ligo para as pessoas; *WhatsApp* é onde eu faço contatos, onde eu faço meus anúncios e me comunico com os meus alunos (Malhadinho33, entrevista em ocasião da pesquisa).

O interlocutor assinalou as questões da época em que o aparelho só tinha funções básicas, reforçando seu diferencial nos dias de hoje com a emancipação desses dispositivos tecnológicos. No infográfico (Figura 11) podemos observar que, no ano de 2013, a venda de *smartphones* foi de 35,2 milhões. A previsão de venda para o ano de 2019, na ocasião da pesquisa à qual o infográfico faz referência, seria de 43,3 milhões de aparelhos, mais de oito milhões de dispositivos vendidos, o que apresenta um crescimento significativo para a escala global. Segundo pesquisa IDC¹⁰⁶, o ano de 2019 teve avanço de 3,3%, vendendo 48,6 milhões de aparelhos, ultrapassando a previsão de vendas.

Isso mostra como esse artefato midiático ganha e carrega significados, compreendidos como pertencentes a todos, ou seja, são conjuntos de processos socioculturais que um aparelho incorpora através de suas atividades cotidianas, sua forma de uso e apropriações individuais. Os dispositivos móveis têm como objetivo “mediar a expressão, a apresentação, a experiência e a comunicação de sentimentos e emoções” (LASSEN, 2004, p. 1).

¹⁰⁶ VALOR ECONÔMICO. **Venda de celulares avança 3,3% no Brasil em 2019, diz IDC**. Disponível: <https://valor.globo.com/empresas/noticia/2020/03/12/venda-de-celulares-avanca-33percent-no-brasil-em-2019-diz-idc.ghtml>. Acesso 19 fevereiro 2020.

Figura 11 - *Smartphone* no Brasil e a evolução dos *apps*.

Fonte: G1 Tecnologia (2018)¹⁰⁷.

Percebemos algumas dessas mudanças quando Sherry Turkle (2016), psicóloga do MIT¹⁰⁸, cita, em seu livro *Reclaiming Conversation: The Power of Talk in a Digital Age*¹⁰⁹, várias situações, tais como enviar mais mensagens de texto e fazer menos ligações, do pai que acompanha a filha em uma excursão, mas não troca uma palavra com a menina, do jovem que olha o celular para verificar as mensagens dos amigos, mas que, na falta delas, começa a navegar nas redes sociais digitais para se atualizar, entre outras.

As conversas com os interlocutores mostraram uma aproximação do tema proposto e até uma reflexão do que eles faziam usando os aplicativos pessoais dos seus celulares, fazendo

¹⁰⁷ G1. **Tudo num clique:** a vida na era dos apps. Disponível em: <http://especiais.g1.globo.com/economia/tecnologia/a-vida-na-era-dos-apps/>. Acesso em: 20 de dezembro de 2019.

¹⁰⁸ Instituto de Tecnologia de Massachusetts.

¹⁰⁹ Recuperando conversas: o poder da conversa em uma era digital (tradução nossa). Na obra, Turkle estuda as adaptações humanas por meio dos avanços tecnológicos e como a sua influência afeta as nossas relações, o modo com que nós “utilizamos a tecnologia”, e, inclusive, propõe o uso mais “deliberativo” dos nossos dispositivos móveis.

com que esses aparelhos fossem uma espécie de gaveta, onde se armazena itens pessoais e, dependendo de cada pessoa, é moldado de acordo com seus gostos e necessidades. Por isso uma variedade de aplicativos foi citada no decorrer das conversas, já que cada usuário utiliza de forma diferente o seu aparelho para se comunicar com os seus grupos.

Maria Jardim e Paulo Moura (2017) mostram como o aparelho de celular se tornou um “kit de primeiras necessidades” , que precisa de baterias de longa duração para manter os aparelhos conectados nas mais diversas distrações dos usuários, como citados pelos interlocutores, como o *Instagram*, *WhatsApp*, *Facebook*, *site* de jogos e outros. Por conta do grande número de aplicativos, os aparelhos precisam de mais energia para, conseqüentemente, ter mais tempo de funcionamento. O *Grindr*, por exemplo, segundo a *Apple Store*, tem o tamanho de 114,5 MB e é um *app* de relacionamento dedicado às comunidades *gays*, *bi*, *trans* e *queer*, com mais de dez anos no mercado, que já possui mais 3,8 milhões de usuários do mundo, segundo o *site* Techtudo (2019)¹¹⁰. O aplicativo, na cidade de Nova York, tem o maior número do mercado, com cerca de 426 mil usuários (BUZZFEED NEWS, 2019)¹¹¹, já que o aplicativo tem filtros baseados em sexualidade ou tipo bem-apessoado, *nerd* ou atleta, por exemplo, diferenciando-se de outros aplicativos com o mesmo intuito.

Não é raro perceber que as tecnologias móveis trazem, para alguns, a sensação de onipresença – estar em todos os lugares por conta das funcionalidades de um *smartphone* – por meio desta mobilidade. Entretanto, apesar dos novos hábitos gerados, potencializaram-se novas emoções, afetos e até doenças, como ansiedade, desejo, frustrações, solidão, depressão (PELÚCIO, 2016). Estar em um *app* é também buscar e canalizar uma série de sentimentos e emoções. No caso do *Grindr*, a busca por sexo foi unânime para os interlocutores desta pesquisa. Ainda que tenha havido uma generalização, ao dizerem que todos estão ali pelo mesmo motivo, o sexo, percebi que cada um preenche, filtra e seleciona o que pode e o que não pode, de maneira distinta.

O uso do *Grindr*, foi classificado, para muitos, como a “capa de várias faces que tu tens, dependendo das situações, momento ou pessoal, as performances que tu falas de determinada forma ou tu fala de outra, ou tu acaba exaltado ou diminuindo aquilo que aconteceu”, conforme destacou Elegante26. Percebi também estes diversos acionamentos sobre o modo como as

¹¹⁰ SANITÁ, Karina. **O que é Grindr? Veja como funciona o app para a comunidade LGBTQI+**. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2019/11/o-que-e-grindr-veja-como-funciona-o-app-para-a-comunidade-lgbtqi.ghml>. Acesso em 19 fevereiro 2020.

¹¹¹ KINGKADE, Tyler; ALBA, Davey. **Pelo Grindr, homem enviou 1.000 homens à espera de sexo e drogas para seu ex, diz ação judicial**. Disponível em: <https://www.buzzfeed.com/br/tylerkingkade/caso-grindr-1000-homens-secao-230>. Acesso em 19 fevereiro 2020.

entrevistas da pesquisa foram marcadas: alguns queriam em locais públicos, outros em locais fechados, sendo diferente o modo como falavam e se comportavam durante as perguntas e meus questionamentos.

Em uma noite, marquei uma entrevista na praça de alimentação de um *shopping* da cidade, um ambiente público. A partir do que foi sendo pautado, nenhum sentimento foi exposto¹¹² para falar sobre o relacionamento aberto¹¹³ com o namorado, nem das brigas, nem para falar que usava o *app Grindr* quando tinha o “término de duas semanas” e nem quando cogitou alguma expressão para não ser descoberto por amigos do ex – no momento – por não passar uma imagem negativa por estar no aplicativo por pouco tempo ao terminar um relacionamento de anos. Nenhuma oposição sobre a conversa, ou seja, foi de forma naturalizada, o que causou um estranhamento para mim porque, nessas condições, eu não seria tão aberto para falar de situações que pudessem ser julgadas por pessoas que não conheço. Quando explicou a situação, para mim, de que usava o *app* depois de terminar o namoro ou por causa de brigas, perguntei as estratégias que fazia para estar ali e não ser percebido pelas pessoas mais próximas. Ele me disse:

Geralmente, eu uso uma carinha, um emoji, não coloco meu nome, não coloco minha foto de rosto, é...aí tem um perfil que coloca uma frase. Eu preencho algumas informações... eu acho que tá até pré-preenchida, né? Quando tu sai e volta, não vai precisar, mas tem lá a idade, peso, altura, etnia, o que eu tô procurando...ah, agora, namoro, não lembro, mas tem essas categorias. Aí tu podes escrever uma frase: sigilo, esse tipo de coisa e mais algumas opções que tu podes preencher, mas que eu não preencho, que é tipo “estou procurando por...”, “qual pronome você gosta de ser chamado...”, é isso que...e tem “quando foi a última vez que você fez exame de HIV”, eu acho que é isso, somente, eu não preencho todas as informações, só o básico (Urso25, entrevista em ocasião da pesquisa).

Entendo ainda como essas práticas afetam nossas formas de nos reconhecer e perceber o outro em relação a um aplicativo de interesse em comum, mas parte de uma prática demarcada por comportamentos de gênero¹¹⁴. Nesse sentido, não apenas os *smartphones* estão em toda a parte. Eles integram o nosso cotidiano, assim como os *kindles*¹¹⁵, *notebooks*, computadores

¹¹² Falo de vergonha, constrangimento ou algo similar. A conversa pareceu natural, apesar da entrevista ser feita com pessoas que mal se conheciam pessoalmente, porém convivem em um mesmo espaço social, como o da Universidade.

¹¹³ Relações entre parceiros/as românticas ou sexuais com terceiros. Não é considerado traição ou infidelidade, uma forma de relação não-monogâmica.

¹¹⁴ Discussão que será aprofundada no capítulo 3.

¹¹⁵ É um leitor de livros digitais desenvolvido pela Amazon. O usuário pode comprar, baixar, pesquisar e, principalmente, ler livros digitais, jornais, revistas, e outras mídias digitais via rede sem fio.

(PC), *tablets*, que nos permitem navegar por aplicativos de diferentes perfis e dispositivos, se tornando cada vez mais móvel (CASTELLS et al., 2007).

Segundo o *site* O Globo¹¹⁶, no ano de 2017, pela primeira vez, o total de chips de telefones móveis ultrapassou a população mundial, segundo o relatório da GSMA¹¹⁷, associação que reúne a indústria que organiza a feira *Mobile World Congress* (MWC). Para a associação, em 2025, a previsão será de 71% de chips ativos para população mundial na época futura. É evidente que ainda há pessoas que não têm acesso a essa tecnologia e que não a consomem ou não acessam a mesma qualidade em termos de velocidade da transmissão de dados, por exemplo.

Além disso, a popularização dos aparelhos e o aumento do acesso fez com que aqueles se tornassem cada vez mais pessoais, incentivando, inclusive, a utilização de funcionalidades e aplicativos de cunho mais pessoal. Entretanto, esse sentimento privativo e anônimo, no uso dessas tecnologias, pode ser considerado uma forma de segurança? Para Vieira, “privacidade e o anonimato coexistem, e, por vezes, é difícil se estabelecerem diferenças entre eles” (VIEIRA, 2016, p. 311). A pesquisadora destaca que, no ambiente digital, não há uma concepção unânime, pois o que é pessoal acabada se tornando, de alguma forma, público, como são os casos das informações disponibilizadas nas redes sociais. Elegante26, em conversa comigo, mostrou uma indignação em algumas perguntas a respeito da privacidade. Como *gay* assumido e afeminado, relatou experiências com pessoas que estão no aplicativo e pedem fotos, mas não correspondem da mesma forma. Ele se mostrou indignado por não ter uma reciprocidade, no que pode ser compreendido como a construção de um laço de confiança:

Por exemplo, eu colocava a minha cara, não tinha problema, mas eu acho escroto quando a pessoa vê a tua cara e ela não mostra a dela. Aí eu não sei com quem eu tô falando, isso pra mim é uó. Infelizmente, isso acontece muito, as pessoas “ah, manda foto”, só depois de ti, eu mando e eles me bloqueiam. Eu não ponho a cara mesmo porque acho que o mesmo que não sei com quem eu tô falando, eles não sabem com quem tão falando, mas tem gente que me reconhece. Também reconheço, mas não tenho problema (Elegante26, entrevista em ocasião da pesquisa).

Miskolci (2009) argumenta que essas práticas estão inseridas no que denomina como *armário ampliado* dentro de um espaço social digital, um ambiente para a sociabilidade

¹¹⁶ O GLOBO. **Número de usuários únicos de celular chega cinco bilhões no mundo.** Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/numero-de-usuarios-unicos-de-celular-chega-cinco-bilhoes-no-mundo-22436866>. Acesso em 18 de junho de 2019.

¹¹⁷ *Global System for Mobile Communications Association*. É um órgão comercial que representa os interesses das operadoras de redes móveis em todo o mundo.

homoafetiva. Isso possibilita a forma de os “indivíduos tecer relações e reconhecer eventuais parceiros, ao mesmo tempo em que podem manter o “anonimato’ no mundo *offline*” (VIEIRA, 2016, p. 317). Para isso, trago como diálogo a experiência de Nerd25 que, na época namorando, utilizara o aplicativo de relacionamento e foi descoberto por um amigo próximo do seu namorado, por conta das fotos postadas em seu perfil, mesmo não sendo foto do seu rosto.

Olha, já aconteceu uma situação, porque eu já baixei o *Grindr* namorando e eu enviei pra uma pessoa que tá no meu Instagram e eu não sabia que a pessoa não tava com foto de rosto, eu não sabia que era a pessoa. Quando eu percebi que era a pessoa, eu bloqueei. Quando eu tava no meu Instagram e postei alguma coisa no meu stories a pessoa respondeu “tem alguém usando as tuas fotos no aplicativo” [risos] e fiquei fingindo de pomba lesa (Nerd25, entrevista em ocasião da pesquisa).

No caso apresentado, a sensação do medo é por conta da utilização de um aplicativo que tem um intuito sexual e que, diante do *status* de “namorando” do interlocutor, é considerado uma forma de traição. Apesar dessas diferenças e dos objetivos dos usuários desses aplicativos, a “importância dessas interações está no fato de obrigar os indivíduos, que possuem aqueles instintos, interesses, etc., a formarem uma unidade – precisamente, uma sociedade” (SIMMEL, 1983, p. 166). Por mais que seja uma sociedade dentro de um grupo que segrega e exclui. Nas concepções de Michel Foucault, em análise em perspectiva para o objeto desta pesquisa, “isso, é ao mesmo tempo excessivo e muito pouco que o prisioneiro seja observado sem cessar por um vigia; muito pouco, pois o essencial é que ele se saiba vigiado; excessivo, porque ele não tem necessidade de sê-lo efetivamente” (FOUCAULT, 1999, p. 166-167).

Ainda segundo Miskolci (2016, p. 281), essas tecnologias nos transformaram como “seres desejanter” e aumentaram a possibilidade ampliar novos horizontes aspiracionais, “marcados por expectativas e ideais muito diferentes dos que moldavam as vidas sexuais e amorosas construídas apenas ou predominantemente face a face”. Desta forma, os objetos, como os aplicativos de relacionamento, são capazes de agregar pessoas diferentes, com a mesma finalidade ou não. Quando estive presente no aplicativo, havia algumas descrições à procura de sexo, como a maioria, enquanto outros procuravam um relacionamento sério, em um aplicativo considerado plenamente sexual. Na próxima seção, trago algumas considerações sobre aplicativos de relacionamentos.

2.3 A busca e as questões dos afetos entre sujeitos

Qual o objetivo de estar em um aplicativo de relacionamento? Essa foi uma das perguntas que fiz para meus interlocutores, para entender a vontade de baixar o *Grindr* e ter de praticar a sociabilidade entre os usuários. Para isso, entendemos relacionamento como uma ligação, sendo ela afetiva, profissional ou de amizade; é o ato de se relacionar, de conviver com os seus pares, de forma positiva ou negativa. Segundo o psicanalista Wilson Klain¹¹⁸, os afetos são sentidos e, quando a gente manifesta, o outro sente. Ele traz uma reflexão que é manifestada a partir do afeto do corpo, desde medo até paixão. E não podemos falar de relacionamento sem mencionar o afeto. Quando a gente fala de afeto, lembramos de carinho e positividade, mas o afeto está ligado ao verbo afetar, aquilo que me/te afeta, o que mexe comigo/contigo. Para Barbie23,

Demonstração de afeto não significa basicamente que seja romântico, mas sim um afeto [com] que a gente se importe. Eu tenho afeto com os meus amigos, então eu tenho um relacionamento com os meus amigos, um relacionamento com a minha família, um relacionamento com os casos amorosos. Tem muito a ver com afeto, carisma, essas coisas (Barbie23, em entrevista em ocasião da pesquisa).

Segundo Luis Mauro Sá Martino¹¹⁹, baseado nas concepções do filósofo Spinoza, afeto é conceituado como “aquilo que mexe com a minha alma” (MARTINO, 2017, *on-line*). Podemos dizer que, virtualmente, tudo pode ter afeto. Não existe uma fórmula. É espaço de subjetividade. Dessa maneira, eu sei o que está acontecendo, por isso podemos nos conectar, permitir-nos e transformar-nos enquanto sujeito.

Barbie23 afirmou que teve dois relacionamentos sérios como experiência. No seu primeiro relacionamento, ele se considerava bissexual. Por volta dos 13 anos, ficou com meninas, para ele era a época da “pré-libertação”¹²⁰. Era uma época em que se sentia um pequeno incômodo e mais a religião dizendo que aquilo – sua orientação sexual – não estava certo. Para ele, aquilo machucava e causou até um embalo emocional. “Por que eu tive que nascer assim? Por que aconteceu isso comigo? Será que um dia vai passar ou vai curar?”, foram alguns desabafos que me fez, porém de maneira madura e já bem resolvida, conforme eu

¹¹⁸ CAFÉ FILOSÓFICO CPFL. **Afinal, o que é ato?**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?time_continue=14&v=VIcje1w5Duw. Acesso em 12 de julho de 2019.

¹¹⁹ CANAL CASA DO SABER. **O que é afeto? Uma visão a partir de Spinoza**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0OCrnnV518s>. Acesso 12 de abril de 2019.

¹²⁰ Barbie23 revelou que veio de uma família cristã católica, que transitou de lado para o cristão evangélico, depois que ele saiu desse meio religioso, ainda se sente cristão, mas não totalmente ligado a uma religião e foi daí que ele sentiu que ficou mais esclarecido que ele chamou de segunda libertação.

percebi. Depois, percebeu que as coisas ao seu redor foram se ampliando. Chegou na puberdade e percebeu as relações se estreitando, por conta da religião e do relacionamento familiar parental, que isso não ia ser bem aceito naquele momento. Por isso que no início se denominava bi. Para ele, soava menos agressivo dentro da lógica heteronormativa em que convivia. Barbie²³ disse que chegou um momento em que realmente disse para si mesmo que não tinha atração por mulheres. A partir do segundo relacionamento, percebeu que só gostava de homens.

Hoje os aplicativos de “pegação” servem “como recurso de inserção no competitivo mercado dos afetos” (PELÚCIO, 2017, p. 3). Eles estão inseridos em contexto em que as pessoas moldaram as suas vidas e começaram a praticar esse novo tipo de interação. Segundo as informações do *site* Edição do Brasil (2019)¹²¹, 60% dos brasileiros utilizam aplicativos de relacionamentos. Dessa forma, os *apps*, para fins de relacionamentos amorosos/sexuais,

integram um complexo campo no qual a dinâmica da vida contemporânea pautada pela aceleração do tempo, maior exigência no campo do trabalho e a sua flagrante precarização. Some-se a esse cenário um conjunto de ansiedades que entrelaçam esfera pública e privada, tais como o aumento da violência urbana, as urgências emocionais relativas aos anseios estimulados por diversos discursos que nos convocam a sermos felizes, saudáveis, aventureiros/as (PELÚCIO, 2016, p. 4/5).

Esse cenário é pautado como um estímulo de diversos discursos, como a própria autora pontua. Elegante²⁶ relatou algumas de suas frustrações pessoais: ele não se sentia uma pessoa atraente e não se via interessante na vida real. Ele sentia que as pessoas nunca flertavam¹²² com ele. Foi pelo aplicativo que todos os relacionamentos dele foram intermediados, onde começou a se relacionar com homens, porque não saía para os lugares de sociabilidade *gays*. Não tinha amigos, porque ele era fechado em casa. Vivia num mundo em que isso era errado, sair para festa era errado, sair era errado, tudo isso era errado. Atualmente, performa como *drag Themônia*¹²³, quando participa de festas noturnas com o seu coletivo e usa com muita frequência o aplicativo *Grindr* para manter suas relações sexuais.

¹²¹ EDIÇÃO DO BRASIL. 60% dos brasileiros fazem uso de aplicativos de relacionamento. Disponível em: <http://edicaodobrasil.com.br/2018/09/14/60-dos-brasileiros-fazem-uso-de-aplicativos-de-relacionamento/>. Acesso em 19 fevereiro 2020.

¹²² Curtir ou paquerar é um comportamento entre seres humanos que consiste numa discreta insinuação de interesse entre pessoas.

¹²³ É como os/as integrantes das Demonhas, associadas ao Movimento NoiteSuja, se chamam e se reconhecem como seres performáticos; *Drag Demonha* faz parte da experiência de ser *Drag* na Amazônia, é um conceito específico que vai além do estético, pois há diversas Demonhas que são *Drags*: sereias, bruxas, demoníacas e outras afetações de corpos que até para eles/elas está aberto e em construção. O que se pode destacar como característica principal são as entretidas performativas e uma construção coletiva. Conceito elaborado pela pesquisadora *Drag* Emanuele Corrêa (2020).

Miskolci (2014a) destaca como as mudanças tecnológicas indicam uma mudança do próprio sujeito, ou seja, se o contato inicial era ter um contato *off-line*, hoje o contato é feito de forma imediata e em curto prazo. Os aplicativos de relacionamento são estruturas tecnológicas, que atuam em promoção do contato e das relações interpessoais entre duas ou mais pessoas que estão no sistema afetivo. Os motivos da entrada e de uso nesses/desses *apps* podem ser inúmeros, possibilitando a procura de um encontro casual ou sexo, principal abordagem dos próprios usuários e interlocutores de pesquisa e percebida por mim durante os 28 dias de uso também. Por exemplo, ao criar um perfil no *Grindr*, a pessoa não pode colocar uma foto totalmente nua porque há uma equipe que filtra as imagens que serão expostas na tela principal do *app*. O envio de fotos com nudez explícita é autorizado no modo privado. Isso possibilita um imaginário de iniciar em um espaço que tem exigências para se relacionar, causando um sentimento de conforto. “A potência da tecnologia contribui para o imaginário de que, ali, o segredo é possível, de que o sigilo seria uma realidade assegurada” (BASTOS, p. 278).

Grosskopf, Levasseur e Glaser (2014) e Miskolci (2015) apontam que os *gays* foram os pioneiros na busca de romance e sexo casual, na década de 1990. As vantagens eram relacionadas à praticidade do contato e da segurança, por conta da privacidade e do anonimato. Por isso, estar nesses aplicativos independentes torna o ambiente seguro, tendo menos possibilidade de rejeição, em um lugar que há comunhão de interesses, não tendo certas violências, como o caso da homofobia. Os filtros são uma forma de selecionar os possíveis parceiros interessantes, que são baseados nas descrições dos perfis e do próprio *software* (MILLER, 2015). Para Brandon Miller, as redes móveis que existem entre homens que fazem sexo com outros homens tem como dados sete categorias que nos fazem refletir: segurança, controle, facilidade, acessibilidade, mobilidade, conectividade e versatilidade.

Entretanto, apesar de ser um ambiente comum para *gays*, bissexuais, transexuais e *queer*, os usuários ainda são alvos de homofobia dentro da própria comunidade, pelo sentimento de medo ou de estarem sendo vigiados e analisados enquanto utilizam o aplicativo. Entre os interlocutores da pesquisa, todos afirmaram que já se sentiram inseguros e relataram essa insegurança quando fizeram o uso do aplicativo pelas primeiras vezes, ou seja, foram aprendendo a contornar a situação e performar no aplicativo, dependendo do perfil com que conversa, das casas em que iam e onde marcavam, dos homens com que se relacionam, porque tudo ali é muito instável. É interessante perceber que as formas mediadas pela tecnologia são representativas de como estes sujeitos inserem as suas performances. Consequentemente, ocorre uma representação a partir dos dispositivos. Sobre a questão da performance, destaco Butler (1993) e sua compreensão de que essas são as bases a partir das quais as práticas sociais

e as expressões do sujeito se manifestam, nos diversos contextos em que o sujeito se insere em campos discursivos.

A construção não apenas ocorre no tempo, mas é, ela própria, um processo temporal que atua através da reiteração de normas; o sexo é produzido e, ao mesmo tempo, desestabilizado no curso dessa reiteração. Como um efeito sedimentado de uma prática reiterativa ou ritual, o sexo adquire seu efeito naturalizado e, contudo, é também, em virtude dessa reiteração, que fossos e fissuras são abertos, fossos e fissuras que podem ser vistos como as instabilidades constitutivas dessas construções, como aquilo que escapa ou excede a norma como aquilo que não pode ser totalmente definido ou fixado pelo trabalho repetitivo daquela norma (BUTLER, 1993, p. 9-10).

Isso se dá a partir do processo de subjetivação como são constituídos e produzidos. Desse modo, elementos são construídos subjetivamente por meio das suas experiências. Elegante26 pontuou como, a partir das situações vivenciadas nos *apps*, adequava-se à interface e aos perfis com que interagiu, bem como com outros aplicativos de relacionamento. O interlocutor, em tom de humor, contou sobre os aplicativos que já usou e de seus sentimentos por eles:

Já usei o Scruff¹²⁴, mas eu não gostei. É igual o *Grindr*; e uso o Badoo¹²⁵ atualmente, só que é um saco, também, porque um monte de gente que dá *match* contigo mas nenhum conversa. É uó! Tu sente ali um nada, enfim. Eu gosto do *Grindr* e o *Tinder*. O *Grindr* quando tu quer algo por necessidade, sempre me apaixono, mas é só sexo (Elegante26, em entrevista em ocasião da pesquisa)

A partir do que foi abordado acerca dessa sociabilidade na demarcação de presença nos *apps*, percebo uma necessidade nas práticas de performances. A fala de Elegante26 remete às representações sociais, no que se refere à construção da identidade, visto que, dependendo do aplicativo e como o sujeito se percebe e se representa nesse aplicativo, constroem-se interpretações, comportamentos e também expressões e expectativas do sujeito para consigo e para com os demais.

Para Larissa Pelúcio (2018), criamos uma agência desejante, individualizamos a(s) busca(s) por parceiros(as) e, conseqüentemente, paqueramos várias pessoas ao mesmo tempo. Para ela, é “um processo altamente seletivo e demandante emocionalmente, mas que permitiu lidar com a recusa e o fracasso de forma igualmente individualizada” (PELÚCIO, 2018, p. 158).

¹²⁴ Para homens *gays*, bissexuais e transgêneros, concorrente do *Grindr*.

¹²⁵ Antiga e popular rede social de relacionamentos voltada para conhecer pessoas.

Esses encontros são mais íntimos, resultando em pequenas e curtas relações, e que as pessoas que estão ali – nos *apps* – buscam conhecer alguém¹²⁶. Percebo que esses sentimentos são multiplicados por conta da facilidade que temos em nos envolver em um ambiente que está propício a esses tipos de interações, algumas mais longas, outra menos e até invisíveis. Foi assim que percebi essa relação com Elegante26. Ele me contou várias experiências que teve durante os anos usando o *Grindr*. Nossa conversa foi a mais longa e que me rendeu mais propostas para análises e reflexões. Ele me apresentou esses *apps como* sendo um espaço de sociabilidade e ele, como agente dessa sociabilidade. Essa dinâmica se mostra como uma prática de “se mostrar, se vender para ser consumido, os indivíduos traçariam exibições festivas de si mesmo, tornar-se-iam auto-marqueteiros, espetacularizando o eu e a própria vida” (SANTOS, 2018, p. 88) a partir dos próprios *apps*, que têm as

emoções moduladas pela lógica dos algoritmos matemáticos [que] vão traçando combinações entre pares, nos colocando frente a formas de organizarmos a exposição de quem somos e de nossos interesses, muito próxima àquelas que regem as dinâmicas do mercado (PELÚCIO, 2016, p. 4).

Se antes a ideia era ter um *dating*¹²⁷, hoje a passagem desse ritual se tornou um *hook up*¹²⁸ (MISKOLCI, 2014b) por conta de um aparelho móvel que ressignifica seu uso constante, com novas atualizações, novos aplicativos, novas plataformas e outros meios de interação. Assim, os lugares frequentados podem fazer parte de insinuações para (re)configurar os espaços e os encontros propriamente, fazendo o usuário constituir uma nova forma de subjetividade para lidar com as suas emoções quando o sentimento é quase inexistente, como ações praticadas durante o advento da tecnologia. Essas tecnologias carregam uma forma de fluidez, mas isso não quer dizer que estamos totalmente fluidos e à parte das ações que acontecem mediante esses *apps* e objetos.

Desse modo, é interessante perceber como essas estruturas afetivas se transformam e estabelecem uma ordenação, numa negociação entre as circunstâncias de cada indivíduo. Todos os meus interlocutores mostraram formas estratégicas e ordens de como acontece em cada perfil. Uma conversa monossilábica no início, para troca de fotos – tanto de rosto e de corpo – ; depois indo para o *WhatsApp*, onde se torna um lugar seguro e em que pode se desenrolar um

¹²⁶ O que percebi durante as minhas entrevistas foi que os interlocutores pontuavam o *Tinder* como aplicativo para conhecer alguém, e/ou busca de algo mais sólido, como o namoro e até mesmo casamento. E que os *apps* LGBTs eram mais de cunho sexual.

¹²⁷ Namoro.

¹²⁸ Sexo sem compromisso.

encontro, mas todo esse processo é feito em questões de minutos e, no máximo, horas. Às vezes dura dias, quando a pessoa é interessante, ou desenvolve uma conversa mais atraente. Caso não ocorra o encontro, há outros perfis com as conversas em andamento. Por ocasião de minha participação observante nessa pesquisa, notei como uma estratégia pode ter tanto impacto: na troca de uma foto, em meu perfil no aplicativo *Grindr*, as semanas passavam a ser mais interessantes por conta das interações. Sendo assim, são algumas dessas mudanças que acabam conformando um novo mercado afetivo, ao qual alguns *sites* e aplicativos para fins de encontros parecem corresponder (PELÚCIO, 2016, p. 9).

Em análise à vivência das emoções e dos afetos nos aplicativos de relacionamento, a pesquisa supracitada, feita pela *We are Social* e *Hootsuite* (2018), observou que, mesmo relacionado como um tabu¹²⁹ – a procura de materiais de cunho sexual –, existe uma ampla procura por esses tipos de conteúdo no ambiente digital. Nos dados disponibilizados pela referida pesquisa, vemos que um dos *websites* mais visitados do mundo, o xVideos¹³⁰, em uma escala mundial, ocupa o 5º lugar na posição “com tempo de visita”, com aproximadamente 13 minutos. Entendemos que, apesar do sexo ser considerado um tabu social e fazer parte das relações humanas – até para fazer parte da população, um dos *sites* mais vistos mundialmente é um *site* pornográfico (Figura 12).

¹²⁹ São criados pela sociedade através dos padrões morais e convenções sociais impostas.

¹³⁰ XVideos é um *site* de compartilhamento de vídeos pornográficos. É o *site* do gênero mais acessado do mundo, tendo ultrapassado o *Pornhub* em novembro de 2009. É o 18º *site* mais acessado do Brasil e nos Estados Unidos é o 50º.

Figura 12 - Websites mais visitados no mundo.



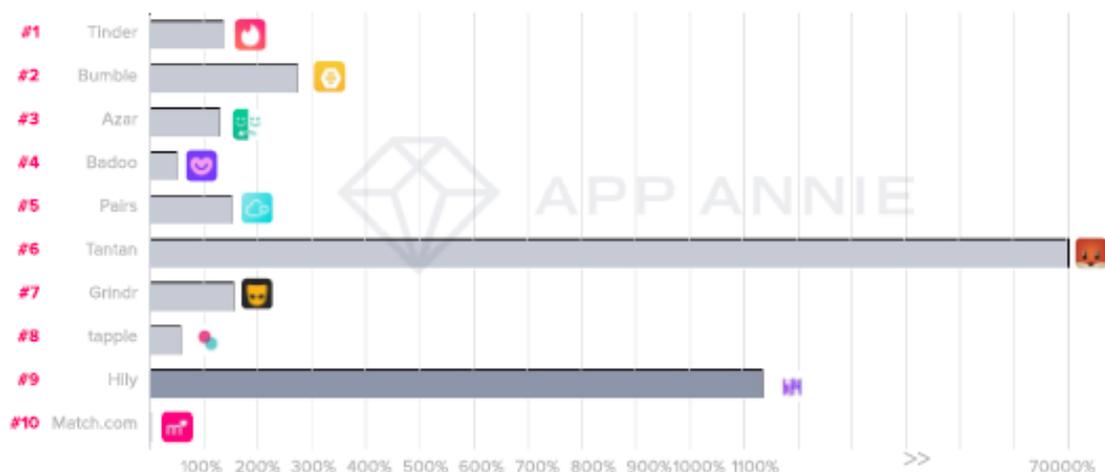
Fonte: Hootsuite e We are Social (2018).

Nesta perspectiva, Michel Foucault (2003) discute sobre a sexualidade ser um discurso que modula as subjetividades, sendo um caráter social que possibilita, a partir do sexo, a maneira como as pessoas expressam a sua moral, os seus atos de hierarquias sociais e as suas questões privadas de dimensão pública, ou seja, o *site* citado possui várias categorias que permite a seus usuários manifestarem seus prazeres no espaço. A partir disso, tensiono como a questão sexual está fortemente ligada ao sujeito, à sua busca, sua curiosidade, mas também às cautelas de ser analisado e vigiado pela sociedade, daí o ambiente digital mostrar-se como um atrativo para essa experiência. Sobre isso, destaco a fala de Elegante26, que relatou que, apesar da insegurança, mostrava o rosto no aplicativo, mas, depois de algumas atitudes alheias, parou de fazer o mesmo. Apesar disso, mostrou senso de responsabilidade ao dizer que não manda fotos e *nudes*, como uma forma de preservar a sua imagem.

Uma vez, eu fiz uma vídeo chamada com um cara. Eu fiquei neurado porque ele era meio chato e eu tinha visto que eu já tinha bloqueado ele uma vez no meu *WhastApp* e eu não sei porque eu desbloqueei e fiz isso. Eu fiquei neurado, achando que ele tinha gravado, porque foi com a minha cara e com a dele, mas nunca se sabe. Torço pra nunca aparecer nada e, se aparecer, bora tentar ganhar dinheiro [risos]. Eu não mando rosto com *nude*. Nunca. O cara pede e eu não mando, não sabe com quem *tá* falando. Nem melhor amigo, melhor namorado vai fazer isso. Como vazam as coisas e, se vazar, tu tem que arcar com as responsabilidades, né? (Elegante26, entrevista em ocasião da pesquisa).

Paralelo a isso, notamos o crescimento de *downloads* dos chamados aplicativos de relacionamento com o viés mais sexual¹³¹ e afetivo¹³². O relatório da *App Annie* (2020) aponta que os aplicativos de namoro tiveram um forte sucesso com assinatura no aplicativo. Os consumidores gastaram mais de U\$ 2,2 bilhões em aplicativos de namoro, duplicando o valor do ano de 2017. Mostra o quanto o investimento nesse segmento é bem relevante para as pessoas que têm interesse em procurar afetos. No Brasil, por exemplo, o número de usuários da plataforma *Tinder*¹³³ só perde para os Estados Unidos e Reino Unido. A companhia afirmou que já foi responsável por 1,6 bilhões de “deslizes”¹³⁴ por dia e 20 bilhões de combinações. A plataforma, criada em 2012 por estudantes dos Estados Unidos, está ativa em 190 países, segundo o *site* CanalTech. O aplicativo faz o cruzamento de informações pessoais e exhibe outros usuários para combinarem (o famoso *match*) seus interesses e iniciar algum diálogo. Na lista abaixo (Figura 13), podemos observar o crescimento dos aplicativos e, entre eles, o *Grindr*, especificamente, aparece como o único aplicativo voltado para a comunidade *gay*, *bi*, *trans* e *queer*, ocupando a 7ª colocação, a partir do crescimento global por gasto em 2019 dos consumidores. Isso mostra o crescimento e a potência do *app*.

Figura 13 - Crescimento nos aplicativos de namoro por gasto global do consumidor.



Fonte: *App Annie* (2020).

¹³¹ Encontro para sexo, orgias, envolvimento físico.

¹³² Encontros para amizades, conversas e afins.

¹³³ Um dos mais populares dispositivos de relacionamento. O *Tinder* apresenta um público diferenciado do *Grindr*, já que este não tem o foco no público heterossexual.

¹³⁴ Expressão usada para referenciar, na dinâmica de uso do *app*, o ato de deslizar a tela para achar perfis que, em tese, combinam.

Existem, além do *Grindr*, uma série de aplicativos com a mesma finalidade de relacionamentos e de cunho afetivo e sexual. Esses aplicativos são de esfera internacional e nacional, alguns cresceram no Brasil, outros não. Temos como exemplos o *Hornet*¹³⁵, “Adote um Cara”¹³⁶, *Bumble*¹³⁷, *Scruff*, *How about we*¹³⁸, *Happn*¹³⁹, *Flert*¹⁴⁰, *Badoo*, *Date me*¹⁴¹, *LOVOO*¹⁴², “Par Perfeito”¹⁴³, *Poppin*¹⁴⁴, *Wapa*¹⁴⁵, *Stitch*¹⁴⁶, *Vinder*¹⁴⁷, *The Ugly Bug Ball*¹⁴⁸, *Hater*¹⁴⁹, *Ashley Madison*¹⁵⁰, *Divino Namoro*¹⁵¹, *Anomo*¹⁵², o *3nder*¹⁵³, entre outros. Os aplicativos de relacionamentos são criados com a finalidade de encontros, amizades, sexo e pertencem aos mais variados grupos sociais, pela diversidade e por apresentarem propostas diferentes nas suas descrições.

A partir da variedade apresentada, cito que todos os meus interlocutores mencionaram mais de um aplicativo de relacionamento, em uso simultâneo, ao conversarem comigo. Ainda assim, deixaram explícita a preferência pelo *Grindr*, por ser um *app* mais popular, principalmente na comunidade *gay*, onde pontuaram preferências e gostos similares que o aplicativo permite a partir da construção e do uso dos próprios usuários. O aplicativo *Tinder* era apontado como um aplicativo bastante usado, porém era visto para relacionamentos sólidos e duradouros, o que a maioria não estava procurando. Urso25, em tom honesto, opinou sobre a sua preferência. Ele disse que usou

Todos que eu já ouvir falar... *Grindr*, *Scruff*, *Tinder*, *Hornet* só por curiosidade, mas não gostei, só esses. Tem outros *Badoo*, “Adote um Cara”. Na minha ignorância, eu falei todos, mas só conheço esses, todos da comunidade *gay* que eu conheço. Eu utilizo mais o *Grindr* porque ele ficou mais pop... não sei, com as atualizações, ele ficou mais fácil de usar, é o mais popular também e a gente encontra mais pessoas no *Grindr*. Ele reuniu o que

¹³⁵ Para empoderar homens *gays* a se assumirem.

¹³⁶ Rede social em que as mulheres têm o poder de escolha.

¹³⁷ Encontro, contatos profissionais, conhecer pessoas em novas cidades.

¹³⁸ Apostar uma ideia de encontro favorito e encontrar uma pessoa que aceite o mais rápido possível.

¹³⁹ *App* baseado em localização que permite a conversa entre usuários caso eles se curtam.

¹⁴⁰ *App* que a ajuda a descobrir quem seus amigos apresentariam para você.

¹⁴¹ Descubra seu parceiro e sua alma gêmea.

¹⁴² É uma comunidade para conversar e conhecer pessoas.

¹⁴³ Ajuda solteiros a encontrarem o tipo de relacionamento que estão procurando.

¹⁴⁴ Para quem quer conhecer gente nova de um jeito mais divertido e marcar encontros reais com mais facilidade.

¹⁴⁵ Para encontrar garotas lésbicas, bis ou curiosas que estão próximas.

¹⁴⁶ Para pessoas idosas.

¹⁴⁷ Para pessoas adeptas ao estilo de vida vegana.

¹⁴⁸ *Tinder* para pessoas que não se sentem fisicamente atraentes.

¹⁴⁹ Busca a formação de casais com “ódios em comum”.

¹⁵⁰ Para pessoas com o desejo de trair seu parceiro/a.

¹⁵¹ Plataforma para relacionamento entre evangélicos.

¹⁵² Conhecido como Anti-*Tinder*, em segundo plano o quesito aparência dos usuários, não disponibilizando fotos, nem informações específicas sobre os usuários.

¹⁵³ Para pessoas que desejam um relacionamento a três.

tinha de bom no *Scruff*. [*O que tinha no Scruff?*] Ele tinha aquele negócio de quem visualizou, aquele negócio de dar um *tap*, um biscoito. No *Scruff* já tinha há alguns anos, era uma patinha, eu acho que ele tinha o melhor dos dois. [*Dentre esses que tu falou, o Grindr é o mais atrativo?*] Ele é mais atrativo, ele é mais fácil de usar e tem características boas (Urso25, em entrevista).

O que se percebe, aqui, é o momento em que os interlocutores percebem a construção das diferenças, interesses e preferências de acordo com cada aplicativo, sejam operadas por um sistema coletivo ou por uma leitura subjetiva. Os interlocutores percebem, assim, que em alguns espaços não há uma compatibilidade de interesses, gostos e afins. Por isso, migram para outros *apps* com que sentem mais afinidade e percebem que este sistema é feito a partir da construção de performance, na qual há um reforço de características subjetivas, com base na construção daquele território digital. Raquel Recuero (2012, p. 44) afirma que “é comum que a linguagem e os contextos utilizados para a comunicação neste ambiente sejam apropriados pelos atores como elementos de construção de identidade. [...] A partir dessa construção, tem-se a presença, ainda que ‘virtual’, que permite a situação da conversação”. Isso é perceptível nas variedades disponíveis no mercado de aplicativos de relacionamento para os mais diferentes públicos.

Sobre essa questão, no Brasil, Jardim e Moura (2017) realizaram pesquisa de campo¹⁵⁴ na Internet com o filtro: “aplicativos para encontros”, “aplicativos para relacionamentos” e “aplicativos para fins amoroso e sexual”, no que resultou em 95 aplicativos no Brasil com esses objetivos e, além disso, demandando para diversos grupos sociais, como “público heterossexual, homossexual, evangélico, cristão, vegano, idoso, lésbico, metalheiro, infiéis, com ódio em comum, para pessoas que se consideram feias, dentre outros.” (JARDIM; MOURA, 2017, p. 155-156).

Estes incidem fortemente nas nossas formas de sentir e administrar emoções, além de exigir todo um aprendizado para lidar com modos/etiquetas de comunicação que estão sendo constituídos ao mesmo tempo em que são articulados (PELÚCIO, 2016, p. 6).

Em contexto contemporâneo, os relacionamentos íntimos e afetivos se reproduzem como uma forma constituída pelo sentimento atribuído àqueles que se propõem a encontrar alguém de suas mais variadas vontades e desejos. Criam redes seletivas, em um mercado altamente apertado entre os laços e mantendo esses laços frouxos ao mesmo tempo (BAUMAN, 2004), por aqui “ascendeu a partir da chamada Revolução Sexual e agora apenas passou a ser

¹⁵⁴ A pesquisa tem como objetivo trazer resultado preliminar sobre o mercado de dispositivos para relacionamentos. Realizada a partir dos aplicativos *Badoo* e *Tinder*, entrevistas com usuários de dispositivos diversos, além de coleta de dados no grupo “Mulheres Empoderadas”.

visualizável por meio de *sites* e aplicativos” (MISKOLCI, 2014a, p. 20). Nesta perspectiva, trago a percepção da massificação dessas tecnologias digitais, que têm o objetivo de proporcionar uma relação interpessoal, mas com aspectos fluidos e até mercadológico.

Eva Illouz (2011) se propõe a falar desse capitalismo afetivo, que apresenta modos próprios de sociabilidade entre sujeitos, transversionados por um discurso econômico e afetivo no contexto do capitalismo contemporâneo nos *apps* mais distintos. Por isso, quando André Lemos (2013) questiona se os relacionamentos estão horizontalizados em um platô sem hierarquias, percebemos que não, uma vez que a sociedade sexual é ainda seletiva em questões de gênero e sexualidade, o que compreende uma “criação de uma narrativa reflexivamente ordenada do eu” (GIDDENS, 1993, p. 41) no mercado sexual e/ou digital amoroso sexual.

3 **MESSAGES AND TAPS: GÊNERO, SEXUALIDADE E MASCULINIDADES**

Neste capítulo, trago a discussão sobre a (des)construção e as experiências de si e como se dão as interações dos sujeitos e das suas experiências no aplicativo *Grindr*. A partir disso, vamos teorizar e entender como a questão do gênero e da sexualidade perpassa por nossa sociedade e como essas categorias carregam um peso importante nas falas, nas experiências e nas histórias dos interlocutores, que entendem e percebem uma repressão social por conta dos seus gostos, das suas performances, seus desejos e suas formas de performar. Dessa forma, é importante destacar como alguns comportamentos são naturalizados na sociedade, o que acaba por replicar a questão da masculinidade hegemônica. Busquei compreender essas percepções em diálogo tanto com o referencial teórico da pesquisa, quanto com minha experiência advinda do trabalho de campo e dos dados quantitativos dos 464 perfis que mantiveram algum contato pelo aplicativo a partir de *messages* e *taps*¹⁵⁵.

Início, assim, pontuando que as imagens do corpo e a beleza masculina também são operacionalizadas no aplicativo, no qual os corpos que se enquadram em um padrão estético predominante são os mais aceitos pelo coletivo que integra o *Grindr*. É importante entender como a categoria de gênero e sexualidade fazem com que os sujeitos construam uma identidade, a partir de suas performances e dos seus desejos, já que a sociedade funciona como uma sociedade da imagem e da visibilidade com traços hegemônicos, mesmo em um contexto amazônico.

3.1 **As questões de gênero e sexualidade**

“O mundo *tá* melhorando pra caramba mas não está totalmente, entendeu? Não é o que deveria ser, as pessoas se escondem, as pessoas ainda têm medo.” O relato de Malhadinho33 foi uma das conversas mais reflexivas durante a execução deste trabalho. O interlocutor era uma pessoa que eu conhecia previamente à pesquisa, mas, a partir do estudo, descobri como foi o seu processo de autoaceitação por conta da sua sexualidade¹⁵⁶. Comentei com ele sobre a

¹⁵⁵ Gostaria de pontuar que os dados que serão apresentados não pretendem trazer a totalidade e generalizar todos os usuários do *Grindr*, porém, mostrar como funcionam esses mecanismos do aplicativo, a partir das informações obtidas na presente pesquisa.

¹⁵⁶ É importante frisar que Malhadinho33 passou três décadas tentando entender e se questionando sobre a sua sexualidade. Apesar de afirmar que já sabia que era *gay*, teve um relacionamento heterossexual durante dois anos e se permitiu a experienciar esse relacionamento. A partir disso, colocou o seu foco no trabalho, onde mesmo relatou as pouquíssimas experiências tidas durante um bom tempo. Posteriormente, trouxe sua carreira musical para um cenário religioso que, também, fez com que se questionasse ainda mais sobre a sua orientação. Estas percepções foram entendidas e compreendidas a partir das suas histórias relatadas, na tonalidade da sua voz que

pesquisa que estava desenvolvendo e ele logo aceitou o convite para responder ao meu questionário, na ocasião do pré-campo. Entendo que o tempo é um fator principal no processo de aceitação de si. E, especialmente, no que tange ao gênero e à sexualidade, uma vez que a sociedade carrega carga de preconceito e marginaliza os que não estão dentro de uma normativa hétero. Quanto mais distante dessa norma, mais excluído o sujeito acaba por ser e, muitas das vezes, é jogado às margens e precisa de outros caminhos para se inserir socialmente. O mundo citado por Malhadinho³³ é o mesmo em que vivemos: ele está se modificando, mas ainda é um mundo incompreendido e incerto. É um mundo que reflete o que somos.

Para Joan Scott (1995), em sua obra “Gênero: uma categoria útil para a análise histórica”, o termo gênero “é compreendido como uma forma de classificar fenômenos, um sistema socialmente consensual de distinções e não uma descrição objetiva de traços inerentes” (SCOTT, 1995, p. 72). Desse modo, percebe-se como essa categoria não faz parte essencialmente dos corpos, dos órgãos sexuais e das características fenotípicas ou fazendo com que um sujeito seja quem identifica o gênero dos outros, como exemplifica Butler ao trazer o clássico “É homem” ou “É mulher”, frase dita no nascimento de uma criança, exclamada pelos médicos. Nesse sentido, Louro (1997, 2000, 2016) nos aponta como as relações humanas são construídas a partir de um raciocínio que parte do sexo, gênero e orientação afetivo-sexual. Prevalece que quem nasce com um pênis é considerado uma pessoa masculina, ou seja, precisa ser viril e, obrigatoriamente, precisa desejar uma mulher. Em vista disso, se um homem sente atração por outro homem, sua masculinidade é automaticamente comprometida, o mesmo que tem se comportar e ter atitudes que conduzem com aquele pensamento da heterossexualidade.

Por isso, algumas expressões são usadas para depreciar os homens e questionar a masculinidade, como ter um pênis pequeno, já que a sociedade concebe o falo como um símbolo de masculinidade (BAYDOUN, 2017). A partir dessa compreensão, gênero é visto como um sistema classificatório dos fenômenos, a partir de consenso social que diferencia homem e mulher. Na prática, a aceitação não é totalitária e ampla. O dispositivo da sexualidade, conceito proposto por Foucault (1988), produz a normalidade do sexo e do gênero e o que não compactua com essa norma é considerado como abjeto. A homossexualidade, por exemplo, é vista como uma espécie desviante. Por isso, Foucault afirma que o dispositivo da sexualidade amplia os discursos.

Barbie²³ comentou a dificuldade “em se aceitar” como *gay* porque havia uma pressão social e religiosa – instituição que estabelece normas de gêneros masculino e feminino – da

mostrava certa agressividade para tentar lembrar de alguns fatos ocorridos, o que fez perceber a sua indignação por conta de algumas situações ocorridas, ou seja, externalizou durante a entrevista esses sentimentos.

qual ele fazia parte, como cristão praticante, e afirmou ainda que “converteu” seu pai, seu tio e a sua mãe. Ele frisou as angústias e até “maquiou” sua forma de expressar os seus afetos e desejos diante de seus familiares. Durante parte da adolescência, em primeiro momento, não se declarava *gay*, mas como bissexual. Para ele, era menos agressivo. Isso é comum entre jovens que estão descobrindo a sua sexualidade e que, por conta dessa identificação ao nascer – é homem ou mulher –, faz com que esse discurso seja replicado. Essa prática faz com que os desvios sexuais sejam vistos como anormais, doentios e impuros.

Foucault nos auxilia na reflexão quando afirma que a homossexualidade se torna um personagem, “subjacente a todas as suas condutas; inscrita sem pudor na sua face e no seu corpo, já que é um segredo que lhe trai sempre [...]” (FOUCAULT, 1988, p. 50). Desse modo, essa norma, construída e fundamentada no heterossexual, baseia-se no que é a normalidade e, do outro lado, a anormalidade – nesse caso o homossexual e tudo que se desvia da heterossexualidade. Neste sentido, Barbie23 declara esse anseio por conta dos discursos ouvidos durante sua vida, o que dificultou a sua aceitação durante a adolescência. Para ele,

[...] você percebe que algumas coisas vão ampliando mais, principalmente quando chega a puberdade. Quando foi no meu caso, eu percebi que as coisas estavam se estreitando, mas por conta da religião e do meu relacionamento familiar parental, isso não ia ser bem aceito. Naquele momento, eu não me denominava *gay*, eu me denominava *bi* porque era menos agressivo, e tive a fase da bissexualidade até que chega um momento em que realmente “ah, acabou”. Eu não tenho atração por mulher, tenho atração masculina. Eu acho que no meu segundo relacionamento sério, eu percebi que só gostava de rapazes.

Todos os interlocutores da presente pesquisa tiveram alguma situação ao revelar a sua sexualidade para pessoas mais próximas, principalmente os familiares. É perceptível que as bases familiares são as que mais repudiam esse comportamento. Eles expulsam, como foi o caso de Elegante26, que precisou sair por ameaças e agressões físicas que recebera, ou se distanciam, como foi Couro23, que tinha proximidade com a sua mãe e que sentiu a mesma se distanciar. Diante desses exemplos, eles afirmaram o quanto é difícil ter uma conversa sobre suas experiências, porque não há reciprocidade no assunto, o que foi percebido durante as entrevistas, tendo um acolhimento oposto por parte dos amigos, que são grupos em que há mais trocas sobre assuntos sexuais, por exemplo. As histórias em comum, a partir dessa prática, são percebidas como um reflexo dessa heteronormatividade estabelecida e naturalizada perante o social e que perpassa nos grupos sociais de que fazemos parte.

Dessa forma, debruço-me nas proposições elaboradas por Miskolci (2016, p. 44) ao pontuar que “a heteronormatividade é um regime de visibilidade, ou seja, um modelo social regulador das formas como as pessoas se relacionam”. Isto é, ela funciona como regulador social, ou, como nas palavras de Barbie23, foi preciso “até ser menos agressivo” para não correr o risco de ser julgado ou sofrer consequência físicas e mentais. Nessa discussão, Butler (2015) salienta que, para entender as relações de gênero, é preciso excluir as normas convencionadas, já que não representam as situações dos múltiplos sujeitos e de suas experiências. Esse sistema normativo tange “a ordem sexual do presente, fundada no modelo heterossexual, familiar e reprodutivo. Ela se impõe por meio de violências simbólicas e físicas dirigidas principalmente a quem rompe normas de gênero” (MISKOLCI, 2016, p. 46). A filósofa traz uma discussão sobre sexo e gênero; ela pontua que o sexo não deve ser visto como natural, pois é socialmente construído, por meio de suas derivações e práticas de gênero.

O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado (uma concepção jurídica); tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos. Resulta daí que o gênero não está para a cultura como o sexo para a natureza; ele também é o meio discursivo/cultural pelo qual a “natureza sexuada” ou “um sexo natural” é produzido e estabelecido como “pré-discursivo”, anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura (BURTLER, 2015, p. 27).

Para a autora, até a naturalidade dos sexos é criada por leis e normas sociais. Louro (2000, 2016) e Butler (2015) expõem esse alinhamento de que gênero e sexo e as compreensões binárias como historicamente espalhadas são uma forma de naturalidade, compreendida a partir de “expressão de gênero” e “identidade de gênero”. A expressão de gênero parte da ideia dos comportamentos determinados e associados pelo contexto sociocultural, que os identificam como homens e como mulheres. Já a identidade de gênero consiste na forma com que alguém se identifica para os outros e para si. Por isso, neste contexto, o homem deve cumprir o seu papel social e conceber comportamentos (expressão) que façam parte da ideia social do que é o masculino, bem como a mulher deve ter o comportamento associado à ideia social do feminino. Butler analisa essa normalização do gênero e do sexo a partir da performatividade (linguagem e dos discursos), ao que se constitui

Em outras palavras, atos, gestos e desejo produzem o efeito de um núcleo ou substância interna, mas o produzem na superfície do corpo, por meio do jogo de ausências significantes, que sugerem, mas nunca revelam, o princípio organizador da identidade como causa. Esses atos, gestos e atuações,

entendidos em termos gerais, são performativos, no sentido de que a essência ou identidade que por outro lado pretendem expressar são fabricações manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos. O fato de o corpo gênero ser marcado pelo performativo sugere que ele não tem *status* ontológico separado (BUTLER, 2015, p. 194).

A partir desse ponto, é visto que a performatividade estabelece, cria e atualiza as tais “verdades” sobre sexo e gênero. Sendo assim, essas performances trazem signos que depositam o lado de “manter o gênero em sua estrutura binária” (BUTLER, 2015, p. 242) ou das vergonhas da homossexualidade. Em análise a esse pensamento, lembro de quando Papai21 pontuou que era abordado, por outros *gays*, sobre a sua roupa em uma festa “VRÁ¹⁵⁷ da vida”, que o incomodou por conta de não fazer parte de um padrão estabelecido por esse grupo específico, “[...] as pessoas me olham e pensam que eu sou um artista, tipo assim, 'amei teu *look*', uma *cropped* que eu uso, uma blusa cortada é algo distante demais da realidade da outra pessoa, que te trata como se tu vivesse em um universo paralelo”. É importante perceber como esse binarismo também é praticado dentro de um grupo que é considerado como abjeto na sociedade e, como frisou o interlocutor, por vestir roupas que “fazem parte do universo feminino”, além de ser afeminado. Sendo assim, a performatividade igualmente opera com normas sociais que podem afetar as escolhas do sujeito.

Como seres não universais, uma vez que fazem parte das minorias sociais por não se adequarem à norma heterossexual, os *gays* estão em constante alteração, assim como toda a comunidade LGBTI+, que abarca, mais que letras, diferentes vivências da sexualidade, de suas práticas e do próprio existir (IRIBURE, 2008). Assim, comungo da ideia de Butler (2015), ao conceber gênero e sexualidades como categorias discursivas. Entretanto, as categorias, baseadas na biologia, “macho” e “fêmea” constroem significados, porque o homem produz linguagens que se propagam e se tornam intrínsecas na sociedade. Tendo em vista essa discussão, o binarismo é baseado a partir de desigualdades, que constroem relações de superioridade e inferioridade (BAYDOUN, 2017).

A mesma lógica ocorre com as relações dicotômicas entre “homem” e “mulher”, “masculino” e “feminino”, “branco” e “negro”, “heterossexual” e “homossexual”, “ másculo” e “afeminado” [...] Desta forma, a primeira parte das díades acima destacadas é vista como superior e hegemônica, ao passo que a segunda parte é vista como inferior e, portanto, se torna vítima da exclusão, escárnio e ojeriza numa tentativa desenfreada de manter o *status quo* normativo vigente sempre alimentado pelo machismo, patriarcado e heteronormatividade. A “homossexualidade”, em particular, ou “desejo homorientado”, como referimos aqui, é vista como inferior na dicotomia

¹⁵⁷ Produtora paraense de festas LGBTs.

“heterossexualidade-homossexualidade” e, portanto, foi historicamente permeada pelo negativismo, atribuição de estereótipos e a estigmatização que se tornaram mais hostis com o advento da Síndrome de Imunodeficiência Humana (AIDS) (BAYDOUN, 2017, p. 41/42).

A lógica na qual Baydoun disserta traz a percepção de como os discursos produzidos fazem associação do vírus da imunodeficiência humana (HIV) com o desejo homossexual (PADILHA, 2015). Sabe-se que, a partir da década de 1980, a AIDS causou danos a essa minoria, pois foi a partir dela que os “grupos de riscos” ascenderam e, conseqüentemente, os homossexuais passam a ser os portadores da tão conhecida “praga *gay*” (PARKER, 1994). A partir desse momento, houve um alastramento dos diferentes tipos de discursos que mencionavam a doença, tendo em vista o discurso biológico, médico, cultural, político, religioso, ético e econômico (IRIBURE, 2008).

Segundo Néstor Perlongher (1985, p. 2), o controle do HIV e da homossexualidade é histórico e “passaram por policial e organizar as sexualidades perversas, no sentido de diminuir a frequência, a diversidade e a intensidade dos encontros”. Barbie23 argumenta a necessidade de falar sobre o assunto com seus amigos e sobre como teve que procurar informações sobre a doença e as formas de prevenção para ter acesso ao tratamento da profilaxia que atualmente faz.

Eu sempre me deparei com amigos que não sabiam mesmo o que era o PrEP. Então achar que a gente só toma o PrEP porque a gente tem doença de alguma coisa ou ter preconceito com pessoas que tivesse AIDS, como se fosse algo altamente contagioso. Tu tendo essa conversa e esse tipo de conversa que eu não tive, eu tento passar pros meus irmãos e pra determinados amigos. Eu acho que essa falta de esclarecimento e falta de informação que as pessoas consideram um bicho de sete cabeças, como algo que devesse falar. Eu acho que esse tipo de assunto é importante compartilhar.

A divulgação midiática contribuiu para que a imagem da pessoa com HIV fosse associada, no imaginário social, à magreza ao extremo (MISKOLCI, 2017). Isso retrata a preocupação de jovens como Barbie23 de querer desmitificar esse cenário que se construiu no universo dos homossexuais masculinos, principalmente. Nesta mesma perspectiva, Papai21 relatou uma experiência social ao dizer que, em um determinado momento sexual com um parceiro, este não questionou e em nenhum momento falou do uso de preservativo. Foi a partir disso que quis entender e falar mais sobre o assunto com o parceiro. Dessa forma, alerta os amigos que vão “fazer merda” e até anda com a camisinha na mochila para alguma situação imediata próxima. Para ele, a juventude não olha para a prevenção e até chega a mencionar o

auge da doença. Hoje, em dia “tem PrEP, tem Prop, ok! Falta mais diálogo sobre prevenção. Isso é muito preocupante.”.

Papai21 tensionou a forma com que as pessoas aparecem nos aplicativos: será que se cuidam? Será que usam camisinha com todo mundo? Reflito sobre a preocupação de Papai21 e o índice ainda grande de pessoas que vivem com HIV. No Brasil, no ano de 2019, teve uma alta de 21% de infecção por HIV em oito anos, segundo o Programa Conjunto da ONU para HIV/AIDS, o Unaid, colocando o país como o maior número em comparação com outros países da América Latina. Partindo desse pressuposto inicial, proponho entender essa visão a partir dos estudos masculinos, já que, dentro desse universo *gay*, são reproduzidos discursos normalizadores que se naturalizam e que acabam criando identidades sociais como forma de negociações dentro do *app*, reforçando a ideia de hierarquia masculina (CONNEL, 2003).

3.1.1 Os desdobramentos da(s) masculinidade(s)

Como vimos anteriormente, os estudos de gênero e de sexualidade perpassam por contextos históricos e sociais que formam mecanismos, estratégias e técnicas que alimentam esse sistema (MEDEIROS; SILVA, 2018). Aqui apresento uma problemática que parte de uma visão determinista, a qual estabelece que todo conjunto formado pelo sujeito (sexo, identidade de gênero, orientação sexual) é orientado na cisgenereidade¹⁵⁸, na heterossexualidade e marca ainda a superioridade masculina. Nesta parte do trabalho, foco nos estudos dos homens, já que a pesquisa foi conduzida pelo aplicativo *Grindr*, que foi inserido a partir de 2009 no universo de homens que formam e expressam as suas sexualidades de diversas formas. Nesta questão, não posso reduzir à apenas uma expressão de gênero masculina, mas, sim, para expressões de gênero masculinas, no plural, imersas na sociedade.

Os autores Connel e Messerschmidt (2013) criticam a forma que usam a terminologia masculinidade, já que, para eles, existem outros tipos de expressões masculinas, por conta das performatividades e das (re)configurações de ordem social. Existem outros modos de ser homem. Para Natanael Silva (2015), os primeiros estudos de homens ignoraram a ideia de relação de poder entre os sexos masculino e feminino, ou seja, concepções eram estabelecidas e associadas. A figura da mulher era centrada no doméstico, no cuidado do lar, dos filhos e submissa ao marido. É importante frisar que, para Silva (2015), a concepção feminina era centrada no espaço privado (lar) e, do homem, ao espaço público. Sendo assim, o “regime de

¹⁵⁸ Condição da pessoa cuja identidade de gênero corresponde ao gênero que foi atribuído no nascimento.

gênero heterossexista e misógino é reiterado, regulado e sedimentado como natural e a-histórico” (SILVA, 2015, p. 9). O autor afirma que o estudo sobre masculinidade passou a ser contemplado a partir da segunda onda do feminismo, movimento que reivindicava a autonomia sobre seus corpos, mercado de trabalho e a desnaturalização do trabalho doméstico, nos Estados Unidos (SILVA, 2015). Esta visão feminista é bastante importante para entender os estudos masculinos que trazem uma concepção sobre a relação do poder de gênero. Para Joana Pedro (2011), falar da categoria de gênero é deixar de focar apenas na mulher ou nas mulheres, mas entender as relações de homens e mulheres e mulheres e homens.

Dessa forma, temos que masculinidades estão caracterizadas em contextos culturais, sociais e históricos, nos quais apresentam comportamentos, características físicas e traços que são determinados e nomeiam a compreensão que é associada ao ser “homem” (BAYDOUN, 2017). Como bem pontuou Miskolci (2012, p. 62), “a masculinidade, em uma perspectiva cultural, tem significados múltiplos, variáveis e até mesmo contraditórios. Como bem simbólico altamente valorizado, em fins do XIX, se associava à honra e à própria nacionalidade”. É interessante pautar que esses estudos passam uma visão dos homens não como agentes no processo histórico, mas, sim, como produtos deste processo (ALBUQUERQUE JR, 2013). No Brasil, os estudos de gênero passaram a incluir os homens como categoria empírica (SILVA, 2015 *apud* CECHELLO, 2004¹⁵⁹). Por isso, é importante entender que cada homem tem a sua própria masculinidade. Nesta compreensão, é preciso ampliar os discursos e explorar as experiências de ser homem. Por isso que Silva (2015) nos mostra a importância de desnaturalizar as concepções sobre o masculino, contrapondo o conceito de masculinidade hegemônico, considerado como único.

O homem, para se “tornar” um homem, precisa ser dominador, carregar o *status* de macho. Isso é aspirado a partir de uma imagem construída, a qual evidencia um alinhamento social e histórico. Por isso, quando um homem apresenta certos comportamentos que não fazem parte do universo associado à imagem de masculinidade, passa a ser questionado, vigiado e punido (FOUCAULT, 1999) pelos demais. Ao que se relembra que, desde quando nascemos, somos orientados e domesticados a apresentar posturas, comportamentos e atitudes em um universo totalmente pautado nas divisões entre homem e mulher, na divisão e segmentos de brinquedos, nas cores usadas, no estilo de roupa, enfim, temos que apresentar atitudes que afirmem essa masculinidade.

¹⁵⁹ CECCHETTO, Fátima Regina. **Violência e estilos de masculinidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

Nesse ponto de vista, por conta desta construção aliada ao binarismo, os sujeitos que não apresentem essa masculinidade hegemônica são questionados e, logo, pré-julgados como *gays* ou homo-orientados (BAYDOUN, 2017). Embora haja diferentes expressões de gênero a partir das masculinidades, é concebido um modelo visto como hegemônico e que influencia os homens a se enxergarem e até a construírem uma identidade a partir do que é constituído. Essa percepção do masculino como um padrão foi percebida nas falas dos meus interlocutores. Os mesmos entenderam que esse padrão é bem evidente no aplicativo de geolocalização e até as suas próprias escolhas são feitas por esse padrão.

Papai21, por ter características que, socialmente, são consideradas como afeminadas, sempre pensou que estava na condição de ser o passivo na hora das relações sexuais. Isso carregou para ele um distanciamento, no momento em que saía com alguém, por não querer transar por acharem que ele teria que estar nessa posição. É claro que esse processo de entendimento não é um processo fácil. Há muitos questionamentos que envolvem fatores psíquicos e as experiências são pautadas individualmente. Alguns com privilégios e outros não, seja pela raça, pela condição socioeconômica, pela condição familiar, pela orientação sexual, entre outros fatores.

Elegante26 comentou sobre os seus medos e anseios por ser considerado como afeminado e operar com a exposição dessa percepção social nas redes, principalmente no *Grindr*, já que tinha a sensação que era visto como um objeto a ser dominado por sujeitos com características de imagens mais masculinas que as suas. O interlocutor relatou que, certa vez, pressionaram-no a ir em sua casa. O “cara” insistiu, já que trabalhava em um supermercado próximo da casa do interlocutor. Enviou diversas mensagens, até que, pela pressão, Elegante26 cedeu e o encontro foi marcado por volta das 18h. Quando chegou na casa dele, percebeu, em Elegante26, seus shorts curtos, suas unhas pintadas. Alegou imediatamente um compromisso com a mãe na Umbanda e depois o bloqueou. Por conta de situações como essa, ele não expõe mais, inclusive no *Grindr*, que é afeminado, ou menciona, às vezes, para “tirar sarro”.

O interlocutor também relatou que, certa vez, tirou *nudes* e suas unhas grandes apareceram. Logo depois, o cara começou a xingá-lo e ofendê-lo com baixarias; em um tom de humor, ao contar, disse “sim, a unha é minha, tchau”, ou então “vai se foder”. Elegante26 relatou que, certa vez, enviou fotos para um sujeito com quem estava conversando, ao que “o cara” disse ‘é tu mesmo?’, e eu disse ‘sim, por quê?’, ‘ah, é porque em uma [foto] tu tá másculo e na outra viadinho’, aí eu respondi ‘pois é, eu sou viadinho’ [risos]”. Assim, enquanto Elegante26 operava com a imagem de másculo, era aceitável, mas, como estava com unhas grandes, a condição se modificou e agora era o “viadinho”. Isso é importante para perceber que,

quando um homem, como Elegante²⁶, passa a expressar comportamentos femininos, é taxado como “viado” porque evidencia um lado “que não é seu por direito”. Ao nos aprofundarmos nessa situação, percebemos o reflexo de um comportamento masculino atrelado às práticas de violência e seus signos: falas, gestos e expressões.

Michael Kimmel (1998) traz, em seu texto “A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas”, uma versão hegemônica da masculinidade nos Estados Unidos e na Europa Ocidental, as quais desacreditaram das outras versões masculinas. Kimmel aponta que esse jogo sobre os corpos masculinos, que não se adestram dentro de um padrão heteronormativo, constituem as masculinidades não hegemônicas, ditas como subalternas (KIMMEL, 1998). Kimmel reflete sobre a necessidade de entender que as masculinidades são construídas socialmente e destaca o caráter da hegemonia e subordinação, sendo este relacional entre homens e mulheres (desigualdades de gênero), entre homens e homens (baseado na raça, etnicidade, sexualidade, idade etc.), uma vez que “dois elementos constitutivos na construção social de masculinidade são o sexismo e a homofobia”, ou seja, a masculinidade é vista como um modelo de subordinação e ao mesmo tempo de hegemonia. Assim, temos que homens heterossexuais também podem ser excluídos por conta da posição que ocupam (CONNELL, 1995), o que envolvem os marcadores sociais da diferença e as relações de poder, muitas vezes invisíveis para quem dispõe de privilégios. A invisibilidade é então uma questão também política, econômica, cultural, histórica e social.

Esta discussão me faz pensar e formular as percepções que tive em algumas de minhas conversas em campo. Quando entrevistei Nerd²⁵, este estava na casa do namorado, em um apartamento em Nazaré, bairro central de Belém. No meio da conversa, Nerd²⁵ me revelou uma situação de traição e do seu desejo por sentir atração física por outros caras, ao que, nas palavras do interlocutor, ele só iria “sair para transar e só”, por meio de pessoas que conhecia em aplicativos “de pegação”. Ali, naquele momento, o sexo era o principal e aparentemente o único objetivo de fazê-lo estar ali. Porém, essa “aventura” teria que ser com alguém que ele considerasse bonito. Então citou que, em outras cidades do Brasil, teve relações sexuais com gente mais bonita e frisou que a cidade de Belém tem gente que considera muito feia. Para ele, “São Paulo e Rio de Janeiro são cidades que sempre têm gente de fora. Até se você morar lá o leque vai sempre ser renovado, o F5¹⁶⁰ sempre no cardápio. Diferente de Belém, onde as pessoas não são muito bonitas.”.

¹⁶⁰ Dar F5 é atualizar a situação. Neste caso, o “cardápio” do *Grindr* citado está sempre em atualização.

Apesar de não se autodeclarar branco e da elite, Nerd25 carrega todo luxo de uma pessoa privilegiada. Em suas redes sociais, esbanja fotos de viagens nacionais e internacionais, estudou em faculdade particular, atua na área jurídica e faz sua pós-graduação em outra instituição particular da cidade. Nerd25 reiterou que, apesar de ser *gay*, nunca precisou se importar com a sua sexualidade, apesar de assumida, porque expressa, socialmente, imagem atrelada ao gênero masculino. Portando vestimentas e objetos que façam ele “invisibilizar” a sua orientação afetiva/sexual e que não causam um estranhamento vindo de outrem. Isso é muito evidente sobre o que Kimmel (1998, p. 106) pontua, que as “experiências dependem da nossa classe, raça, etnicidade, idade, região do país”.

Nesta reflexão, não podemos esquecer que as masculinidades não são criadas igualmente. Elas dependem das experiências da vida. O que Nerd25, por exemplo, repassa em suas redes sociais, na sua experiência social, não convergem de nenhuma maneira com a de outros interlocutores, que não mantêm o mesmo *status* mantido por ele. Kimmel, em uma visão norte-americana, mas que nos auxilia com a nossa realidade, aponta que haverá um modelo em que vamos nos medir, nos inspirar. Enquanto Nerd25 está na academia, querendo manter um corpo definido para se aproximar de seus interesses, Elegante26, sendo um homem também, mas cuja expressão de gênero remete ao considerado feminino, veste-se de forma artística para transmitir sua mensagem de resistência, por ser taxado socialmente como abjeto.

A partir de situações e observações como as de Nerd25 e Elegante26, refleti sobre as formas como as pessoas não estranham a expressão de gênero de uma pessoa por se portar de determinada maneira, mas estranham e problematizam a expressão da outra, que, muitas das vezes, é violentada. Kimmel (1998, p. 116) expressa que as mulheres e os *gays* fazem parte de identidade de gênero subalterna. Destaco que esses *gays*, quando apresentam marcadores sociais mais evidentes, são mais subalternizados.

E, é claro, além disso, que desde a virada do século até hoje em dia, são as mulheres e os homens *gays* que têm servido como as visões clássicas da identidade de gênero subalterna. As mulheres e os homens *gays* são os outros clássicos, o pano de fundo contra o qual os homens brancos heterossexuais projetam as suas ansiedades de gênero e é sobre a emasculação destes que os *self-made men* constroem definições hegemônicas. As mulheres emasculam os homens representando o lar, a vida doméstica, a obrigação familiar, assim como uma carnalidade insaciável. Os homens *gays* são bichinhas passivas e efeminadas assim como são sexualmente insaciáveis e predatórios.

A violência simbólica ou física é um desempenho de poder, que institui hierarquias, dominação e opressão sexual (SILVA, 2015). Há uma depreciação quando homens não se

enquadram no que é associado ao masculino, por isso que palavras (*gay*, “viado”, “bicha”, “marica”, “flor”, “boneca” etc.) e termos são usados para depreciar, violentar simbolicamente, emocionalmente, e, em alguns casos, desembocando no físico, e afirmar uma hierarquia, porque fogem da heteronormatividade. Miskolci e Pelúcio (2012, p. 23) salientam e denominam essas expressões como

efeminofobia entre homens que se relacionam com outros homens, mas que cultuam como valor máximo a masculinidade e os privilégios históricos concedidos dela. No vasto espectro das homossexualidades brasileiras, hoje vige uma hegemonia interna masculinista, branca e de classe alta dos que se compreendem como “discretos” e aspiram ser vistos com heterossexuais relegando para outros/as a linha da recusa social. É a este espaço da abjeção que são relegados os/as não-brancos, pobres, “afeminados”, “masculinizadas”, em suma, os/as *queer*.

Eve Kosofsky Sedgwick (1991; 2007) refere-se ao preconceito e exclusão sobre meninos afeminados e/ou meninos que não se enquadram nos padrões estabelecidos. Nesta percepção, os homens estão submetidos a uma hierarquia masculina. Eles estão em diferentes contextos, vivências e (des)construções de si. Por isso, é preciso desmitificar a masculinidade e entender que esta expressão naturaliza os subalternos e reforça o modelo de masculino, branco e viril. É importante destacar que esse processo histórico trouxe contribuições que foram abordadas e não estão estabelecidas. Dado em vista que o homem não é apenas reconhecido com elementos que parecem ser indissociáveis, como pênis, macho e virilidade, é preciso analisar os discursos construídos por esses sujeitos e desconstruir essa prática. Baydoun (2017, p. 66) argumenta que, por conta da globalização, as informações passaram a ter os modelos de masculinidade hegemônica, que “recebem influências de um modelo global vigente, aproximando os padrões locais um do outro”.

Alia-se a isso a associação do modelo hegemônico de masculinidade a um padrão ideal de porte físico/fisicalidade reiterada e compulsoriamente propagado pela mídia e indústria cultural, alinhando, ideologicamente, a força, a estética, a saúde e o atletismo (BAYDOUN, 2017, p. 66).

Dessa mesma maneira, homens *gays* são influenciados por esse modelo hegemônico que atribui características desejáveis pelo outro. Ou seja, mesmo que seja *gay*, tem que parecer como “heterossexual” (homem), pois seria uma preocupação a menos para buscar relações com outros homens. Por isso que, no aplicativo, o “sigilo” faz parte para aquele usuário que não quer ter a sua sexualidade questionada. Eles querem apenas gozar de suas fantasias sexuais fora do

casamento, querendo ter fetiches em um aplicativo de forma sigilosa, mas sempre negociando para não se expor socialmente e demonstrar os seus desejos.

Urso²⁵, Elegante²⁶, Nerd²⁵, Couro²³ e Malhadinho³³ confirmaram ter algum tipo de envolvimento com homens casados. Alguns não falam que são casados; são descobertos por alguma situação, como aliança ou chamada no celular, ou quando solta “sou casado” etc. Nerd²⁵ relatou que saiu com um que preferiu usar a vídeo chamada para conversar com ele, já que não queria enviar foto de rosto, enviando apenas uma foto de rosto; depois, marcaram um encontro. Couro²³ demonstrou, a partir da sua experiência no *Grindr*, que o sigilo para o homem casado, por exemplo, é para não ser identificado, porém, ele deixa evidente o tipo de pessoa que está procurando, provocando, nesses casos, até um preconceito, ao invalidar algumas expressões dentro do aplicativo, como os “afeminados”, “trans”, “gordos”, “velhos” etc. Ele pontuou:

Sim, a primeira coisa que me chamou atenção foi que eu ouvi sobre o aplicativo, principalmente, de um amigo que é *gay*, e eu já tinha ouvido falar do aplicativo e sabia que era um aplicativo para sexo. As pessoas estão a fim para um sexo casual e esse meu amigo começou a usar e me contou as experiências e eu tinha muito o reforço dessa ideia, que era realmente pra isso. Ele procurava caras pra isso e era procurado por caras que queriam sexo e quando eu entrei houve uma desconstrução, no sentido de que quem está lá não são só *gays*, são homens que se identificam de várias maneiras. Então, existe uma diversidade sexual muito maior do que ela é vendida pela ideia do senso comum. Foi a primeira coisa que me chamou atenção. E quando tu pontua a coisa do sigilo é uma coisa muito presente, ao mesmo tempo em que muitos caras são sinceros no tipo de sexo que eles querem; às vezes, no estado civil, mesmo sendo casado, a maioria deles quer manter a sua imagem em sigilo e o que eu percebi, principalmente, nos perfis, porque comigo aconteceu muito de um começar a conversar com alguém e aí ele me mandar uma foto de rosto dele [...] O que eu observei era que o sigilo era muito no sentido de estar lá, mas não sigilo sobre o que quero, que tipo de gente eu quero e tipo de gente que eu não quero. Então, sobre a pessoa se mostrar preconceituosa, eu observei muito, acho que, principalmente, tem algumas pessoas que justificam como gosto, mas muito em relação a afeminado e eu *tô* falando de modo geral, não só desses caras que chegaram pra conversar. Então tu tá me fazendo pensar no contraponto, tipo assim, eu não quero que outras pessoas saibam que eu estou aqui, mas eu quero deixar bem claro o tipo de pessoas que eu quero me relacionar aqui. É interessante!

Como aponta Miskolci (2009, 2013, 2015), o caráter de escolha do usuário é pelo padrão hegemônico, que ele caracteriza como “macho, discreto e fora do meio”, para realizar seus desejos mediados no ambiente *on-line*. Louro (2016, p. 86-87) destaca que “as formas como nos apresentamos como sujeitos de gênero e de sexualidade são, sempre, formas inventadas pelas circunstâncias culturais em que vivemos”. Miskolci aponta que a influência da

pornografia acentuou essa concepção, associando aos homens que têm desejos por outros homens a recorrerem a filmes pornô. A busca por homens que procuram um modelo ideal de masculinidade e buscam um relacionamento nessa perspectiva, ao mesmo tempo, invalida as outras expressões, o que fortalece um modelo vigente que, até hoje, nos mostra a manutenção desse modelo. Segundo Baydoun (2017), essas características estão embasadas em um modelo predominante e que deprecia os outros tipos de expressão, porte físico ou estilo de vida.

Isso alimentou, entre os homens que buscam por relações homodesejantes, a concepção de um homem perfeito baseada na imagem de um ator pornô: um homem musculoso, macho (se enquadra perfeitamente no padrão hegemônico de masculinidade) dotado, safado e liso (sem pelos), associando, muitas vezes, de forma normativa, as relações peno-anais receptivas à branquitude e as relações peno-anais insertivas à negritude (BAYDOUN, 2017, p. 67).

Courtine (2013) aponta, como pontos do poder viril, a firmeza, a força física e a potência sexual. Na minha pesquisa de campo, o reforço desse modelo confirmou, ainda mais, a preferência por características mais parecidas com a masculina; a imagem, a beleza e corpo são elementos que são propagados na questão da virilidade e disseminados no universo *gay*. Desse modo, a masculinidade apresenta uma fragilidade, uma resistência no sentido de uma reinvenção, como vimos até então. Por isso, o preconceito estancou os homens que se relacionam com outros homens; sendo uma forma com que os sujeitos negociaram suas identidades, eles estão nesse contexto e não querem ser revelados, pois eles são anônimos, eles estão sem rosto (mula sem cabeça) e até sem identidade. E quando estes estão lá de “cara limpa”, assumidos, precisam saber qual o papel que será definido por eles, quando estes já assumem um papel, na questão da hierarquização entre “machos” e “bichas”, atrelada aos espaços públicos, privados, *off-line* e *on-line*, como no *Grindr*, ambiente cercado desse modelo hegemônico.

3.2 As identidades no *Grindr* e as suas negociações

A discussão trazida anteriormente sobre o modo que os homens estão em sigilo em um aplicativo, por exemplo, faz parte da construção de uma identidade. Estes, para não serem “rotulados” como homossexuais, usam dessas identidades para permanecerem “nos armários” (SEDWICK, 1990) e negociam as suas práticas e desejos. Dependendo da situação, eles ativam essa identidade e depois adormecem – em constante negociação. As concepções de uma

identidade são definidas como múltipla e multifacetadas. É uma questão subjetiva, que parte de escolhas individuais.

Stuart Hall (1997) assinala três concepções de identidades: a) sujeito do iluminismo; b) sujeito sociológico; e c) sujeito pós-moderno. A noção de indivíduo, centrada na perspectiva do Iluminismo, era tida como fixa, pois, quando o sujeito nascia, já desenvolvia sua essência para ao longo de sua existência. A noção do sujeito sociológico traz as complexidades das relações pessoais de um mundo moderno, mediado por valores, sentidos e símbolos sociais. Hall traz a noção do sujeito que exhibe diferentes identidades, em momentos distintos. Ela é formada pelas relações com que somos representados ou interpelados em/por um sistema cultural.

Assim, temos que as identidades são dinâmicas e fazem parte das características do indivíduo imerso numa categoria social. Bauman (2001) acrescenta que a liquidez marcou um novo tempo, já que os movimentos são fluídos, rápidos e em constante transformação, o que fez que a identidade também seguisse esse mesmo caminho de experiência e construção. Livia Nóbrega (2010) faz uma metáfora com um baile de máscaras ao falar de identidade. Para ela, as pessoas experimentam traços de suas identidades como trocam de roupas, e disserta que a mídia apresenta diversas possibilidades e modelos aos sujeitos. Nóbrega ainda acrescenta que identidades passaram a ser condicionadas também a partir do lazer, da imagem, da aparência e do consumo.

A partir dessa concepção, acrescento a visão de Vieira (2013), que traz, em sua tese, a construção das identidades de jovens, a partir das redes sociais da internet. Ela discute sobre esses sujeitos e afirma que o subjetivo e jogo de interesse faz parte dessa (des)construção da identidade, pois, em cada espaço, envolve finalidades e dependem das relações que são estabelecidas. Ela diz que “as redes sociais da internet se configuram em territórios de espaços praticados, podem convergir interesses e propósitos diversos” (VIEIRA, 2013, p. 189). Esses espaços são cenários amplos, plurais, que os sujeitos escolhem quem desejam ser naquele ambiente. Vale frisar que, no *Grindr*, os sujeitos escolhem suas identidades a partir da sua condição. Quem é “assumido” *gay* costuma colocar a foto do seu rosto, como prova de que é assumido para o mundo ou não.

Para Malhadinho33, essa foi a condição que o deixou mais confortável para estar ali. Com uma carreira musical em andamento, o interlocutor entendeu que a exposição total da sua imagem seria agressiva demais para os alunos e conhecidos do seu trabalho, que o encontrassem naquela condição. Para Papai21, o agenciamento aconteceu da mesma forma: por ser ativista LGBTI, o interlocutor afirmou que algumas pessoas não entendem o motivo de estar usando o

aplicativo, porém, para ele, estar em um ambiente que fala das causas dessa comunidade é importante. Papai21 confessou que às vezes está lá mais para observar do que interagir.

Na observação participante que realizei ao usar o aplicativo, as pessoas preenchem seu perfil e, no nome de exibição, costumam discriminar seu interesse naquele momento. Quando entrei no *Grindr*, como pesquisador, tinha um objetivo experimental e social para estar ali e que deixei esclarecido a todos que vieram a interagir comigo na ocasião. Hall (1997, p. 13) fala que o “sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente”. As inconstâncias de informações são presentes, o anonimato está em conjunto com o sigilo, ambos caminham juntos e são ativadas de acordo com a necessidade, ou sejam, os sujeitos podem estar assumindo identidades distintas que não condizem com ele quando agenciam as suas práticas.

A questão das redes sociais digitais faz refletir acerca das identidades e sociabilidades estabelecidas, já que os sujeitos operacionalizam esse movimento de trocas simbólicas. Nas concepções de Grant McCracken (2003), os indivíduos constroem significados do mundo em que vivem. Os *gays*, por exemplo, desenvolvem significados a partir de regras sociais e da condição de estarem à margem da norma hétero, o que se reflete em diferentes meios. As redes sociais afirmam essa questão identitária, o “eu” fica na centralidade da rede. Apesar da lógica de descentralização da comunicação, com a liberdade de fala e expressão, esses espaços, simultaneamente, tornaram-se ambientes de tensão e experiência de si, daí as negociações das facetas nessas redes.

Esses lugares construídos, mesmo enquanto espaços idealizados, para que a performance das identidades *gays* seja possibilitada, agenciam a forma com que os processos comunicacionais, relacionais e sociais dos indivíduos são passíveis de serem estabelecidos. Esses aplicativos de relacionamento *gay*, como o *Grindr*, tornam-se, assim, cenários fecundos para atrair homens que expressam seus gêneros de diferentes maneiras e, conseqüentemente, se identificam com o objetivo do aplicativo. A exposição íntima e os segredos estão em uma via de mão dupla, um “armário para dois” (MISKOLCI, 2013, p. 312). O que acontece é que o desejo ali pautado é eixo de negociação entre o sujeito e a sociedade e, dessa forma, atribui as discussões políticas sobre o papel da sexualidade em ordem social (MISKOLCI, 2007). As tecnologias modificam, então, não apenas a forma de flertar, mas as próprias relações entre os sujeitos.

As tecnologias comunicacionais do presente nos transformaram como seres desejantes, estenderam a nós novos horizontes aspiracionais marcados por

expectativas e ideias muito diferentes dos que moldavam as vidas sexuais e amorosas construída predominante face a face (MISKOLCI, 2007, p.71).

Mesmo com fluxos sociais reconfigurando-se nos espaços urbanos, o segredo ainda é permeado através desses espaços. Felipe Padilha (2015) disserta sobre esse segredo, que está ligado ao acesso da mobilidade interurbana, localização geográfica, estilo de vida, educação, renda e profissão. Ele mostra que os códigos para o desejo homoerótico são sinônimos de anonimato e liberdade porque, nesses espaços, podem se expressar. Antes, os guetos, banheiros, boates, lugares sombrios e noturnos eram pontos de encontros para haver uma sociabilização entre si. Com o advento da tecnologia e da Internet, esses espaços desdobraram-se para os aplicativos.

3.2.1 Imagens, corpos e seus encantamentos

A prática do segredo, do insinuar, do dito e do não dito são perceptíveis de diversas maneiras. Ao observar alguns perfis no aplicativo, poucas imagens são usadas. Quando usadas, as fotos têm um enquadramento misterioso. Os planos da foto são fechados e suas informações são ocultadas. Esta prática acontece em outros aplicativos com o mesmo objetivo, pois a face pode ser reconhecida. Sibilia nos lembra que, ao “performar suas personalidades e encenar suas vidas na visibilidade das telas interconectadas” (SIBILIA, 2016, p. 31), esses sujeitos narram suas histórias e escolhem a melhor maneira para se apresentar nesse espetáculo, mediado pelos dispositivos digitais para outros perfis, uma visão que a teoria de Goffman (1983) nos proporciona a partir das interações face a face. Percebo que esses processos, aliados à identidade, estão atravessados na questão de gênero, assim como as outras perspectivas a seguir neste trabalho.

As interações nos aplicativos dialogam com práticas imagéticas também nas perspectivas estéticas e visuais, tendo em vista os discursos culturais e sociais. Mas, afinal, por que essas perspectivas existem? Baitello Júnior (2007) explica que, a partir do pensamento ecológico, houve a construção da cultura humana, já que o planeta passou ser dominado por nós; assim, “as imagens existem porque existem os homens” (SILVA; LONDERO, 2015, p. 15). Para ele, o mundo das imagens poderia ser definido como cultura, afinal o mundo imaginário é o mundo das imagens. Na mitologia, a figura de Narciso, um jovem caçador – associada à fascinação da imagem e atribuída como símbolo à vaidade –, é condenado por se

apaixonar pela própria imagem. Afinal, tudo que criamos é imagem e esse mundo nós que criamos, onde há a relação do indivíduo com a imagem.

Michel Maffesoli (2001), em análise sobre a cultura e sobre o imaginário, aponta a primeira como um conjunto de fenômenos e o segundo como um estado de espírito que alimenta a cultura por meio de uma interação. Podemos metaforizar que as câmeras dos *smartphones* fazem parte de uma cultura e que o que está instalado dentro dele faz parte desse estado que carrega a construção da sociedade, já que constrói um imaginário cultural que rega nosso senso estético existente, assim como os mitos, as lendas, a história, a religião, entre tantas outras criações humana.

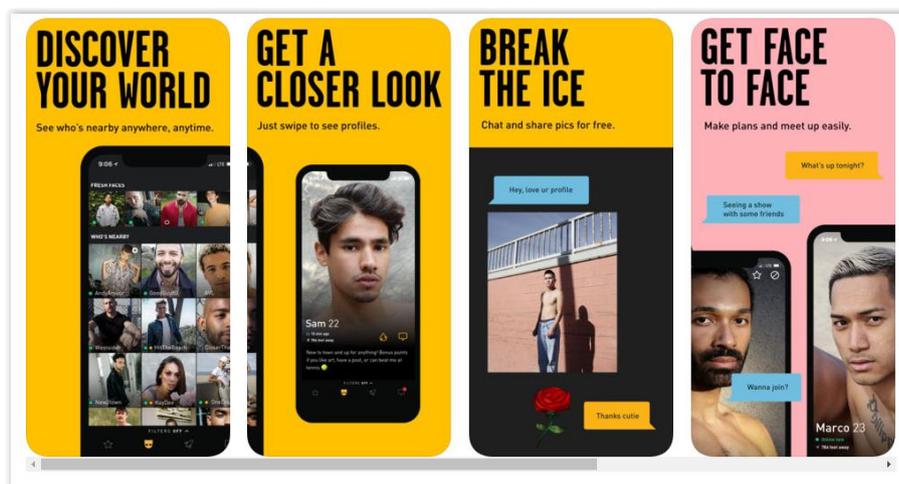
Jacques Aumont (2012) parte do pressuposto de que o imaginário se dá do visível ao visual. Esta imagem pode ser definida por conta das relações que são construídas, veiculadas ao simbolismo, que carrega um significado. Fredric Jameson (1996) fala sobre uma sociedade da imagem e enfatiza como a linguagem midiática alterou os modos de vidas, atrelada aos processos de industrialização e urbanização. Para ele, a predominância da imagem prevalece nos estudos culturais contemporâneos, quando retrata as situações cotidianas centradas no visual e na visibilidade, o que proporciona ao ser humano experiências em diferentes épocas. O que faz pensar nessas transformações ocorridas, no que chamo, inicialmente, neste trabalho como o “mundo das telas”.

Nesse mundo, expandido com o digital, as imagens são perfeitas e evidenciam um alto conceito em publicidades, propagandas, nas televisões, nos *smartphones*. As imagens transformam o mundo, a nossa identidade, além da realidade social. Nicholas Mirzoeff (1999) aponta que a cultura visual é entender o mundo por meio das imagens e visualizações. Neste ponto, faço um resgate da visão de Hall (1997) ao falar que, apesar das pessoas estarem imersas em uma mesma cultura, elas não se expressam e interpretam de forma semelhante, ou seja, a experiência visual depende também da experiência do cotidiano e do indivíduo.

A partir da internet e das tecnologias, estamos mais expostos a essas experiências visuais; o poder de penetração das imagens está atrelado a uma realidade virtual, mas não desassociada do real. No universo dos aplicativos, estes se anunciam visualmente como diferentes e proporcionam uma nova experiência. No *Grindr*, as imagens se comportam como um *status* de visibilidade e isso proporciona que seus usuários queiram enxergar esses Outros e suas imagens. A forma com que o aplicativo se vende, por meio das suas propagandas na *web*, já é baseada em forte apelo imagético. Na figura 14, podemos ver como funciona esse elemento visual: nos quatro quadros, as imagens complementam as situações estabelecidas com os títulos que sustentam esse contexto. Nessa situação, faço como amparo as contribuições de Flusser

(2009, p. 9) ao afirmar que o “homem, ao invés de se servir das imagens em função do mundo, passa a viver em função das imagens”.

Figura 14 - Divulgação do aplicativo.



Fonte: *Grindr* (on-line).

A partir da figura acima, temos, no primeiro quadro, todos os perfis que estão na página principal do aplicativo, a qual carrega diversas imagens, sustentada pelo título *Discover your world – See who's nearby anywhere, anytime* (Descubra seu mundo - Veja quem está por perto em qualquer lugar, qualquer hora.), ou seja, o mundo é o *Grindr* a todo momento e a toda hora. No segundo quadro, apresenta-se uma situação de detalhar mais quem está interessado, com o título *Get a closer look – Just swipe to see profiles* (Veja mais de perto – Deslize para ver os perfis). No terceiro, o contexto é uma conversa individual, na qual uma imagem é compartilhada e o título reforça a situação: *Break the ice – Chat and share pics for free* (Quebre o gelo – Mensagem e fotos compartilhadas gratuitamente). E, no quarto quadro, mostra-se uma situação final, depois desse ritual, que é a de se encontrar, com o título *Get face to face – Make plan and meet up easily* (Fique cara a cara – Faça planos e se encontre facilmente). Como bem destacou Jameson (1996), a mídia transformou o modo de viver de uma sociedade. Para Barbie23, “o *Grindr* apresenta essas qualidades corporais ou aspectos que vão fazer o outro te procurar”. As imagens, muitas vezes, estão atreladas ao corpo, o que confirma o que Baitello Júnior (2007, p. 80) diz, uma vez que, nesse momento, “existe uma inversão perversa do ambiente cultural sobre o ambiente natural, ou seja, das imagens sobre os corpos”.

Mowlabocus (2010) nos fala ainda que essas mídias, voltadas para o público *gay*, constroem identificações em um espaço homossexual, com imagens positivas sobre a homossexualidade. O aplicativo *Grindr* apresenta uma diversidade de expressões masculinas,

mas podemos questionar até que ponto as imagens compreendem outros corpos, uma vez que os anúncios do aplicativo, em sua maioria, reforçam uma hegemonia pautada em homens branco, loiros, olhos claros, musculosos – padrão estadunidense? Sobre isso, Miskolci (2015, p. 69) destaca que “o uso de aplicativos de busca de parceiros, por serem fortemente centrados na imagem, incentivam e se associam a práticas corporais como a musculação ou a corporificação de tipos eróticos criados pela indústria pornográfica”.

Iara Beleli (2015) definiu como “Império das imagens” o ato de se mostrar nos perfis *on-line* como uma medida que envolve formas lúdicas nas buscas e nas interações, fazendo jogos de sedução. Ao conhecer alguém novo, iniciar uma conversa, trocar informações, fotos etc., a pessoa que está usando o aplicativo agencia as formas de prazer por relações fluidas, fazendo as manutenções necessárias a partir dos seus desejos. Esses *desejos digitais*

se inserem em uma economia do desejo que envolve regulações de gênero que entrelaçam fantasias culturais espalhadas midiaticamente/comercialmente e o desejo de literalizá-las, corporificá-las, performatizá-las em um exercício contínuo que envolve novas tecnologias comunicacionais e corporais. Como apontado por vários pesquisadores e pesquisadoras (Baym, 2010; Castells, 2011; Nicolacida-Costa, 2002), há evidências históricas de que transformações tecnológicas surgem para atender às demandas existentes, mas essas mesmas tecnologias passam a transformar os sujeitos que as usam assim como suas práticas (MISKOLCI, 2016, p. 214).

A partir disso, percebo como essas práticas são negociadas por intermédio de imagens e, a partir dessas imagens, interpretações e julgamentos são realizados. Uma estratégia adquirida por Barbie23 foi a de não colocar a sua foto no perfil, para não ser julgado pelo rosto e pela sua imagem. Para ele, o *Grindr* dá margens para outras situações, que não são relacionadas ao sexo. Ele diz que as pessoas podem se “encantar com uma postura, com o molde do corpo, quando elas dão essa liberdade de querer saber quem é o fulano, essa conversava às cegas, eu sei lá, abre mais precedentes além do sexo”.

Apesar dessa preocupação do relato acima, o que realmente acontece, aparentemente, é o inverso. O próprio *app* demarca isso nas opções de fotos e, ao criar o perfil, já induz ao uso de uma imagem, ou seja, em um primeiro momento o indivíduo constrói, performativamente, a imagem de si e do jeito com que deseja ser visto. A imagem visual tem uma força considerável como captura profunda (BAITELLO JÚNIOR, 2007).

Ao longo da primeira semana em que eu estive presente no aplicativo, pude perceber que, pelo meu perfil, sem imagem e sem informações, não fazia muita diferença se eu estivesse lá naquele espaço ou não. Um perfil sem nenhuma informação não se torna atraente e foi essa

a primeira estratégia utilizada durante o uso do aplicativo, para entender esse crescimento de vínculos empregados. Fiquei, durante sete dias, sem nenhuma informação no perfil. Os contatos que tive foram mínimos. Os motivos, não sei. Talvez pelo mistério proposto por alguém que estava próximo, às vezes. Isso é bem quisto, já que a geolocalização é uma das características principais para o *app* ser criado. Vemos o gradativo desses dados só aumentando, quando cada parte do corpo era exposta. Para Miskolci (2018), a experiência de conhecer alguém intimamente, ao ver o corpo nu e interagir sexualmente, é mais usual do que saber o nome ou conhecer alguém pessoalmente. E isso faz parte de uma norma que se faz cada mais imperativa: o corpo perfeito.

Mas em qual medida uma imagem pode configurar um corpo? Segundo a antropóloga Sonia Maluf (2001), o corpo está em cena e existe uma simbiose entre o corpo e a imagem. Cabe reforçar, aqui, que as questões centradas neste trabalho se dão a partir de aspectos culturais. Existe uma produção simbólica atrelada pela cultura e o corpo faz parte desse processo. Vale ressaltar que esta perspectiva sobre o corpo o envolve “como produtor de regras e valores culturais” (MALUF, 2001, p. 89).

Nesse processo, Baitello (2000) aponta como as imagens modelam os corpos, servindo como uma representação para que mais imagens sejam replicadas. Ele conceitua esse processo como *iconofagia*, em fases que dependem uma da outra: a) imagens devoram imagens; b) homens devoram imagens; c) imagens devoram corpos. Assim, continua, “o mundo das imagens iconofágicas possui uma dimensão abismal. Por trás de uma imagem haverá sempre uma outra imagem que também remeterá a outras imagens” (BAITELLO JUNIOR, 2000). Isto é, em um contexto contemporâneo, as imagens reconfiguram os corpos, que alimentam mais imagens e vice-versa.

Essas imagens constroem identidades e constituem os sujeitos. Maluf (2001) disserta sobre as identidades urbanas, envolvendo grupos de jovens que configuram uma mesma estética corporal. Existem, também, fenômenos sociais diferentes, que centralizam a experiência do corpo. Em correlação com esse pensamento, destaco como a indústria pornográfica *gay* retrata um discurso que traz códigos de identificação para esses sujeitos. O corpo, nessa questão, passa a “ser agente e sujeito da experiência individual e coletiva, veículo e produtor de significados, instrumento e motor de constituição de novas subjetividades e novas formas do sujeito” (MALUF, 2001, p. 96). Isto é, eleva a operação de identificação e transporta os corpos, nesse cenário, como legíveis a partir desse universo pornográfico. Aqui registro também uma crítica, já que nesses contextos são predominantes as imagens e as estéticas de homens viris.

Nessa compreensão e contrapondo à indústria em questão, Butler (1993) debruça-se, na obra *Bodies that matter*, acerca da noção dos corpos abjetos. Segundo a autora, existem corpos que significam, que estão conforme, e outros que não, no viés heterossexual. Os primeiros são aqueles que prevalecem e se materializam a partir dos parâmetros binômios. Os corpos que não importam no regime normativo são excluídos, estão fora do aceitável, da regra. A partir disso, os corpos que reproduzem, mesmo no cenário *gay*, a heteronormatividade, são aceitos em partes dentro desse universo, visto que, na indústria pornográfica, esses corpos se tornaram padrão e aceitáveis dentro da sociedade.

Elegante²⁶ indagou sobre as promiscuidades atreladas ao universo LGBT, como o fato do falocentrismo. O interlocutor destacou que isso gera outros debates, como hipersexualização do corpo negro, do corpo afeminado e do dito corpo padrão ocidental, tão venerado e desejado. Então, o que se torna importante para esses homens são só os corpos e seus órgãos? Sibilia, em análise à importância e à exposição dos sujeitos e dos seus corpos, questiona-se que “em pleno auge do ‘culto ao corpo’, o que é exatamente isso que tanto veneramos?” (SIBILIA, 2012, p. 102). Na mitologia, Hércules era o símbolo da masculinidade e, hoje, qual o corpo ou quais os corpos são venerados? A autora exclama que esse corpo-imagem é vendido em caixa de “boa-saúde”, comprado nos pacotes das academias, nas dietas, nas novelas, nos filmes, dentre outros. O setor econômico, aliado a essa estética do corpo moderno, envolve o cenário econômico crescente, dessa forma a produção do corpo-imagem é benéfica.

Sibilia (2012) coloca em questão essa veneração dos corpos e fala sobre uma nova configuração de um corpo insano, ao criticar os mais variados corpos aceitos, mas que, em tese, são vazios por dentro, ou vivem à base de substâncias, ou são desenhados a partir da publicidade ou remodelados em cirurgias. Quando a pesquisadora pontua sobre ser um corpo vazio, recordo-me da conversa com Malhadinho³³, que expôs os seus gostos no *Grindr*. O interlocutor afirmou que olhava para os corpos sim, mas como uma prática de costume, e que não priorizava essa questão como principal. Para ele,

[...] é claro que tem caras bonitos que são um conjunto completo, mas, a grande parte, elas estão um espelho no seu corpo para superar coisas psicológicas, da sua autoestima, e tem uma oportunidade de ter um corpo razoável e vai investir naquilo pra suprir coisas. Problemas pessoais e vai pro corpo, vai trabalhar pra se sentir melhor, confiante, o máximo, desejado. Então, o meu desejo não vem totalmente do corpo. O que a pessoa tem dentro de si, mas às vezes não sabem agir com o outro por serem boas de mais, não sabem lidar com relacionamentos. Tive experiências com pessoas que não estavam no padrão.

Aqui podemos resgatar a lógica narcísica de tantos lugares, que reforçam um corpo totalmente hegemônico e venerado. Os fatores sociais e psicológicos estão alinhados nessas questões, mas são situações que fazem refletir e que, talvez, nunca possamos responder, na sua totalidade. A confissão de Barbie23 complementa essa discussão, ao relatar que teve relacionamentos diferentes com pessoas e que não fazia seleção para escolher alguém para conversar no *Grindr*, apenas pela imagem. Em contraponto, destacou que, para ele, o seu corpo precisa estar em forma, porque faz bem para sua autoestima. Ele percebeu as mudanças pela forma com que a sua transição foi mais aceita no aplicativo.

Sim, quando eu comecei a usar o aplicativo eu tinha um corpo X, eu pesava 85kgs, eu tenho um metro e oitenta, então estava um pouquinho acima da massa corporal e eu era mais relaxado, então não era tão habituado a práticas. Eu vim de uma transição extremamente magra e extremamente gorda, aí, quando eu fiquei gordo, foi quando a gente começa a perceber mais essas questões de quando você começa a sofrer algumas rejeições. Aí, você percebe que a pessoa não se agrada com aquilo. Entre dez, talvez um, e não é certo esse um. Começa a ter essas barreiras “ah, não, é muito gordo, muito desengonçado”, e você começa a ver esse preconceito. Então, você quer perder aquilo que faz com que as pessoas possam ser atraídas. Então eu me sentia assim na época. Então, quando eu comecei a ir em uma atividade mais física, quando eu percebi que eu fiquei mais magro, eu fiquei com um corpo mais definido, as pessoas começaram a se atrair, e como eu acho que eu sou carente de atenção, então eu vou buscar esse lado. Sou canceriano, então esse lado mais sentimental me afeta, por mais que, aparentemente, parece que não, mas, intuitivamente, afeta sim. Isso é uma questão de autoestima. Eu fico buscando essa versão atlética. Agora não tanto pra agradar, porque, quando tu chega em um ponto que você agrada uma grande quantidade, tanto faz pra você.

Continuando a análise acerca da importância da estética dos corpos nas interações sociais, sobretudo naquelas realizadas no *Grindr*. Butler (2002) analisa que os corpos abjetos também o são assim julgados quando envolvem questões sobre, se uma pessoa é considerada gorda, velha, afeminada, etc., tem seus corpos desvalorizados, ou seja, essa norma “nega e rechaça o sujeito, mas ainda incide constituindo-o” (BUTLER, 2002, p. 270), uma vez que, na mídia, os corpos aspirantes são saudáveis, masculinos e normais, afeitos a exercícios físicos. Nesse caso, quero pontuar os sentimentos causados a partir dessa construção do corpo, no decorrer dessa pesquisa.

Na análise de dados para a presente pesquisa, realizei, no aplicativo *Grindr*, no período de 27 de julho de 2019 até o dia 22 de agosto de 2019, um levantamento quantitativo, minerado manualmente. O resultado dessa catalogação contabilizou 485 perfis, divididos em dois (2) principais grupos: a) mensagens; e b) *taps*. Nesses agrupamentos, obtive 219 mensagens e 266 *taps*, lembrando que os *taps* têm, como objetivo, mostrar o interesse em outra pessoa, ou seja,

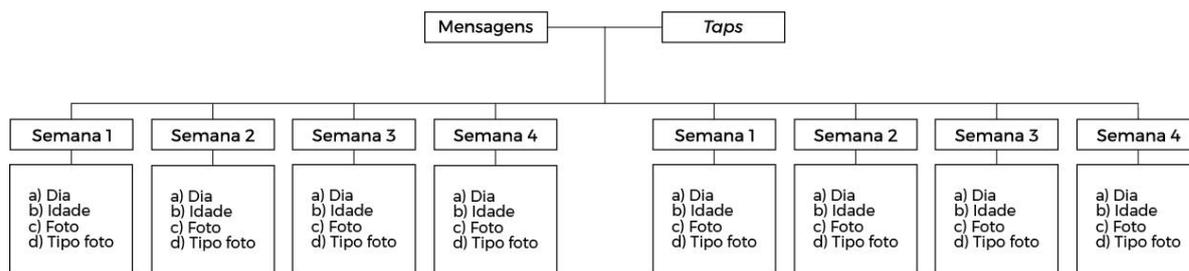
“quebrar o gelo”, e as mensagens podem ser complemento desse vínculo a partir dos *taps* – ou não – por meio de mensagens instantâneas, fotos, áudios, vídeo, localização, dentre outros. Para não obter dados interseccionais, nesses dois grupos, 21 perfis estiveram nos dois ambientes, ou seja, repetiram-se, fazendo com que estes fossem desconsiderados da contagem nas categorias focadas em idade, imagem e tipo de imagem. Por conta disso, nestas categorias, 464 perfis passaram a ser o total de perfis analisados, divididos (pelos dois grupos) e tabulados em um documento próprio, contendo as informações principais, que saltaram durante as minhas percepções, durante a observação, as entrevistas e as teorias.

Dentro desses dois grupos, subdividi os dados em quatro (4) semanas, o total de semanas nas quais o levantamento aconteceu. Esses grupos, divididos em mensagens e *taps*, posteriormente, divididos por semanas, foram agrupados em quatro (4) categorias: Categoria A: dias da semana; Categoria B: idade; Categoria C: imagem; e Categoria D: tipo de imagem. Dentro disso, as categorias se subcategorizaram, em virtude das diferentes opções para a análise. A categoria A apresentou variáveis do dia 31/07 até 22/08 – todos os dias foram analisados. Na categoria B, as idades variam de 18 anos até 49 anos. Na categoria C, as opções foram “sim” ou “não”. Na categoria D, as opções foram: a) rosto; b) corpo; c) corpo e rosto; e d) neutra¹⁶¹. Dentre essas categorias, o tipo de imagem mostrou uma variedade de corpos, porte físico e tribos¹⁶². A intenção destas categorias foi delinear os dados coletados, para dialogar com o universo dos interlocutores e a questão teórica que norteou a pesquisa, em virtude da empiria. Para melhor visualização, segue abaixo organograma, para facilitar a visualização e a separação dessas categorias e suas variáveis.

¹⁶¹ As fotos consideradas neutras remetiam a situações desviantes do corpo e do rosto, como paisagem, desenhos, símbolos e afins.

¹⁶² Tribos não foram analisadas nesta observação por não se tratar do foco do levantamento realizado.

Figura 15 - Organograma de organização para contabilização de dados.



Fonte: Elaborada pelo autor.

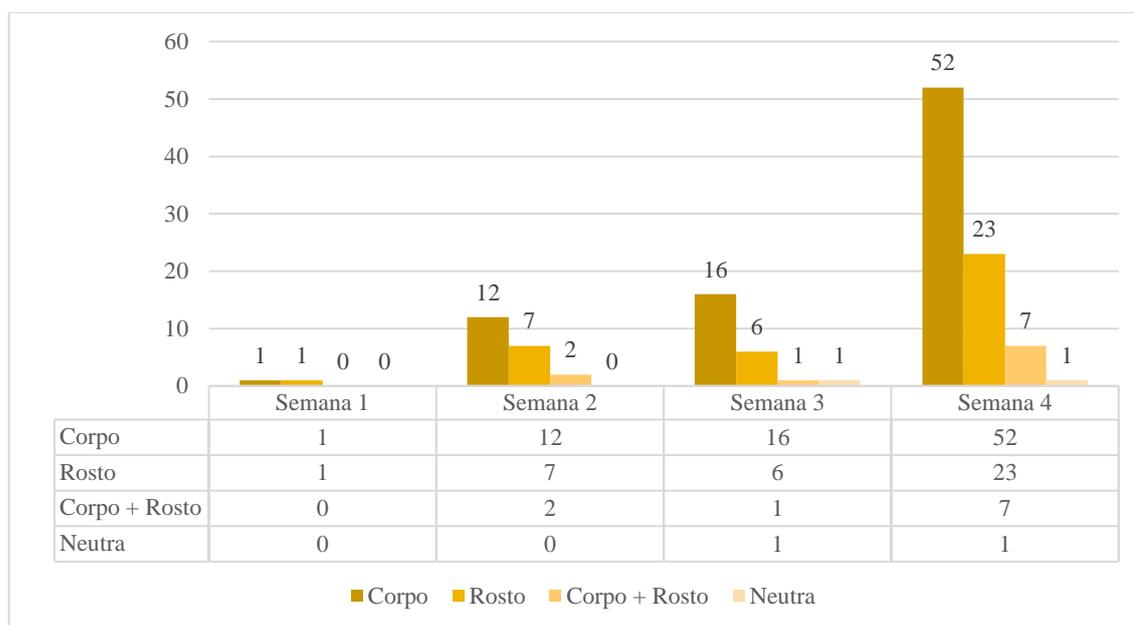
Durante as quatro semanas, três imagens distintas foram usadas no perfil do *Grindr* que criei para o estudo: na primeira semana não houve nenhuma foto adicionada; na segunda semana foi usada uma foto pessoal do ombro; já na terceira semana as pernas e os pés compunham a imagem; e, na quarta semana, a imagem usada teve um enquadramento focado no corpo. Nessa contagem primária, contabilizei os já referidos perfis, o que trouxe os seguintes dados: a) Semana 1: 2 mensagens e 6 *taps*, total de 8 perfis que interagiram; b) Semana 2: 23 mensagens e 48 *taps*, total de 71 perfis que interagiram; c) Semana 3: 35 mensagens e 56 *taps*, total de 485 perfis que interagiram; d) Semana 4: 159 mensagens e 156 *taps*, total de 315 perfis que interagiram. Os dados mostram um crescimento de mais 6.000% comparando a primeira semana e a última semana; esses dados reforçam o que Sibilia afirma sobre um “culto ao corpo”, dado o aumento gradativo de interações conforme eu disponibilizava mais fotos no aplicativo¹⁶³.

Logo após essa amostragem, contabilizei os perfis que se repetiam nos dois ambientes (21 perfis) e que foram excluídos, totalizando 464 perfis. As contagens dos perfis que foram feitas a partir da categoria “idade” resultaram em variáveis de 18 anos a 49 anos; foram agrupadas a partir de grupos de idade, classificação oficial do IBGE¹⁶⁴: 18 – 24 anos; 25 – 39 anos e 40 ou mais. Na categoria “imagem”, 188 perfis não apresentavam fotos, fazendo com que estes fossem, também, excluídos para contabilizar e analisar na categoria de tipos de imagem, ou seja, para esse momento, foram considerados 276 perfis (perfis que tinham imagem) possíveis de classificar na próxima categoria, de tipo de imagem. Para esta categoria, foram mescladas as categorias de idade e tipo de corpo, o que contabilizou nos resultados que analiso a seguir.

¹⁶³ Dados presentes no gráfico 1, apresentado no capítulo 1, página 59.

¹⁶⁴ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

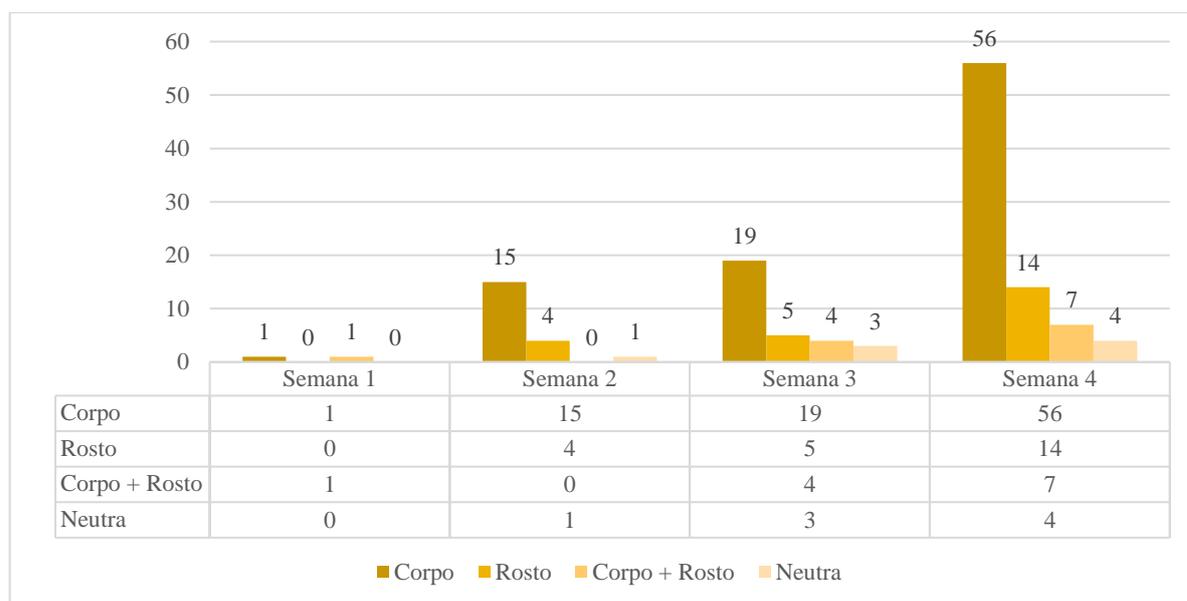
Gráfico 2 - Tipos de foto por grupo (18-24 anos).



Fonte: Elaborado pelo autor.

No levantamento que realizei no *Grindr*, envolvendo jovens de 18-24 anos, 130 perfis (de um total de 276 perfis com fotos) usam algum tipo de imagem, sendo que 62,3% colocam foto de corpo, aproximadamente; 28,4% colocam imagem do rosto; 7,6% de corpo e rosto e 1,5% de imagens neutras (Gráfico 2). Isto mostra como os usuários, em sua maioria, ainda prezam pelo sigilo e discrição, mas usam de uma compreensão narcísica corporal para admirarem as outras performances. Essas decisões podem ser motivadas por diversas situações. No caso de Nerd25, o objetivo apontado era o de transar, o que foi pontuado várias vezes na fala do interlocutor. Ele não coloca foto ou, quando coloca, do pescoço para baixo. Sendo assim, para ele, a foto de rosto é a última opção. O corpo se mostrou como uma prioridade, ao que agregou: “todas as pessoas que me agradavam, eu abria a conversa e já mandava uma foto de corpo na conversa pra pessoa ver quem eu era e aí a pessoa respondia”. Acontecem assim as negociações entre os usuários, suas imagens e intencionalidades. Simultaneamente, alguns interlocutores pontuaram o desejo, a curiosidade e um certo fetiche na busca pela descoberta da face (GOFFMAN, 2011), para o caso dos perfis sem foto.

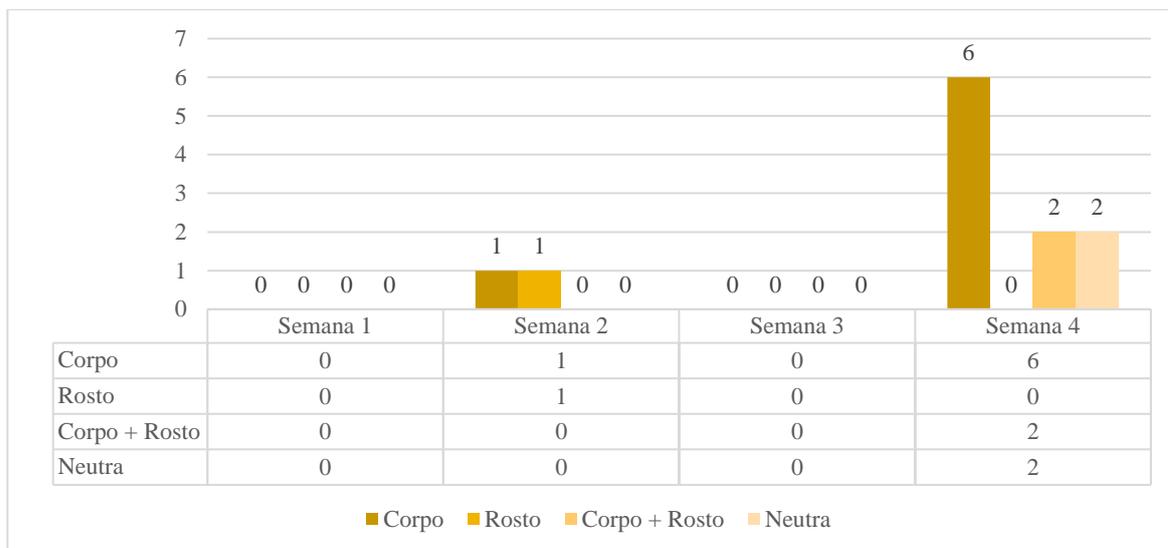
Gráfico 3 - Tipos de foto por grupo (25-39 anos).



Fonte: Elaborado pelo autor.

Ao longo do mesmo levantamento de pesquisa que realizei com 276 perfis com fotos no *Grindr*, pude constatar que, entre os usuários de 25-39 anos, 134 perfis usavam algum tipo de imagem, sendo 67,9% usando foto de corpo; 17,1% colocam imagem do rosto; 8,9%, de corpo e rosto; e 5,9%, de imagens neutras (Gráfico 3). Neste grupo, houve uma diminuição da porcentagem de perfis que possuem fotos de rosto, quando comparados com os perfis de 18-24 anos. Isso pode demonstrar o que Miskolci (2012) pontua acerca dos sujeitos de determinadas gerações, que ainda vivem em sigilo sobre suas orientações sexuais. A fim de preservarem a identidade e se livrarem de discriminações surgidas, esses usuários optam também por colocar fotos de animais, objetos e paisagens.

Gráfico 4 - Tipos de foto por grupo (40 anos ou +).



Fonte: Elaborado pelo autor.

Em análise do grupo se sujeitos de 40 anos ou mais, 12 perfis, dos 276 analisados com fotos no *Grindr*, usavam algum tipo de imagem, sendo 58,3% usando foto de corpo; 0% colocam imagem do rosto; 16,6%, de corpo e rosto; e 16,6%, de imagens neutras. Em comparação com as outras faixas etárias analisadas, percebo uma queda significativa nas fotos de rosto. Houve também um aumento das fotos de partes do corpo e do rosto, bem como aumento no quesito imagens neutras. Podemos deduzir que essas imagens façam parte de um regime de invisibilidade ou de relativo segredo, sigilo, apagamento, que pode ser tanto intencional quanto por pressões de controles sociais, seja pela questão da orientação sexual, quanto pela estima por imagens de corpos e rostos jovens. Resgato as compreensões de Kimmel (1998) para entender sobre esses afastamentos por conta da masculinidade. O autor destaca o processo da masculinidade variante de uma cultura para outra cultura, que varia em um período de tempo, por conta de conjunto de variáveis, outros potenciais de identidade e no decorrer da vida. Além disso, Kimmel compreende que esse processo é construído por dois campos que estão relacionados: o campo das relações entre homens e mulheres e de homens com outros homens, trazendo com isso uma construção social atrelada ao sexismo e também à homofobia.

A partir dos apontamentos anteriores, percebo como o corpo está acompanhado pela ideia da beleza e como essa questão esteve presente nas falas e nas experiências dos interlocutores. A beleza constitui, também, uma estética de vigilância e controle social. Hoje é a perfeição, sem marcas, sem machas, sem sinais e traços de um tempo vivido, que é almejada

na exibição de corpos editados exaustivamente em *Photoshop*¹⁶⁵. Além do corpo, diversos elementos são estratégicos para o alcance dessa beleza em um processo que é tanto cultural quanto social e político. Este pensamento está alinhado às contribuições de Sibilia (2014, 2004; 2002), quem disserta sobre a moral da pele lisa atrelada à censura midiática da velhice.

O corpo perfeito e a pele são atribuídos pelo culto de uma juventude, visto que “a velhice é censurada como se fosse algo obsceno e vergonhoso, que deveria permanecer oculto, fora da cena, sem ambicionar a tão cotada visibilidade” (SIBILIA, 2014, p. 97). O padrão da beleza é visto como uma censura ao corpo, quando estes não se encaixam nos “mandamentos” imagéticos. “Assim, a imagem de cada um passou a ser fundamental para definir quem se é, e os códigos midiáticos que regulam essas imagens estão longe de ser ‘livres’” (SIBILIA, 2012, p. 111). Sobre isso, destaco como a palavra “beleza” esteve presente na fala dos interlocutores. Ainda que argumentassem que não possuíam uma definição teórica para a palavra, apresentavam marcações nas falas que enfatizam esses códigos midiáticos e reforçavam os seus gostos e desejos. Ao perguntar o que seria essa beleza, Nerd25 pontuou que seriam as pessoas agradáveis, então pressionei-o acerca do que seria isso. E ele respondeu o seguinte:

Bonita, gostosa. Gente bonita de rosto, gente com corpo legal. [*O que é ter um corpo legal?*] Ah, não sei, um corpo que chama atenção, que me atraia, eu não posso definir algo porque eu já fiquei com gente mais gordinha, já fiquei com gente fortinha, só não gosto de gente magrela, então eu não tenho características específicas e dizer que uma pessoa bonita é assim, assado ou cozido. Tem gente que eu não sinto atração e tem gente que eu sinto atração e isso é muito relativo. Não é nada de moreno, branco, ruivo....

Ao mesmo tempo em que ele diz que não tem características específicas, ele pontua, logo no início, palavras que validam o “agradável” para ele, como “bonita”, “gostosa”, “corpo legal”. A visualidade é uma das dimensões de maior apelo aos nossos sentidos, considerando “sentidos” relacionados à esfera da percepção, tanto como “sentir”, da ordem das sensações e sentimentos, quanto como “atribuir sentidos”, da ordem da construção de significados (MARQUES, MARTINO, 2015, p. 34-35). Essa atribuição de sentidos é percebida enquanto o *Grindr*, por exemplo, destaca o padrão quanto à beleza como construtor do discurso midiático sobre os corpos e as subjetividades. Observemos a figura 15, abaixo; ela atribui esses sentidos na construção de significados.

¹⁶⁵ *Software* caracterizado como editor de imagens, considerado líder no mercado de edição de imagem e manipulação.

Figura 16 - Divulgação do aplicativo *Grindr*.

Fonte: *Grindr (on-line)*.

Comparando os resultados, apresentados a partir do levantamento que fiz nos 276 perfis com fotos no *Grindr*, é possível constatar que as imagens corporais afirmam uma preferência nos perfis, principalmente, para o grupo de 25-39 anos (67%). O que mais pude perceber em relação a esses dados foi o recurso das imagens, mesmo as neutras, como estratégias de construções visuais de si, valorizando o corpo e o rosto, mas também gostos, motivações e vidas. Aqui, reflito sobre a percepção das máscaras sociais, que servem como identidades e estruturam um regime de visibilidade, acentuando o corpo como característica principal, porém que também podem levar a violências psíquicas aos que não conseguem se encaixar nos padrões convencionados.

A questão da hiperssexualização, especialmente do corpo negro, é escancarada pela indústria pornô e, quando não corresponde a esse padrão, é marginalizado. O interlocutor Malhadinho33, que se autodeclarou como negro, revelou que não identificou em alguém esse interesse por conta da sua cor, mas confessou que fez o processo inverso: o de identificar alguém por conta dos valores atribuídos às pessoas negras. Já Couro23, também negro, disse que percebe uma sexualização partindo de pessoas mais velhas, mas não soube explicar, na sua leitura, se isso tinha relação por conta da raça.

Eu sempre coloquei no perfil a altura, tipo físico e coloquei a etnia negro e aí os caras que chegaram eram muito variados, sempre negros e brancos, mas agora que tu tá falando, mas não se te dizer se foi pela cor. Mas a questão de uma maior sexualização sempre veio de caras mais velhos, independentemente de cor. Eles serem mais diretos e elogiarem fisicamente e tudo mais, de caras mais novos da minha idade, não teve muito isso, falando de conversa.

Apesar de não percebida, como pontuou Couro23, os indícios da hiperssexualização dos corpos estão presentes nesses aplicativos. O corpo é, assim, visto como um fetiche, é um corpo-sexual desejado. Nessa concepção, Maluf (2001) propõe uma discussão sobre os limites e as autonomias dados ao corpo. A autora destaca que, se as experiências sociais estão voltadas para a “fabricação do corpo”, que “fabrica cultura”, essas experiências também envolvem sujeitos. Por isso, analisar e falar sobre corpos é, também, pensar nos agenciadores desse processo.

A construção das imagens, o padrão da beleza e de gênero se cruzam, permitindo depreender daí as implicações dessa relação. Para pensarmos a partir dessas correlações, trago Naomi Wolf (1992), para quem a beleza é um instrumento político e econômico, de controle social¹⁶⁶. É necessário fazer a ressalva de que a autora analisa, em sua teoria, os modos de ação e os efeitos desse sistema de poder especificamente sobre as mulheres, mas aqui, trago alguns tensionamentos a partir da sua contribuição teórica, pensando os homens *gays*, público do aplicativo *Grindr*, como sujeitos que também se encontram sob um sistema de poder regulador heteronormativo.

Historicamente, a atratividade física era atribuída às mulheres. Wolf (1992, p. 7) destaca esses obstáculos legais que foram impostos para elas. Ela afirma que as mulheres não se sentem livres totalmente, “sentem vergonha de admitir que essas preocupações triviais — que se relacionam à aparência física, ao corpo, ao rosto, ao cabelo, às roupas — têm tanta importância”. Para os homens, a preocupação seria mínima, mas que homens são esses? A questão quanto à masculinidade posta não representa uma regra geral e objetiva para todos os homens, mas se constitui em um padrão para a masculinidade hegemônica heteronormativa. Malhadinho33 disse que os padrões heteronormativos não fazem parte do seu gosto. Ele afirma que os padrões de pessoas de que ele gosta não são os

¹⁶⁶ Naomi Wolf (1992) desenvolve uma profunda análise sobre o padrão de beleza, na sociedade contemporânea, compreendendo-o como uma forma de controle e dominação, que tem as mulheres como alvo principal. Para a autora, à medida que as mulheres foram adquirindo conquistas políticas, saindo da esfera da domesticidade, adentrando o mercado de trabalho, assumindo, aos poucos, algum grau de poder material, cresceram também os discursos e apelos quanto à beleza, mirando no corpo feminino, mas atingindo, não despropositadamente, a autoestima e a autoconfiança das mulheres.

loirinhos, bonitinhos, não é isso, eu gosto dos exóticos mesmo. Adoro exóticos. Os latinos. Não os meninos de cabelos arrumadinhos, ajeitadinhos, fortinhos, sacou? Isso eu considero padrão. Eu gosto dos estranhos.

A fala de Malhadinho³³ me trouxe alguns questionamentos. Afinal, esses sujeitos podem ser considerados estranhos porque não seguem uma norma? Culturalmente, os latinos não podem ser sinônimo de beleza, também? Nas últimas páginas de sua obra, Wolf (1992) chama a atenção para as implicações do padrão de beleza direcionadas ao público masculino: “a próxima será a vez deles” (p. 385). A autora alerta para o crescente uso das imagens de homens dentro de um padrão de beleza determinado e como isso vem afetando a confiança desses sujeitos. Em especial, Wolf percebe este fenômeno com relação aos homens *gays*: “usando imagens da subcultura homossexual masculina, a propaganda começou a retratar o corpo masculino num mito da beleza próprio” (WOLF, 1992, p. 385).

Na percepção da autora, as imagens dos homens, em sua maioria, são propensas a focar principalmente na sexualidade masculina. Como consequência, elas tenderiam a “prejudicar o amor-próprio sexual dos homens em geral” (WOLF, 1992, p. 385). Neste sentido, agora concentrando a discussão sobre os homens heterossexuais, a autora entende que as imagens masculinas de beleza começam a criar “meias-verdades” para os homens sobre o que as mulheres querem e como elas os veem; em um paralelo ao modo como, tradicionalmente, as mulheres têm imagens de seu gênero retratando, também de maneira infiel, o modo como os homens as desejam e as veem (WOLF, 1992).

A observação da autora parece igualmente pertinente no que concerne aos homens *gays*. Ao questionar sobre como o padrão de beleza voltado para esses é construído no *Grindr*, entendo que também são criados sentidos sobre o que esses sujeitos esperam (ou devem esperar) dos parceiros dos quais estão em busca, bem como sentidos de como eles deveriam ser para serem atraentes para futuros parceiros. Couro²³ mostrou essa produção de sentidos, ao dizer que a beleza é o ponto principal que chama atenção, mas não significa que é apenas isso, pois a pessoa sem a foto também seria respondida. Ele disse:

[...] o que vai te chamar atenção é aquilo que tem mais tendência a gostar, mas eu não diria sim. Eu acho que a beleza me chama atenção pra olhar o perfil e chamar pra conversa e responder. Quando a pessoa tem a foto e eu, também, respondo quem não tem foto porque ela pode mandar, dependendo do papo.

A partir da fala de Couro²³, percebo que os interlocutores da presente pesquisa têm conhecimento das normas e da valorização hegemônica desse sistema de corpos e de construções de si por meio das imagens. E, ao mesmo tempo que expunham falas que indicavam

já terem sofrido por essas regras e padrões, reconheciam que também eram reprodutores delas. Muito se diz sobre o modelo padrão de beleza. Será que apenas corpos vistos a partir de uma masculinidade hegemônica perpassam a preocupação com a aparência e com a beleza desses homens? As imagens aqui retratadas, os dados, as percepções, foram estratégias para perceber como essa variedade de outros se ressaltam ainda mais na questão imagética, corporal e da própria beleza.

Nesse sentido, ser forte e musculoso estaria relacionado à saúde, o que também afastaria esses sujeitos da discriminação e do preconceito? Ainda quanto da dimensão social do corpo, o culto a esse padrão de beleza, do corpo lapidado e musculoso, também funciona como um meio de distinção social, uma vez que reflete certo grau de investimento financeiro, físico e emocional, na manutenção desse padrão de beleza? O corpo que atende a este padrão estaria, assim, numa posição de superioridade, tanto na vida amorosa, sexual, profissional, quanto social, no sentido de distinção de classe? Percebo a existência de um estabelecimento de um padrão de beleza específico para o público ao qual se dirige o aplicativo, que se sintetiza na imagem de homens jovens, que atendem a um padrão corporal específico, ou seja, magro e musculoso.

Entendo, também, alguns significados que se depreendem do uso desse padrão, que se constitui, antes de mais nada, em sentidos instituídos socialmente, que circulam também no aplicativo. Ao mesmo tempo, percebo que há exclusão do outro quando não se apresentam determinadas características ou não se correspondem a determinadas expectativas, mesmo entre sujeitos tidos como abjetos. Constroem-se assim os abjetos dos abjetos nesse processo cultural estético-imagético, que envolve aspirações, idealizações e relações entre sujeitos.

LOGOUT

A construção desta dissertação faz parte de uma extensão dos potenciais de conhecimento sobre o mundo. Hoje e sempre somos rodeados por tecnologias e seus conjuntos de técnicas, aprimoradas e necessárias em cada contexto histórico-social. Os *smartphones* são úteis na construção dos nossos vínculos e fazem a extensão de nossos sentidos, a partir de suas funcionalidades. O que estamos vendo, hoje, é reflexo de uma sociedade que está em rede (conectada), a partir da sua relação com os objetos. Compreender o hoje é levar em conta a junção das práticas técnicas e das sociais, pois os produtos, as tecnologias que estão ao nosso redor fazem parte de um processo social que causam impactos econômico, político e sociais. Vivemos uma consolidação das transformações tecnológicas e sociais, que não podem ser compreendidas de modo separado e, hoje, destaco os *smartphones* e os aplicativos presentes na sociedade contemporânea. Os relacionamentos, também, fazem parte desse processo comunicacional e de troca entre sujeitos, por isso que, hoje, seu mercado é visto como promissor e lucrativo.

Os aplicativos que fazem parte desse universo utilizam estratégias para conquistarem seu público principal. Na presente pesquisa, os processos comunicacionais e sociais na ambiência do *Grindr* foram escolhidos como *corpus* de análise, por apresentarem praticidade através de um conjunto principal e importante na época de sua criação, que é a geolocalização. Vale ressaltar que os interlocutores desta pesquisa demonstraram, no *Grindr*, práticas sociais relacionadas ao poder e à resistência de uma sociedade heteropatriarcal. Apesar disso, ainda é perceptível, nas publicidades do *app*, o reforço à imagem de homens viris e referências do que seria a masculinidade dentro da heteronormatividade, ainda que essas representações acabem por divergir de uma parte dos homens presentes no aplicativo.

As negociações e os códigos sociais também estão presentes nas performances dos sujeitos no *app* e estão baseadas em fatores que transversalizam as escolhas e a exibição da face no *Grindr*, tais como o casamento em um regime heterossexual, família conservadora ou o próprio preconceito carregado por fazer parte de uma norma caracterizada como desviante. Por isso, muitas vezes, esses homens estão em sigilo e buscam preservar a exposição de suas faces e identidades. Daí o porquê de, em muitos casos, não haver a disponibilidade de imagens dos rostos nos perfis. Essas trocas fazem com que o medo, também, opere pelos dois usuários do aplicativo. Posso dizer que eles não querem ser descobertos, mas estão, ao mesmo tempo, querendo algo com alguém do outro lado da tela, de forma mais obscura e em segredo.

De forma mais precisa, percebi o quanto as performances dos usuários são rituais na construção das práticas sociais, no contexto coletivo e subjetivo. Porém, apesar de estarem interagindo em um mesmo “lugar”, os interlocutores nem por isso traçam buscas e caminhos iguais. É possível observar as demarcações que são apresentadas por conta dos seus posicionamentos e lugares de fala. Por isso, as categorias trabalhadas nesta pesquisa, como as práticas comunicacionais, sociais e o diálogo com a tecnologia, imagem e as práticas e vivências de gênero e da vivência da sexualidade, são importantes para demarcar as identidades sociais percebidas nos vínculos entre si e os demais. Essas reflexões apontaram para o quanto somos seres imagéticos e de como o corpo tem um poder no olhar desse universo, o que foi percebido tanto nas entrevistas realizadas com os interlocutores, quanto na observação participante deste estudo.

Aproveito para frisar que essa visibilidade, por meio da imagem, chamou-me a atenção. Os interlocutores comentaram sobre isso direta e indiretamente, ao que me questiono as razões pelas quais esse universo *gay* ser tão sexualizado. Seria um reforço da mídia, dos aplicativos e dessa construção social? Compreendo, aqui, que há a possibilidade de aprofundamento do assunto, especialmente no que tange aos processos de sexualização desses sujeitos. Destaco, também, que precisamos entender essas práticas e tensioná-las, porque ainda estão em um contexto negativo por conta da LBGITifobia. É preciso trazer discussões a partir dos estudos masculinos e agregar aos estudos feministas e aos estudos *queer*, para mostrar sua importância em um contexto em que a categoria de gênero é operacionalizada e os desejos ainda são questionados e violados. Os interlocutores pensavam sobre isso, mas, ao mesmo tempo, divergiam.

Percebo como, no âmbito do social e dos vínculos daí advindos, acaba-se por negociar e ser negociado. As falas dos interlocutores mostraram alguns dos traços de convívio social no âmbito *off-line*. Os encontros, por exemplo, ao mesmo tempo em que eram agenciados, eram opressões ou não, mas por que acontece dessa forma? Mais uma vez, a heteronormatividade compulsória age e oprime sujeitos considerados abjetos. O que fica, aqui, como ponto de reflexão é a forma da naturalidade e das reproduções dessas posturas em algumas falas e gestos. Isso ocorre, também, nas fotos, nos corpos, nos perfis que criam redes seletivas nesse contexto sexual e talvez amoroso. Há amor? Foi uma aflição que eu percebi, já que o que menos se falou foi de relacionamento sério ou de algo mais sólido. O que, muitas vezes, importava parecia ser a busca pela satisfação do sujeito desejante, em experiências nas quais os corpos e a beleza desempenham papel fundamental.

Os resultados trazidos durante a pesquisa de campo destacaram a importância visual no *Grindr*. Ficou evidente que os homens, que usam esse aplicativo, querem enxergar e interagir com os diferentes tipos de imagens e, principalmente, quando essas imagens têm um teor mais sexual ou algo que chame mais atenção. Isso é confirmado na grande quantidade de interações que saltaram na última semana da observação participante. Foi usada uma foto corporal, que destacava um homem considerado viril e másculo e que mostrou um grande alcance comparado com a semana em que se iniciou a observação. Será que todos os corpos teriam esse tipo de aceitação? Percebi que, aos poucos, as interações cresciam porque algo era mostrado. O que se comprova é que a nossa sociedade está baseada e regrada por conta da imagem para estabelecer algum vínculo e como ela nos mostra esse poder.

Dessa maneira, entendi que isso é um jogo de diferentes tipos de negociações. Aqueles, que publicavam ou não suas próprias imagens, queriam ver outras imagens, para ter algum vínculo. Isso destacou que, mesmo no sigilo, essa procura também é fundamental, porque lá pode se negociar de diversas formas. O que foi interessante perceber foi como a estratégia adotada trouxe percepções ricas; isso foi compreendido durante a conversa com os interlocutores inicialmente, que apontavam perspectivas pessoais e que contribuíram para a construção do trabalho e da construção visual do próprio perfil. Sendo assim, entendi que esses processos sociais e comunicacionais trazidos na questão problema do trabalho mostraram as diferenças e as similaridades do pensamento social e da maneira que relacionam o sexo em seus âmbitos e contextos e, por meio disso, trazendo oportunidade de debates e reflexão.

Diante disso, deixo minha satisfação por explorar sentidos e perspectivas em relação ao tema, compreender essas relações sociais e perceber como os objetos, criados por nós, configuram nossos modos de vida. Reconheço que saio diferente e com uma visão distinta sobre essa discussão e que o tempo e o espaço são recortes necessários para uma temática abrangente que, talvez nunca finalizada, apenas só se modificando, a partir dos novos contextos e novos sujeitos e novas expressões, a partir das relações culturais e sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. **Nordestino: uma invenção do falo.** Uma história do gênero masculino (Nordeste-1920/1940). São Paulo: Intermeios, 2013.

AUMONT, Jacques. **A imagem.** São Paulo: Papirus, 2012.

AUSTIN, John. **How do Things With Words.** Oxford: Great Britain, 1962.

BAITELLO JUNIOR, Norval. **Podem as imagens devorar os corpos?** Revista Sala Preta (USP), v.1, p. 77-82, 2007. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/salapreta/issue/view/4699>. Acesso em: 27 fevereiro 2020.

BAITELLO JUNIOR, Norval. **As imagens que nos devoram. Antropofagia e Iconofagia.** São Paulo: Centro interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia, 2000. Disponível em: <http://www.cisc.org.br/portal/index.php/biblioteca/viewdownload/7-baitello-junior-norval/5-as-imagens-que-nos-devoram-antropofagia-e-iconofagia.html>. Acesso em 19 fevereiro 2020.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida.** Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos.** Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BASTOS, Gustavo Grandini. **Os sujeitos gays nas tramas da(s) rede(s): o discurso sobre os aplicativos de relacionamento.** 2018. 328 f. Tese de Doutorado, Faculdade de Filosofia: Ciências e Letras, Ribeirão Preto, SP. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59142/tde-25082018-224849/publico/gustavograndinibastosversaocorrigida.pdf>. Acesso 01 março 2020.

BAYDOUN, Mahamoud. **“Não curto nem curto afeminados”:** Reflexões viadas sobre a masculinidade hegemônica e a efeminofobia no *Grindr*. 195 f. 2017. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Psicologia) – Fundação Universidade Federal de Rondônia. Porto Velho, RO, 2017.

BELELI, Iara. **O Império das Imagens:** construção de afinidades nas mídias digitais. Cadernos Pagu (44), Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero Pagu - UNICAMP, 2015, p. 91-114.

BLACKWELL, C.; BIRNHOLTZ, J.; ABBOTT, C. **Seeing and being seen:** Cosituation and impression formation using *Grindr*, a location-aware gay dating app. *New Media and Society*, vol.17, n. 7, pp.1117-1136, 2015. Disponível em: DOI:10.1177/1461444814521595. Acesso em: 19 fevereiro 2020.

BUTLER, Judith. **Bodies that matter.** London: Roudedge, 1993.

BUTLER, Judith. 2003. **Problemas de gênero:** Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. **Cuerpos que importan.** Sobre los límites materiales y discursivos del sexo. Buenos Aires: Paidós. 2002.

BUTLER, Judith. **Undoing gender**. New York: Routledge, 2004.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, Manuel; FERNÁNDEZ-ARDÈVOL, Mireia; QIU, Jack Linchuan; SEY, Araba. **Comunicación móvil y sociedad, una perspectiva global**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2007.

CONNELL, Robert W. **Políticas da masculinidade**. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 185-206, 1995.

CONNELL, Robert W. **Masculinidades**. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2003.

CONNELL, Robert W; MESSERSCHMIDT, James W. **Masculinidade hegemônica: repensando o conceito**. Estudos Feministas, Florianópolis, n. 21, v.1, p. 241-282, 2013.

COURTINE, Jean Jacques. Robustez na cultura: mito viril e potência muscular. In A. Corbin, J. J. Courtine, G. Vigarello (Orgs.), **História da virilidade** (v. 3, p. 554-578, Noéli C. de Mello Sobrinho e Thiago de Abreu e Lima Florêncio, trad.). Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

CROOKS, Roderic N. **The Rainbow Flag and the Green Carnation: Grindr in The Gay Village**. First Monday, [S.l.], nov. 2013. Disponível em: <https://firstmonday.org/ojs/index.php/fm/article/view/4958/3790>. Acesso em: 19 fevereiro 2020.

ELIAS, Norbert. **A Sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2009.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: o nascimento da prisão**. Tradução Raquel Ramallete. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade**, vl. 1 - A Vontade de Saber. 13ª edição. São Paulo: Graal. 2003.

FOUCAULT, Michel. **De espaços outros**. Estudos Avançados, 27(79): 113-122, 2013. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/68705/71285>. Acesso em: 06 de maio de 2019.

FRÚGOLI, Heitor. **Sociabilidade urbana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

GEERTZ, Clifford. **The interpretation of cultures**. New York: Basic Books, 1973.

GEERTZ, Clifford. **Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIDDENS, A. **A transformação da intimidade: a sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas.** São Paulo: Editora Unesp, 1993.

GOFFMAN, Erving. **The presentation of self in everyday life.** EUA, Anchor Books Edition: 1959.

GOFFMAN, Erving. **The interaction order:** American Sociological Association, 1982 Presidential Address. *American Sociological Review*, 48 (1): 1-17, 1983.

GOFFMAN, Erving. **Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face.** (Coleção Sociologia) Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

GOGGIN, Gerard. **Ubiquitous apps: politics of openness in global mobile cultures.** *Digital Creativity*, v. 22, n. 3, 2011.

GROSSKOPF, Nicholas A.; LEVASSEUR, Michel T; GLASER, Debra B. **Use of the internet and mobile-bases “apps” for sex-seeking among men with have sex with men in New York city.** *American Journal of Men’s Health*, 2014, vol 8 (6), 510 - 520. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/1557988314527311>. Acesso em 19 março 2020.

HAMMERSLEY, Martyn; ATKINSON, Paul. **Etnography: Principles in Practice.** London: Tavistock, 1983.

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue. *In: TADEU, Tomaz (org.). Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano.* 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na Pós-Modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1997.

HEILBORN, Maria Luiza; AQUINO, Estela M. L.; BOZON, Michel; KNAUTH, Daniela Riva. **O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros.** Rio de Janeiro: Garamond e Fiocruz, 2006.

HINE, Cristine. **Etnografia virtual.** Barcelona, Editorial UOC, 2004. Disponível em: <https://www.uoc.edu/dt/esp/hine0604/hine0604.pdf>. Acesso em: 15 abril de 2020.

ILLOUZ, Eva. **Amor em tempos do capitalismo.** Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

IRIBURE, André. **As representações das homossexualidades na Publicidade e Propaganda veiculadas na Televisão Brasileira: Um olhar contemporâneo das últimas três décadas.** 309 f. 2008. Tese de Doutorado (Comunicação e Informação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

JAMESON, Fredric. **Pós-modernismo, a lógica cultural do capitalismo tardio.** São Paulo, Ática, 1996.

JARDIM, Maria Chaves; MOURA, Paulo José Carvalho. **A construção social do mercado de dispositivos de redes sociais: a contribuição da sociologia econômica para os aplicativos de afeto.** TOMO. n° 30 Jan./Jun. 2017

JHONSON, Steve. **Cultura da Interface**: como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar. Rio de Janeiro; Jorge Zahar Ed., 2001.

KIMMEL, Michel S. **A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas**. Horizontes Antropológicos. UFRGS/IFCH. Porto Alegre, p. 103-118, 1998.

LASEN, Amparo. **Affective Technologies**: emotions and mobile phones. Surrey: The Digital World Research Centre, 2004.

LEMOS, André. **Cultura da Mobilidade**. Revista Famecos, n. 40, p. 28-35, dez. 2009.

LEMOS, André. Interações mediadas e remediadas: controvérsias entre as utopias da cibercultura e a grande indústria midiática. *In*: **Interações em rede**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

LIPOVESTSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A cultura-mundo**: resposta a uma sociedade desorientada. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: Uma perspectiva pós estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes (org.) **O corpo educado**: Pedagogias da Sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. **Um Corpo Estranho**: Ensaios sobre sexualidade e teoria *queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

MAFFESOLI, Michel. **O Imaginário é uma realidade**. Revista Famecos, n. 15, pp. 74-82, Porto Alegre: UFRGS, 2001.

MALUF, Sônia Weidner. **Corpo e corporalidade nas culturas contemporâneas**: abordagens antropológicas. Esboços - Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC, [S.l.], v. 9, n. 9, p. pp. 87-101, jan. 2001. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/563/9837>. Acesso em: 19 fevereiro 2020.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Até que ponto, de fato, nos comunicamos?** Uma reflexão sobre o processo de individuação e formação. São Paulo: Paulus, 2004.

MAUSS, Marcel. Técnicas corporais. *In*: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974.

MAY, Tim. Pesquisa social. **Questões, métodos e processos**. Porto Alegre, Artemed, 2001.

MCCRACKEN, Grant. **Cultura e consumo**: novas abordagens ao caráter simbólico dos bens e das atividades de consumo. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. Trad.: Décio Pignatari. 1. ed. São Paulo: Cultrix, 1998.

MEDEIROS, Ettore Stefani de. SILVA, Mauro Sérgio Francisco da. Discretos e Sigilosos: regimes de invisibilidade no *Grindr* e o reforço da masculinidade hegemônica. In: **Dar-se a ver**: textualidades, gêneros e sexualidades em estudos da comunicação [recurso eletrônico] / Organizadores: Juliana Soares Gonçalves, Vanessa Costa Trindade, Felipe Viero Kolinski Machado. Belo Horizonte (MG): PPGCOM/UFMG, 2018.

MILLER, Brandon. **They're the modern-day gay bar**: exploring the uses and gratifications of social networks for men who have sex with men. *Computer in Humana Behavior*. Volume 51, October, 2015. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0747563215003945>. Acesso em 19 de fevereiro 2020.

MILLER, Daniel. **Trecos, troços e coisas**: estudos antropológicos sobre a cultura material. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

MIRZOEFF, Nicholas. **An introduction to visual culture**. London: Routledge, 1999.

MISKOLCI, Richard. **A Teoria Queer e a Questão das Diferenças**: por uma analítica da normalização. Congresso de leitura do Brasil 16, 1-19, 2007.

MISKOLCI, Richard. **O desejo da nação**: masculinidade e branquitude no Brasil de fins do XIX. São Paulo: Annablume, 2012a.

MISKOLCI, Richard. A Gramática do Armário: notas sobre segredos e mentiras em relações homoeróticas masculinas mediadas digitalmente. In: PELÚCIO, Larissa et al. (org.). **Olhares plurais para o cotidiano**: gênero, sexualidade e mídia. 1ª ed. Marília: Cultura Acadêmica, 2012b. p. 35-55.

MISKOLCI, Richard. **O armário ampliado**: notas sobre sociabilidade na era da internet. *Gênero*, Niterói: Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero, v. 9, n. 2, p. 171-190, 2009.

MISKOLCI, Richard. **Machos e Brothers**: uma etnografia sobre o armário em relações homoeróticas masculinas criadas on-line. *Rev. Estud. Fem.*, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 301-324, Apr. 2013.

MISKOLCI, Richard. **Estranhos no paraíso**: notas sobre os usos de aplicativos de busca de parceiros sexuais em San Francisco. 2014a.

MISKOLCI, Richard. **San Francisco e a nova economia do desejo**. Lua Nova: Revista de Cultura e Política, nº.91 São Paulo Jan./Apr. 2014b.

MISKOLCI, Richard. **Discreto e fora do meio** - Notas sobre a visibilidade sexual contemporânea. *Cad. Pagu*, Campinas, n. 44, p. 61-90, junho, 2015.

MISKOLCI, Richard. **Introdução à teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

MISKOLCI, Richard. **Desejos Digitais**: Uma análise sociológica da busca por parceiros *on-line*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

MISKOLCI, Richard; PELÚCIO, Larissa, (Org.). **Discursos fora da ordem**: sexualidades, saberes e direitos. São Paulo: Annablume, 2012.

MOWLABOCUS, Sharif. **Gaydar Culture**: *gay* men, technology and embodiment in the Digital Age. London: Ashgate Publishing, 2010.

MOWLABOCUS, Sharif. Cultura do *Gaydar*: torcendo a história da mídia digital na Grã-Bretanha do Século XX. In: Larissa Pelúcio et al. (org.). **No emaranhado da rede**: gênero sexualidade e mídia: desafios teóricos e metodológicos do presente. São Paulo: Annablume, 2015. p. 49-80.

NÓBREGA, Livia **A construção de identidades nas redes sociais**. Fragmentos de Cultura, Goiânia, v. 20, n. 1/2, p. 95-102, jan./fev. 2010.

PADILHA, Felipe André. **O segredo é a alma do negócio**: Mídias digitais móveis e a gestão da visibilidade do desejo homoerótico entre homens na região de São Carlos. 121 f. 2015. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, UFSCAR, 2015.

PARKER, Richard G. **A Construção da Solidariedade**: AIDS, sexualidade e política no Brasil. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, ABIA: IMS, UERJ, 1994.

PEDRO, Joana. **Relações de gênero como categoria transversal na historiografia contemporânea**. Topoi, Rio de Janeiro, v. 12, n. 22, jan-jun, p. 270-283, 2011.

PELLANDA, Eduardo Campos. Comunicação móvel no contexto brasileiro. In: LEMOS, André; JOSGRILBERG, Fabio (Org.). In: **Comunicação e mobilidade**: aspectos socioculturais das tecnologias móveis de comunicação no Brasil. Salvador: EDUFBA, 2009.

PELÚCIO, Larissa. **Amor em tempos de aplicativos**: masculinidades heterossexuais e a negociações de afetos na nova economia do desejo. 2017. Tese (livre-docência) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, 2017. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/154656>>. Acesso em 19 fevereiro de 2020.

PELÚCIO, Larissa. **"Vamos fazer isso pessoalmente"**: masculinidades contemporâneas negociação dos afetos na busca de parcerias amorosas e sexuais por de aplicativos móveis. In: 30ª REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA: João Pessoa, 2016.

PERLONGHER, Néstor. **Disciplinar os poros e as paixões**. Lua Nova. São Paulo, 1985.

PERLONGHER, Néstor. **O negócio do michê**: a prostituição viril em São Paulo. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2008.

PINTO, Álvaro Vieira. **O Conceito de Tecnologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

RAMOS, Jair de Souza. **Subjetivação e poder no ciberespaço**: Da experimentação à convergência identitária na era das redes sociais / *Subjectivity and power in cyberspace. From experimenting to identity convergence in the age of social networks*. Revista de Antropologia Vivência, Natal, v. 1, n. 45, 18 nov. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/vivencia/article/view/8251/5921>. Acesso em 19 fevereiro 2020.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível** – estética e política. São Paulo: Ed 34, 2005.

RECUERO, Raquel. **A conversação em rede**: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet. Porto Alegre: Sulina, 2012.

RÜDIGER, Francisco. **As teorias da comunicação**. Porto Alegre: Penso, 2011.

SANTOS, Sheila Cavalcante dos. **Curtir ou não curtir**: Experimentações a partir do *Tinder*. Dissertação de Mestrado Programa de Pós-Graduação em Antropologia Universidade Federal da Paraíba, 2018. CCHLA, 178 f.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. How to Bring Your Kids Up *Gay*: The War on Effeminate Boys, *In*: SEDGWICK, Eve Kosofsky. **Tendencies**. Durham, NC: Duke University Press, 1991, p. 154-164.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. **A epistemologia do armário**. Cadernos Pagu. 28. Jan-jun, pp. 19- 54, 2007.

SIBILIA, Paula. **O show do eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SIBILIA, Paula. **O corpo velho como uma imagem com falhas**: A moral da pele lisa e a censura midiática da velhice. Revista Comunicação, Mídia e Consumo, São Paulo, v. 9, p. 83-114, 2012. Disponível em: <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/>. Acesso em: 20 fevereiro 2020.

SIBILIA, Paula. **O corpo como máquina**: Da normalização à otimização. Revista Eletrônica de Jornalismo Científico. Com Ciência [Publicação on-line], 2016. Disponível em: <http://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=120&id=1462>. Acesso em 20 abril 2020.

SILVA, Michel de Oliveira; LONDERO, Rodolfo Rorato. **Imagens que consumimos, imagens que nos consomem**: afetações do corpo na era da virtualidade. Discursos Fotográficos, Londrina, v.11, n.18, p.13-33, jan./jun. 2015.

SILVA, Natanael de Freitas. **Historicizando as masculinidades**: considerações e apontamentos à luz de Richard Miskolci e Albuquerque Júnior. História, histórias, 3(5), 7-22, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.26512/hh.v3i5.10826>. Acesso em 19 março 2020.

SIMMEL, Georg. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

SIMMEL, Georg. **Questões Fundamentais da Sociologia**: Indivíduo e Sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

SCOTT, Joan. Gênero: um conceito relevante para a análise histórica. In: **Educação & Realidade**, v. 20, n. 2, Porto Alegre, 1995.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho**: uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis: Vozes, 2002.

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política**. Petrópolis: Vozes, 2006.

SODRÉ, Muniz. **Sobre a episteme comunicacional**. Revista Matrizes, n. 1, p. 15-26, outubro de 2007. Disponível *on-line* em: <http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/view/38>. Acesso em 19 dezembro 2019.

SOUSA, Maíra de Cássia Evangelista de. **Jornal e mobilidade: reconfigurações do impresso ao multiplataforma**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Porto Alegre, 2018.

STRAUSS, Anselm Leonard. **Espelhos e Máscaras: A busca de identidade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

SZYMANSKI, Heloisa. **A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva**. Brasília: LIBER LIVRO, 2004.

TILLEY, Christopher. 2008. **Objetification**. Handbook of Material Culture, New York: Sage, 2008.

TURNER, Victor. **O Processo Ritual Estrutura e Anti Estrutura**. São Paulo: Vozes, 1974.

TRANCOSO, Alcimar Enéas Rocha; OLIVEIRA, Adélia Augusta Souto. **Produção social, histórica e cultural do conceito de juventudes heterogêneas potencializa ações políticas**. [*on-line*] Belo Horizonte, Jan./Apr. 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822014000100015. Acesso em 10 de dezembro de 2019.

TURKLE, Sherry. **Reclaiming Conversation: The Power of Talk in a digital age**. Penguin Books USA, 2016.

VASCONCELOS, Osvaldo da Silva; VIEIRA, Manuela do Corral; LAGE, Danila Gentil Cal. **Vitrine virtual: comunicação, práticas corporais e sociabilidade no Grindr**. Verso e Reverso, Unisinos, pp. 36-45, jan-abril, 2017. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/view/ver.2016.31.76.04>. Acesso em 10 de abril de 2019.

VIEIRA, Manuela. **Os jovens flâneurs.com: A construção e a liquidez da identidade no espaço das redes sociais da internet**. 2013. 219f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2013.

VIEIRA, Manuela. **Vigilância e anonimato em aplicativos mobile: um estudo sobre a privacidade em relações homoafetivas no digital**. Liinc em Revista, Rio de Janeiro, v.12, n.2, p. 308-321, novembro, 2016.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres**. Ed. Rocco: Rio de Janeiro, 1992.

WOLTON, Dominique. **Pensar a comunicação**. Miraflores: Difusão, 1999.

APÊNDICE A – TERMO DE LIVRE CONSENTIMENTO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO COMUNICAÇÃO, CULTURA E AMAZÔNIA
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

REGISTRO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar da pesquisa de mestrado intitulada, provisoriamente, “**EU ENCONTREI ELE NO GRINDR:** os rituais de consumo e as interações afeto-sexuais entre sujeitos homoafetivos”, realizada no âmbito do Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará (PPGCom/UFPA). O objetivo da pesquisa é identificar a busca por sexo e/ou relacionamentos dos sujeitos *gays* no aplicativo *Grindr*, na cidade de Belém.

As informações serão obtidas mediante a realização de entrevistas e serão utilizadas estritamente para o fim desta pesquisa. Não serão divulgadas informações pessoais que não digam respeito à temática do trabalho. A identidade será preservada mediante a supressão de nomes ou o uso de nomes fictícios. Se houver fornecimento de informações confidenciais, serão tratadas com sigilo.

Sua participação é voluntária, isto é, não é obrigatória. A qualquer momento você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não acarretará nenhum prejuízo à sua relação com o pesquisador responsável, PPGCom ou com a UFPA. Você tem garantido o acesso aos resultados da pesquisa divulgados em apresentações e publicações científicas, bem como poderá ter acesso à Dissertação, em formato digital, enviada por e-mail.

O presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi elaborado com base nas diretrizes da Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016, do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UFPA. O CEP se constitui em um grupo de colegas interdisciplinares e independentes criados para defender os interesses do sujeito da pesquisa em sua integridade de dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

Caso concorde em participar da pesquisa “**EU ENCONTREI ELE NO GRINDR:** os rituais de consumo e as interações afeto-sexuais entre sujeitos homoafetivos”, favor assinar ao

final do documento. Por fim, registra-se que você receberá uma cópia deste termo em que consta os contatos do aluno responsável, podendo tirar dúvidas sobre o projeto e sua participação, bem como os contatos do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).

Elson Silva dos Santos
Pesquisador Responsável

REGISTRO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, brasileiro, inscrito sob o número de CPF: _____ e RG: _____, concordo em participar, voluntariamente, da pesquisa acima referida e declaro que sou maior de 18 anos, que li as informações contidas neste documento e fui devidamente informado pelo autor da pesquisa sobre os objetivos, sobre os procedimentos que serão utilizados e sobre a confidencialidade da pesquisa. Foi-me garantido que posso retirar o consentimento a qualquer momento, sem qualquer penalidade. Declaro, ainda, que recebi uma cópia deste Termo de Consentimento. Os resultados obtidos durante este estudo serão divulgados em apresentações e publicações científicas, desde que meus dados pessoais não sejam mencionados sem meu consentimento expresso.

Assinatura

Belém, _____ de _____ de 2019.

APÊNDICE B – ROTEIRO SEMIESTRUTURADO

Filtro 1: Você usa/usou o aplicativo *Grindr*?

Filtro 2: Você se considera jovem? Por quê?

Parte I

- 1) Qual a sua idade?
- 2) Qual o seu estado civil?
- 3) Qual sua escolaridade? Formação?
- 4) Qual é o seu sexo biológico?
- 5) Qual é a sua identidade de Gênero?
- 6) Qual é a sua orientação sexual?

Parte II

- 7) O que você entende por tecnologia?
- 8) Você acha que ela (a tecnologia) ajuda na comunicação? Como?

Parte III

- 9) Há quanto tempo você possui smartphone? Alguém mais usa o seu smartphone? Por quê?
- 10) Geralmente, quais são os aplicativos que você mais usa (cite alguns)? Por quê?
- 11) Você esconde ou já escondeu algo de alguém no seu smartphone? O quê?
- 12) Em algumas situações e para algumas pessoas o sexo é um assunto tabu. Como você se sente sobre esse assunto com membros mais próximos?
- 13) O que você entende por relacionamento? Por que estar em um aplicativo com esse objetivo?
- 14) Os aplicativos de relacionamento fazem parte do seu cotidiano há quanto tempo? Quais já utilizou? Quais mais utiliza atualmente? Por quê?
- 15) Por que você começou a utilizar *apps* de relacionamento?
- 16) Me conte como é o seu processo de interação no aplicativo.
- 17) Quais motivos você salva o contato telefônico, se vier a ter acesso, de uma pessoa que esteja se relacionando nesses *apps*?
- 17) Você costuma disponibilizar fotos suas no *app*? Se sim, de quais tipos?
- 18) Você costuma enviar fotos em outros canais de conversação? Se sim, de quais tipos?

- 19) Já teve alguma dificuldade em preservar sua privacidade nesses *apps* ou nos contatos que teve a partir deles? De quais tipos?
- 20) Qual seu critério para escolher uma pessoa para vir a falar nesses *apps*? O que você costuma priorizar?
- 21) O que é um corpo desejado para você? Já teve experiência com algum usuário com esse tipo de corpo?
- 21) Se a pessoa não coloca ou não envia fotos, isso interfere na sua decisão de se relacionar com ela? Por quê?
- 22) Já teve experiências sexuais por intermédio desses *apps*? Aqui em Belém ou em outra cidade? Há diferença?
- 23) Quanto tempo costuma manter contato com as pessoas que se relaciona nesses *apps*? Conhece um relacionamento que durou depois desses encontros casuais?
- 24) Se você estiver namorando ou ficando mais vezes com uma mesma pessoa, você ainda faz uso desses *apps*? Por quê?
- 25) Já pensou em sair e não mais utilizar esses *apps*? Por quê?

APÊNDICE C – FICHA DE TABULAÇÕES DE DADOS DO CAMPO

Semana: 1, 2, 3 ou 4

Período:	00/00/0000 – 00/00/0000
Grupo:	<i>Taps</i> ou Mensagens

DIAS DA SEMANA (*exemplo*)

25/07	26/07	27/07	28/07	29/07	30/07	31/07

IDADE

18		26		34		42		X	
19		27		35		43			
20		28		36		44			
21		29		37		45			
22		30		38		46			
23		31		39		47			
24		32		40		48			
25		33		41		49			

IMAGEM

Sim	Não

TIPO DE IMAGEM

Rosto	Corpo	Rosto e Corpo	Neutra